

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

MAYÃ POLO DE CAMPOS

MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL E OS SIGNIFICADOS DE SUAS
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS E ESPACIAIS: TEU CORPO É O ESPAÇO MAIS
TEU POSSÍVEL

PONTA GROSSA - PR
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

MAYÃ POLO DE CAMPOS

MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL E OS SIGNIFICADOS DE SUAS
EXPERIÊNCIAS CORPORAIS E ESPACIAIS: TEU CORPO É O ESPAÇO MAIS
TEU POSSÍVEL

Dissertação de Mestrado apresentada para a
obtenção do título de mestre no Programa de
Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em
Gestão do Território da Universidade Estadual
de Ponta Grossa (UEPG).

Orientadora: Profª Drª Joseli Maria Silva
Coorientadora: Profª Drª Maria Rodó-de-
Zárate

PONTA GROSSA - PR
2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

C198 Campos, Mayã Polo de
Mulheres vítimas de violência sexual e os significados de suas experiências corporais e espaciais: teu corpo é o espaço mais teu possível/ Mayã Polo de Campos. Ponta Grossa, 2016.
144f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Joseli Maria Silva.

Coorientadora: Prof^a Dr^a Maria Rodó-de-Zárate.

1.Corpo. 2.Espaço. 3.Violência sexual. I.Silva, Joseli Maria. II. Rodó-de-Zárate, Maria. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Gestão do Território. IV. T.

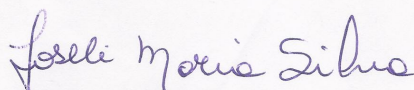
CDD: 364.153.2

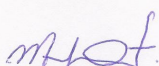
TERMO DE APROVAÇÃO

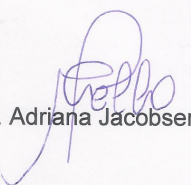
Mayã Polo de Campos

“MULHRES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL E OS SIGNIFICADOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS CORPORAIS E ESPACIAIS: TEU CORPO É O ESPAÇO MAIS TEU POSSÍVEL”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:


Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva
UEPG


Prof. Dr. Marcio Jose Ornat
UEPG


Prof^a. Dr^a. Adriana Jacobsen Mello
SECAL

Ponta Grossa, 09 de abril de 2016.



Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer suas experiências como mestre e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas.

(bell hooks, 2013, p.103)

AGRADECIMENTOS

Não são todos os agradecimentos desse trabalho de pesquisa podem ser feitos de maneira particular. Esse trabalho me envolveu com as mulheres que entrevistei, suas dores e alegrias de uma maneira que eu jamais imaginava. Hoje, eu entendo que ser mulher está presente em absolutamente tudo o que eu faço, em todos os locais que eu vou e em todas as relações que me dedico. Ser mulher está ligado diretamente com o meu corpo, bem como a maneira em que enxergo e me relaciono com o mundo. Esse trabalho me ensinou também, que a dor, pode ser transformada em ferramenta de luta e de sonhos. E que ninguém, além de nós mesmas, pode transformar esse sentimento, porém a ajuda de outras mulheres é indispensável para que esse processo se torne real. Sentir a dor e a alegria dessas mulheres, fez com que eu me enxergasse um pouco em cada uma delas e para outras mulheres além desse trabalho.

Cada mulher que eu conheço hoje, que eu encontro na rua, que eu me sento à mesa, é um pouco eu e eu sou um pouco ela. Sou todas as gerações de mulheres da minha família de sangue. Sou minhas bisavós Duzolina, Jerônima, Ida, Eulália, sou minhas avós Delourdes, Maria, sou minha mãe Nanci, sou Maysa, sou Mel. Sou Vanessa, Karin, Ana Carolina, Regina, Martha, Lucélia, Fernanda, Aila, Drica, Juliana, Indianara, Lola, Laís, Fátima, Marfiza, Joseli, Káritta, Lívia. Sou Anima, Makeda, Boudicca, Kahina, Nanny, Zenóbia, Yodit, Triêu Thi Trinh, Nzinga, Idia e Yennenga. Posso dizer, que não conhecia um amor tão revolucionário, bonito, horizontal e acolhedor como o que eu sinto por vocês.

Agradeço profundamente à todas essas mulheres pelo aprendizado. Ofereço destaque para as mulheres da minha família, obrigada por serem guerreiras, nossa geração sofre um pouco menos pois a geração de vocês brigou e lutou por nós!

À minha avó Delourdes, que acredita em mim, torce e vibra com cada etapa conquistada por nós. Vó, estaremos juntas, sempre!

À minha mãe, que me ensina desde pequena a ser uma mulher forte, de esquerda, feminista e determinada. E que, além disso, hoje luta do meu lado contra todas as formas de opressão. Seja estatal (29 de abril, nunca esqueceremos) ou as pequenas formas de desigualdades cotidianas. Mãe, sem você eu não seria nada.

À minha orientadora Professora Joseli Maria Silva, que me acolheu em mais esse passo, compartilhou emoções e me encorajou. Joseli, obrigada por estar ao

meu lado.

Às minhas amigas, que me ampararam, me abraçaram e se envolveram nesse trabalho acompanhando de uma forma linda. O meu sincero agradecimento por estarem lado a lado comigo na luta feminista diária. Vocês são muito importantes para esse trabalho e para a minha vida.

À coragem das mulheres que foram entrevistadas. Vocês são as minhas heroínas. Obrigada por serem cada uma, do jeito que vocês são. Obrigada por acreditar nesse trabalho, obrigada por acreditar em mim.

Aos homens que me ajudaram a realizar esse trabalho, meu muito obrigada! O mundo também precisa de vocês para a desconstrução dos ambientes de maior reprodução do machismo, aqueles exclusivos de vocês.

Professor Edson Silva, obrigada por toda a paciência, dedicação e aprendizado, através da sua metodologia, conseguimos dar forma e visibilidade aos discursos das mulheres de uma forma única.

Aos amigos do GETE, André e João, muito obrigada por todo apoio e ajuda. Vocês foram e são grandes companheiros de trabalho e de vida!

À todo o Grupo de Estudos Territoriais, vocês são os melhores e sem vocês, com certeza, seria muito mais difícil encarar o mundo!

E por fim, agradeço do meu mais profundo sentimento, ao meu companheiro Francisco Antunes, que me apoiou nos momentos mais difíceis desse trabalho, nos momentos das sombras, mas também nos momentos de alegria. Obrigada amor, sem você teria sido mais difícil.

RESUMO

Este trabalho tem como fio condutor a seguinte questão central: Como as mulheres significam a relação entre corpo e espaço a partir da experiência da violência sexual? Para responder tal questionamento foram realizadas 11 entrevistas com mulheres vítimas de violência sexual, entre 18 e 29 anos de idade, da cidade de Ponta Grossa-PR e também na cidade de Porto Alegre-RS. A metodologia utilizada para a sistematização dos dados é uma proposta de Silva e Silva (2016) que dialoga entre o qualitativo e o quantitativo através de representações de grafos, acompanhada de uma detalhada análise das comunidades semânticas e redes de significados das entrevistas. A pesquisa evidencia pontos centrais comuns na violência sexual sofrida pelas mulheres entrevistadas: o corpo enquanto um espaço de dor e empoderamento; espaço privado como um componente da violência; o agressor, em todos os casos, do sexo masculino; e parte considerável das vítimas estarem em situação de vulnerabilidade no momento da agressão.

Palavras-chave: Corpo. Espaço. Violência Sexual.

ABSTRACT

This work has as its guiding principle the following central question: How do women mean the relationship between body and space from the experience of sexual violence? To answer this question were conducted 11 interviews with women, between 18 and 29 old years, victims of sexual violence in the city of Ponta Grossa - PR and also in Porto Alegre - RS. The methodology used for the systematization of data is a proposal by Silva and Silva (2016), that dialogues between the qualitative and quantitative through representations of graphs, accompanied by a detailed analysis of semantic communities and networks of meanings of the interviews. The research shows common central points on sexual violence suffered by women interviewed: the body as a place of pain and empowerment; private space as a component of violence; the aggressor, in all cases, male; and a considerable part of the victims are in a vulnerable situation at the time of the sexual assault.

Keywords: Body. Space. Sexual Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- Crimes Contra a Liberdade Sexual, por tipo - Brasil e Unidades da Federação – 2013-2014.....	17
QUADRO 1	- Relação de Pessoas Entrevistadas e suas Características.....	48
FIGURA 2	- Transformação de Texto preparado em Tabela.....	50
FIGURA 3	- Google Refine.....	52
FIGURA 4	- Grafo Geral de Violência Sexual.....	54
FIGURA 5	- Mapa Mental Construído através do VUE para a Identificação das Categorias Discursivas.....	56
FIGURA 6	- Categorias Construídas no RQDA.....	58
FIGURA 7	- Primeiro Resultado Grafo Geral do GEPHI das Categorias Discursivas.....	60
FIGURA 8	- Representação de Escala como "Escada" e "Círculos Concêntricos".....	82
FIGURA 9	- Representação de Escala 'Toca de Minhoca'.....	84
FIGURA 10	- O Corpo feminino Representado por um Pedaco de Carne de Porco em Exposição.....	85
FIGURA 11	- Categorias Discursivas da Comunidade Semântica Violência Sexual.....	88
FIGURA 12	- Tabela Grau Ponderado do Laboratório de Dados da Comunidade 'Violência Sexual'.....	89
FIGURA 13	- Comunidade Semântica 'Violência Sexual' - Categoria 'Violência Sexual'.....	90
FIGURA 14	- Comunidade Semântica 'Violência Sexual' -Categoria 'Agressor'.....	93
FIGURA 15	- Comunidade Semântica 'Violência Sexual' - Categoria 'Relação Familiar'.....	95
FIGURA 16	- Comunidade Semântica 'Violência Sexual' - Categoria 'Casa'...	98
FIGURA 17	- Comunidade Semântica 'Violência Sexual' - Categoria 'Relação Amorosa'.....	103
FIGURA 18	- Comunidade Semântica Violência Sexual - Categoria 'Corpo'...	105
FIGURA 19	- Comunidade Semântica Violência Sexual - Categoria 'Corpo - Identidade Mulher'.....	106
FIGURA 20	- Comunidade Semântica Violência Sexual - Categoria 'Corpo – Sentimento'.....	110
FIGURA 21	- Comunidade Semântica Violência Sexual - Categoria 'Corpo – Locais'.....	112
FIGURA 22	- Comunidade Semântica Violência Sexual – Categoria 'Culpa'...	115
FIGURA 23	- Comunidade Semântica 'Reconstrução'.....	119

FIGURA 24	- Tabela Grau Ponderado do Laboratório de Dados da Comunidade 'Reconstrução'.....	120
FIGURA 25	- Comunidade Semântica 'Reconstrução' – Categoria "Acolhimento".....	121
FIGURA 26	- Comunidade Semântica 'Reconstrução' – Categoria 'Amizade'.	124
FIGURA 27	- Comunidade Semântica 'Reconstrução' – Categoria 'Feminismo'.....	127
FIGURA 28	- Comunidade Semântica 'Reconstrução' – Categoria 'Militância'	129
FIGURA 29	- Comunidade Semântica 'Reconstrução' – Categoria'Denúncia'.	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		12
CAPÍTULO I	- CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DA PESQUISA: ENTRE A DOR, ALÍVIO E EMPODERAMENTO.....	20
1.1	- CARTAS AOS LEITORES: 'O QUE IREI CONTAR É ASSUSTADOR PARA MIM'.....	21
1.1.1	- Carta de Amara aos leitores.....	21
1.1.2	- Carta de Zalika aos leitores.....	23
1.1.3	- Carta de Urbi aos leitores.....	24
1.1.4	- Carta de Dakarai aos leitores.....	26
1.1.5	- Carta de Zarina aos leitores.....	28
1.1.6	- Carta de Ndatté aos leitores.....	29
1.1.7	- Carta de Zaila aos leitores.....	31
1.1.8	- Carta de Yalla aos leitores.....	31
1.1.9	- Carta de Adelina aos leitores.....	33
1.1.10	- Carta de Mentewab aos leitores.....	35
1.1.11	- Carta de Shanakdakhete aos leitores.....	36
1.1.12	- Carta de Obá aos leitores.....	37
1.1.13	- Carta de Hatshepsut ao meu estuprador (que ele esteja entre os leitores).....	40
1.2	- A BUSCA PELO GRUPO E A PESQUISADORA: O PARADOXO DA DOR E DO EMPODERAMENTO.....	42
1.3	- ANÁLISE DOS DADOS E O DESAFIO DAS TÉCNICAS DE SISTEMATIZAÇÃO DO DISCURSO.....	49
CAPÍTULO II	- VIOLÊNCIA SEXUAL, GÊNERO, CORPO E ESPAÇO.....	62
2.1	- A VIOLÊNCIA SEXUAL, PODER E AS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	62
2.2	- CORPO ENQUANTO ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	73
2.3	- ESPAÇO E ESCALA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ANÁLISE DO CORPO.....	78
CAPÍTULO III	- EXPERIÊNCIA DA VIOLÊNCIA SEXUAL, ESPAÇO E CORPOREIDADE.....	87
3.1	- O CORPO COMO ESPAÇO PESSOAL: RELAÇÕES COM AGRESSOR, FAMÍLIA E A CASA.....	90
3.2	- O SILENCIAMENTO DAS MULHERES QUE SOFRERAM A VIOLÊNCIA SEXUAL E A CULPA.....	113
CAPÍTULO IV	- EXPERIÊNCIA DA VIOLÊNCIA SEXUAL, ESPAÇO E	

	RECONSTRUÇÃO.....	117
4.1	- ESPAÇOS DE ENUNCIAÇÃO SOBRE O SOFRIMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL.....	120
4.2	- OS CORPOS FEMININOS E OS ESPAÇOS DE RECUPERAÇÃO: RESISTIR É PRECISO!.....	125
	CONCLUSÃO	134
	REFERÊNCIAS	137
	APÊNDICE I	142

INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como fio condutor a seguinte questão central: 'Como as mulheres significam a relação entre corpo e espaço a partir da experiência da violência sexual?' Tal questão foi subdividida em três subquestões. A primeira é 'Como as vítimas de violência sexual constituem representações sobre si mesmas?' Esta questão procura responder a forma como a experiência da violência constitui as subjetividades femininas. A segunda questão é 'Como as experiências corporais são representadas no discurso das mulheres vítimas de violência sexual?' Esta questão se destina a constituir a forma como a violência sofrida é retratada pelas mulheres. A terceira e última questão é 'Como o espaço é instituído pela experiência das mulheres vítimas de violência sexual?' que norteia a resposta para compreender a relação paradoxal entre espaço, gênero e violência.

As questões estabelecidas são fruto de uma trajetória pessoal articulada com o ofício de pesquisadora do campo da Geografia. Primeiro, porque sou mulher, oriunda de uma família de baixa renda, sou feminista, e, a opressão de uma sociedade sexista marcam minha história de vida e as espacialidades por mim vivenciadas. Segundo, porque ao mesmo tempo sou uma pesquisadora do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) há cinco anos e isso me traz a responsabilidade de contribuir com o campo científico da Geografia brasileira. Embora seja perfeitamente compreensível que meu ser se constitui dessa totalidade, a produção científica com base na ciência modernas exige que a pessoa que pesquisa tenha uma postura de objetividade em relação ao objeto de estudo, separe-se dele e distancie-se.

Eu nunca consegui esta postura, o que me levava a pensar que nunca seria uma boa pesquisadora. Mas, em conversas com minha orientadora, leituras de feministas pós-coloniais e o encontro com bell hooks fizeram-me entender que este incômodo não era só meu. O incômodo era fruto de pessoas pesquisadoras que entram em uma estrutura organizada para oprimir novas formas de fazer ciência. Para que a ciência continue sendo algo elitizado, masculino e branco.

Resolvi então assumir meu papel no campo científico geográfico, sem deixar de lado minhas posições políticas, minha corporalidade e minhas experiências ou, minhas próprias dores. Aprendi com bell hooks (2013) que a ciência humana que pode mudar o mundo é aquela que se faz de nossa própria humanidade, de nossas

lutas e sofrimentos.

Aprendi que teorias e conceitos não se constroem do nada, do vazio, ou da evolução espontânea de uma teoria precedente, como tantas vezes fizeram-me acreditar. Conceitos e teorias são obras humanas construídas por sujeitos posicionados em um lugar específico da realidade social. Meu lugar, o ponto de onde construí esta pesquisa é de uma mulher, feminista, pesquisadora que divide com as pessoas entrevistadas a dor da violência sofrida e silenciada.

O fato de transformar minhas dores e lutas em uma produção científica não foi um processo fácil, embora que, agora, ao final do processo de pesquisa sinto-me libertada. Libertada, não porque penso que consegui mudar a organização do poder sexista que também constrói o mundo, mas porque este trabalho quebra o silêncio da violência sofrida por um número inimaginável de mulheres todos os dias. Sinto-me liberta porque agora sei que não sou eu quem não sabe ser pesquisadora, mas que a própria ciência se estrutura para que pessoas como eu pensem que o tema de que trata esta dissertação não sejam 'adequados'.

Portanto, minha luta social se dá também no campo de estruturação da ciência e esta é a razão pela qual opto, aqui, colocar-me e estruturar uma linguagem na qual as pessoas que colaboraram com a pesquisa possam se expressar por elas mesmas, além de querer que o meu trabalho seja de leitura acessível a todas as pessoas que por ventura o queiram ler. Como a própria bell hooks (2013) aponta, não é fácil dar nome a nossa dor e teorizar a partir desse local, mas esse também pode ser um processo de cura, de autorrecuperação.

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (bell hooks, 2013, p. 85).

Uma jornada como essa não se dá de forma isolada, mas de encontros e compartilhamentos. Minha trajetória no GETE foi fundamental para que o processo de pesquisa e a reciprocidade com minha autorrecuperação ocorresse. Isso porque a espacialidade do GETE é ímpar na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no que diz respeito ao processo de produção científica. O material

empírico, o campo e o processo de pesquisa são considerados e submetidos à discussão dentro do grupo. Assim se criam mapas investigativos, com diversas trilhas que, por vezes, são abandonadas e outras se fazem. Foi, com certeza, nesse contexto que esta pesquisa foi possível.

Duas trilhas foram profundamente modificadas no processo de discussão coletiva desta investigação no âmbito do GETE. Este caminho investigativo será aprofundado no capítulo I. Contudo, é importante ressaltar que os conceitos estruturadores da dissertação foram sendo paulatinamente construídos e são os seguintes: Espaço e gênero, espaço e corpo, e espaço e violência sexual.

Já nos primeiros dados oriundos do Instituto Médico Legal (IML) de Ponta Grossa, os quais deram a base para meu trabalho de conclusão de curso, o gênero se mostrou fundamental, pois a maioria das vítimas de violência sexual eram mulheres, muitas na fase da infância e adolescência. Em 2014 foi realizado um levantamento nos inquéritos da Delegacia da Mulher da cidade de Ponta Grossa. Naquele mesmo ano foi constatado que nos 80 casos de 2014, a violência sexual foi cometida principalmente contra mulheres na fase da infância. Dos 80 casos, 58 ocorreram com meninas até 14 anos, ou seja, 72,5% dos casos denunciados ocorreram com meninas. Para esta pesquisa foram investigados 70 inquéritos do ano de 2014.

Como a maioria das vítimas eram mulheres, foram realizadas 11 entrevistas em profundidade com mulheres¹ com idade entre 18 e 28 anos, no momento em que colaboraram com a pesquisa. Entretanto, em muitos casos, a experiência da violência que estas mulheres carregavam com elas vinha desde a infância ou da adolescência, o que trouxe uma complexidade a mais ao processo de pesquisa. Tal complexidade será detalhada no capítulo I.

O corpo violado foi um eixo que se constituiu no processo de pesquisa. Já imaginava que o corpo violado seria, com certeza, algo expressivo no discurso das pessoas entrevistadas. Contudo, o corpo apareceu com maior ênfase, e, sobretudo, ele apareceu no discurso das entrevistadas como um espaço pessoal de grande importância. Este deslocamento conceitual será abordado com maior clareza no

¹ Os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios (Amina, Makeda, Kahina, Cleopatra, Nanny, California, Yodit, Yaa, Nzinga, Idia, Yennenga) e inspirados nas rainhas e guerreiras africanas. Extraídos do site: <http://www.geledes.org.br/grandes-reis-e-rainhas-da-africa/>.

capítulo I, onde detalho o processo metodológico e a trajetória de pesquisa.

A violência sexual mostrou-se um fenômeno que possui especificidades espaciais que foram pouco abordadas pela Geografia brasileira. Um levantamento realizado no Banco de Dados do Grupo de Estudos Territoriais², com as palavras-chave: 'Violência Sexual', 'Abuso Sexual' e 'Estupro', levou-nos a apenas um artigo. Trata-se do artigo de autoria de Adriana M. Cançado sob o título *Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: Um estudo do incesto na perspectiva de gênero*, publicado em 2012 na Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero. Embora a autora não seja da área de Geografia, mas de direito, o artigo traz com clareza que a violência sexual tem forte assimetria de poder que envolve o gênero, sendo o masculino o dominante e agressor e o feminino a vítima da agressão. Além disso, os laços de família e a casa aparecem como marcantes no processo analisado por Cançado (2012).

Mas além da violência sexual ser um fenômeno que me despertou interesse como militante feminista e apontar a lacuna deste tema na geografia brasileira como um fato que merece atenção por parte da academia, há ainda a necessidade de apontar a relevância social desta investigação, apesar dos avanços legais no enfrentamento ao fenômeno no Brasil.

O fenômeno da violência sexual vem sendo considerado pela legislação brasileira desde a constituição de 1940, que tratava o crime como sendo exclusivamente contra a mulher em que o título da lei era *Dos Crimes Contra os Costumes*. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, vem garantir a proteção de menores em relação a crimes de violência sexual, como o afastamento do lar, afastamento do suspeito do lar e a garantia de alimentação se a criança for dependente do agressor. A última lei relacionada ao crime de violência sexual na reforma do código penal é de 2009, sendo mais abrangente que a anterior.

A lei 12.015 de 2009 realiza a mudança do título para *Dos Crimes Contra a Dignidade Sexual*, em que nos dois primeiros capítulos há uma preocupação especificamente com a violência sexual. O primeiro capítulo desta lei leva em conta a violência sexual que ocorreu com pessoas acima de 14 anos, e não mais tem a

² O Banco de Dados do Grupo de Estudos Territoriais, conta 90 periódicos on line da produção da Geografia brasileira. Em periódicos o banco conta com o total de 13.990 artigos classificados pelos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5 pelo Sistema Qualis Capes no triênio base de 1974 a 2013. Esse levantamento foi realizado no dia 17/09/2015.

palavra mulher como a anterior, mas sim sujeito. O segundo capítulo da mesma lei se preocupa com a violência sexual contra sujeitos abaixo de 14 anos, considerados vulneráveis.

Por fim, no ano de 2013, aprova-se a lei 12.845 que se dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. Essa lei garante atendimento em hospitais, profilaxia de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, entre outros direitos.

Vale apontar que, no mesmo ano de 2013, foi protocolado o projeto de lei número 5.069/2013 do Deputado Eduardo Cunha, o qual despertou um levante feminista nacional no ano de 2015, por ter sido aprovado na Comissão de Constituição e Justiça. O levante deu-se, uma vez que o projeto, se aprovado, dificultaria a realização do aborto legal em caso de estupro, pois o projeto prevê que apenas mulheres que realizarem o exame de corpo de delito e comunicarem as autoridades policiais sobre o crime de estupro poderão realizar o aborto legal. Algo extremamente complicado, pois o silêncio é parte desse processo e as vítimas, muitas vezes, não conseguem denunciar, como será comprovado pelos dados dessa dissertação.

Um movimento bastante expressivo contra a violência sexual apareceu depois de 2000, ano de criação de uma data específica para dar visibilidade ao tema. Dia 18 de Maio tornou-se, a partir da lei 9.970, o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A partir da data, a campanha 'Faça Bonito'³, promove oficinas, debates nas escolas e audiências públicas com foco na prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Em 1998, dois anos antes, foi criado o primeiro 0800 para denúncia nacional implantado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência⁴ (ABRAPIA) em parceria com o Ministério da Justiça e a Embratur. A ABRAPIA administrou este canal de denúncia durante seis anos, até 2003, quando o governo federal assumiu a responsabilidade, sendo hoje denominado como 'Disque 100', um serviço nacional e gratuito.

No ano de 2013 foram registrados 50.320 boletins de ocorrência no Brasil, 96 a mais que o ano de 2012. A figura 1 evidencia o panorama brasileiro dos anos

³ <http://facabonitocampanha.blogspot.com.br/>

⁴ http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id_rubrique=29

de 2013 e 2014 em relação à violência sexual, o qual se baseia no levantamento realizado pelo governo federal a partir de questionários respondidos por gestores municipais⁵.

FIGURA 1 - Crimes Contra a Liberdade Sexual, por tipo - Brasil e Unidades da Federação – 2013-2014

Grupos de Estados segundo qualidade dos dados ⁽²⁾	Brasil e Unidades da Federação	Estupro ⁽³⁾				Tentativa de estupro ⁽⁴⁾			
		Ns. absolutos		Taxas ⁽⁵⁾		Ns. absolutos		Taxas ⁽⁵⁾	
		2013 ⁽⁶⁾	2014	2013 ⁽⁶⁾	2014	2013 ⁽⁶⁾	2014	2013 ⁽⁶⁾	2014
	Brasil	51.090	47.646	25,4	23,5	4.897	5.042	2,4	2,5
Grupo 1	Alagoas	1.275	1.286	38,6	38,7	136	174	4,1	5,2
	Bahia	3.149	2.818	20,9	18,6	...	...	...	...
	Ceará ⁽⁷⁾	1.675	1.621	19,1	18,3	158	182	1,8	2,1
	Distrito Federal	867	777	31,1	27,2	80	87	2,9	3,1
	Espírito Santo	355	238	9,2	6,1	151	196	3,9	5,0
	Goiás	513	612	8,0	9,4	166	197	2,6	3,0
	Maranhão	1.034	1.019	15,2	14,9	232	268	3,4	3,9
	Mato Grosso	1.390	1.300	43,7	40,3	153	141	4,8	4,4
	Mato Grosso do Sul	1.361	1.345	52,6	51,3	138	120	5,3	4,6
	Minas Gerais	874	1.475	4,2	7,1	269	493	1,3	2,4
	Pará	3.015	2.927	37,8	36,3	46	185	0,6	2,3
	Paraná	3.584	3.913	32,6	35,3	422	493	3,8	4,4
	Pernambuco	2.525	2.239	27,4	24,1	368	348	4,0	3,8
	Piauí	443	481	13,9	15,1	92	113	2,9	3,5
	Rio de Janeiro	5.885	5.676	36,0	34,5	...	...	...	...
	Rio Grande do Norte	240	297	7,1	8,7	27	14	0,8	0,4
	Rio Grande do Sul	3.147	2.722	28,2	24,3	911	818	8,2	7,3
	Roraima	302	276	61,9	55,5	46	52	9,4	10,5
	Santa Catarina	3.004	2.878	45,3	42,8	...	...	...	...
	São Paulo	12.057	10.026	27,6	22,8	739	634	1,7	1,4
	Sergipe	498	537	22,7	24,2	53	47	2,4	2,1
Grupo 2	Acre	400	304	51,5	38,5	65	59	8,4	7,5
	Amapá	469	338	63,8	45,0	28	23	3,8	3,1
	Paraíba	310	367	7,9	9,3	...	...	...	...
	Rondônia	833	778	48,2	44,5	117	86	6,8	4,9
	Tocantins	452	425	30,6	28,4	65	51	4,4	3,4
Grupo 3	Amazonas	1.433	971	37,6	25,1	435	261	11,4	6,7

Fonte: Anuário de Segurança Pública, 2015, p. 36.

⁵ Os números totais são referentes aos boletins de ocorrência e não do número de vítimas. Há casos em que um boletim pode registrar mais de uma vítima, o que não é contabilizado aqui. Outro aspecto é que o levantamento feito pelo Anuário refere-se aos crimes de estupro e estupro de vulnerável, sem distinção e as taxas das estatísticas são por 100 mil habitantes. A divisão por grupos referem-se à classificação por 'clusters' de qualidade do preenchimento dos questionários pelos gestores municipais. O grupo 1 possui maior qualidade de dados e o grupo 3 tem qualidade comprometida, conforme aponta o Anuário de Segurança Pública (2015).

Embora, com evidentes limitações para retratar os números exatos da realidade, este documento traz dados preocupantes. O Paraná é o terceiro colocado no número de violência sexual, ficando atrás do Rio de Janeiro, segundo lugar, e São Paulo em primeiro. É importante lembrar que os dados são absolutos e o Paraná não é o terceiro estado em tamanho populacional, mas o sexto, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010. Além disso, os dados formais quantitativos de violência sexual apresentam apenas uma pequena parte de um fenômeno invisibilizado, conforme o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Segundo o Anuário de Segurança Pública, apenas 35% das vítimas de violência sexual realizam a denúncia. Souza e Adesse (2005), com base nos dados do Ministério da Saúde⁶ apontam que apenas 10% das vítimas realizam a denúncia. A violência sexual é um fenômeno complexo, de difícil diagnóstico. E os gestores governamentais estão apenas iniciando os trabalhos, creio que esta dissertação pode se constituir em um elemento de contribuição social para políticas públicas.

Uma pesquisa realizada pela Organização Não Governamental Énois Inteligência Jovem, em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e o Instituto Patrícia Galvão, no ano de 2015, evidencia que a violência de gênero é algo que está entranhada na vida de pessoas que sofrem apenas por ter nascido mulheres. O levantamento foi baseado em entrevistas de 2.285 jovens de 14 a 24 anos, com renda familiar de até R\$6.000, moradoras de 370 cidades brasileiras. Das mulheres entrevistadas, 84% dizem que já sofreram agressão verbal por parte de um homem, 77% afirmam já terem sido assediadas sexualmente e 94% relataram já ter sofrido assédio sexual verbal. Além disso, 90% das entrevistadas afirmam que já deixaram de realizar uma ação ou atividade por medo da violência. Dessas, 31% alegam ter medo de sair à noite, 27% temem usar determinada roupa, 23% de responder a uma cantada, 1% concorrer a uma vaga de emprego e 12% outras respostas. Quando questionadas se já haviam sido vítimas de preconceito pelo fato de serem mulheres, 82% das entrevistadas relataram que sim.

Enfim, compreender como as mulheres significam a relação entre corpo e espaço a partir da experiência da violência sexual é uma busca pessoal, mas também justifico que ela é científica, dada a lacuna temática na Geografia brasileira,

⁶ <http://portalsaude.saude.gov.br/>

e, também política e socialmente necessária.

A resposta à questão estabelecida foi estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo tem a função de explicitar os caminhos que foram percorridos no processo de pesquisa e colocar essa trajetória à prova do rigor acadêmico do campo científico. Também tem a função de revelar meus limites e deixar pistas para a construção de uma futura investigação. O segundo capítulo evidencia as escolhas e o aprofundamento conceitual, já que este tema exigiu um esforço de abrir caminhos teóricos ainda pouco explorados na Geografia brasileira. O terceiro capítulo traz como foco a experiência da violência sexual, abrangendo as pessoas, suas vidas, corpos e espaços que compõem o fenômeno. Espaço este que não é apenas localização de onde as coisas acontecem, mas sim como o espaço está implicado no fenômeno. O quarto e último capítulo contemplam a complexidade de escalas que compõe a dimensão espacial do fenômeno interpretado pelas mulheres que foram entrevistadas. Nesse capítulo fica claro que o espaço não é algo absoluto, mas contingente, plural e aberto.

Minha sincera aspiração, talvez demasiado ambiciosa, é de que esta dissertação inspire outras pessoas a produzir conhecimento que empodere o movimento feminista revolucionário. Mais ainda, que o próprio movimento feminista seja acolhedor, compreensivo e possa agregar mulheres de todas as raças, classes e etnias, e, que reúna forças para lutar por e com mulheres violadas e agredidas, construindo os caminhos e espaços realmente transformadores.

CAPÍTULO I

CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DA PESQUISA: ENTRE A DOR, ALÍVIO E EMPODERAMENTO

Este capítulo tem por objetivo compartilhar a minha trajetória investigativa. Isso porque, como uma geógrafa feminista, aprendi com bell hooks que teoria não se faz separada da pessoa que pesquisa e muito menos dos pesquisados. Durante a minha trajetória, muitos caminhos foram traçados, seguidos e depois abandonados. Logo, outros atalhos foram necessários para que a pesquisa se construísse durante o processo. O resultado que foi possível alcançar é fruto desse emaranhado de caminhos, escolhas e negociações.

Importante dizer que nesse processo, uma das minhas maiores preocupações foi produzir um espaço de enunciação para as mulheres agredidas. Foram inúmeras contribuições de participação que, para ser muito sincera, nunca imaginei que ocorreriam. Encontrar pessoas dispostas a falar de um assunto tão íntimo e dolorido como a violência sexual não seria algo fácil de ser conseguido. Com a iniciativa de encontrar pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa foi produzido um vídeo, o qual foi postado no *YouTube* em 2014, com o nome 'Quebrando o Silêncio'⁷. Eu era a protagonista do vídeo e chamava as mulheres vítimas de violência para falar de suas experiências. Tamanho foi o sucesso da chamada que foi aberto posteriormente, um grupo no *Facebook* para que eu e as entrevistadas tivéssemos maior proximidade durante toda a pesquisa.

Acabei por coletar materiais de inúmeras naturezas, relatos curtos, cartas anônimas, outras identificadas. Algumas com requinte de detalhes da experiência da violência, outras que se centravam na dor e na esperança de um futuro sem angústias. O material das entrevistas realizadas foi devidamente sistematizado e analisado, compondo assim o conteúdo dos capítulos III e IV. Contudo, o material menos padronizado ficou em minhas mãos e senti enorme responsabilidade em publicizá-lo. Pois não queria ser eu, mais uma pessoa a silenciar essas mulheres.

Depois de várias discussões no GETE (Grupo de Estudos Territoriais da

⁷<https://www.youtube.com/watch?v=JR0AW929hno>

Universidade Estadual de Ponta Grossa), decidi, em conjunto com minha orientadora que o material faria parte da dissertação, mesmo correndo o risco de ser considerado 'pouco rigoroso' metodologicamente. Mesmo assim, para nós, há algo fundamental do ponto de vista metodológico que este material pode proporcionar que é a rápida identificação dos leitores com as pessoas que são a razão da existência dessa dissertação. Seus relatos são aqui representados como 'cartas aos leitores'.

Portanto, este capítulo se faz de suas partes complementares entre si. Na primeira, trago os relatos de pessoas que compartilharam sua dor, na forma original de suas falas, apenas retirando equívocos gramaticais que no momento da emoção podem acontecer. No segundo momento do capítulo, faço meu próprio relato do encontro com essas mulheres, os caminhos metodológicos percorridos e suas justificativas, bem como, faço uma explicitação do processo de análise das entrevistas realizadas.

1.1 CARTAS AOS LEITORES: 'O QUE IREI CONTAR É ASSUSTADOR PARA MIM'

1.1.1 Carta de Amara aos leitores

Meus pais se separaram eu tinha três anos e minha mãe voltou a namorar quando eu tinha cinco anos. Ela se preocupava muito com quem ia ocupar o lugar de um segundo pai na minha vida. Quando ela começou a namorar um rapaz eu o amava muito, até porque, meu pai era um pouco ausente. Eu, que era grudada com a minha mãe e não ficava com mais ninguém, comecei a ficar com ele e a querer ele na minha vida. Aos meus seis anos de idade, fomos morar com ele. Minha mãe sempre me colocava na cama e ele começou a fazer o mesmo. De repente, no meio de uma madrugada, ele voltou na minha cama. Acordei com ele sentado na beira da minha cama, se tocando e tirando a minha calcinha bem devagar para eu não acordar. Eu olhei com os olhos cerrados e fiquei paralisada. Ele não percebeu que eu vi. Eu me virei na cama para ele entender que eu poderia estar acordando e então ele saiu. Mesmo com seis anos e não entendendo o que é pedofilia, eu sabia que era errado e nojento, mas ficava confusa. Afinal, se ele me amava e tentava ser

meu pai, cuidava de mim, será que eu não era má por pensar mal dele? Ficava nesse conflito. De manhã, acordei desconfiada, apenas observando como ele ia me tratar. Ele me deu um beijo de bom dia, aprontou a minha lancheira e me levou à escola. E eu fiquei pensativa e perturbada. Esse abuso noturno se repetiu mais algumas vezes esporádicas, bem espalhadas. Chegou a ter intervalos de até um ou dois anos. E esse era o maior terror, pois eu nunca sabia quando iria vir. Eu comecei a pensar que era louca. Aos dez e aos catorze anos isso se repetiu e eu reagia sempre da mesma maneira: não conseguia nem respirar e ele nunca via que eu de fato tinha acordado. Mas a partir da minha puberdade/adolescência, eu comecei a ter mais idade para entender o que era aquilo. Fui nutrindo muita raiva e ao mesmo tempo, muita confusão, porque à noite ele era um monstro, mas durante o dia ele era um amor. Tive várias crises achando que eu era completamente louca. Eu não conseguia entender, era um paradoxo muito grande e isso me consumia, mas eu não tinha maturidade e por isso entrei no jogo dele. Durante o dia, convivíamos bem. À noite, eu tremia de pavor na cama. Dos meus catorze aos dezoito anos não tinha acontecido. Minha cabeça se desgastava nessas questões: 'quem é ele'? 'O bonzinho ou o malvado'? 'E eu'? 'Eu sou louca'? 'Eu criei tudo isso'?. Ele e eu nos afastamos consideravelmente, falávamos pouco e ele me perseguia muito. Era velado, minha mãe não notava, mas ele fazia milhões de 'coisinhas' para complicar a minha vida. Por exemplo, se eu tinha trabalho da escola para fazer, eu não podia falar isso em voz alta, senão ele desligava a internet só do meu computador. Enfim, quando eu tinha dezoito anos, exatamente no mês dos meus vestibulares, eu acordei com ele em cima de mim, ele me despindo devagar e se tocando, tateando o meu corpo. Eu fiquei paralisada de novo, sem ar, me senti com seis anos. Mas dessa vez com os olhos arregalados e ele viu. Ele perdeu o rumo e saiu correndo. Eu passei a noite chorando, fui para o cursinho e nunca mais voltei para casa. Conte para a minha mãe, ela ficou transtornada e foi falar com ele. Ele chorou, ficou desesperado, negou tudo e disse: 'ela deve ter algum problema muito sério para ter alucinado com isso. Temos que nos unir pra ajudá-la, você sabe que eu a amo como minha filha'. Filho da puta! Minha mãe entrou num processo de negação tão grande que ela fazia de tudo pra acreditar nele. Eu me mudei para São Paulo, afastei-me dela. Isso já faz três anos e meio. Ela ainda é casada com ele. Mas depois de muitas

crises, hoje ela diz que acredita em mim. Mas ela está numa fase de muitos problemas financeiros e dependência dele e ainda não consegue sair da relação. E eu, depois que saí dessa casa completamente insana e fui recomeçar a vida em outra cidade, tive que enfrentar novos problemas. Por causa dele, eu perdi tudo, todos. Cheguei em São Paulo sem dinheiro, sem apoio, cheguei até a ficar na rua. Infelizmente, acabei sofrendo um estupro por um cara que eu saí, na época que eu ainda saía com homens. Isso foi um gatilho muito grande, tudo muito pesado de carregar. Comecei a ter depressão e síndrome do pânico e faço tratamento até hoje. É a primeira vez que eu posso dizer que estou realmente me reerguendo depois de toda essa violência física e psicológica.

1.1.2 Carta de Zalika aos leitores

No dia 14/01/2014, aproximadamente às 15h, na Rua Professora Olga Balster, no bairro Capão da Imbuia, Curitiba/PR, eu estava andando pelo meu bairro, indo até a Farmácia, que ficava a umas quatro ruas da minha casa. Vestia bermuda, camiseta masculina e chinelos. No caminho, enquanto andava na calçada, na rua surgiu um automóvel, modelo Saveiro branca, com uma escada na caçamba, reduzindo a velocidade e o motorista começou a me chamar: 'moça, ô, moça!'. Como já estava com medo, continuei andando e acelerei o passo. Logo em seguida ele continuou: 'ô, moça, eu preciso de uma informação'. Quando escutei isso, resolvi ajudar, já que estava no meu bairro e conhecia as ruas ali por perto. Ao olhar para o rosto dele, ele não falou nada, apenas direcionou os olhos para baixo. Foi então que percebi que ele estava se masturbando. Na mesma hora, saí correndo, e o motorista arrancou com o carro. Fiquei desorientada, com medo de ele me seguir, e não sabia se corria para casa ou para a farmácia. Quando cheguei a casa, não conseguia parar de chorar, de me sentir suja e culpada, pensando se era a forma que eu estava andando ou a roupa que estava vestindo. Só depois de conversar com a minha mãe que consegui perceber que não tinha nada de errado comigo, e sim com ele, e com a maioria da sociedade, que culpa a vítima, e não o agressor. Até hoje me sinto insegura andando na rua, independente do horário ou lugar, mas principalmente quando vejo uma Saveiro branca com uma escada na caçamba.

Minha mãe é médica e trabalha com vítimas de violência sexual; ela repassou o meu relato para quem trabalha com isso no Hospital de Clínicas daqui de Curitiba, mas eu, pessoalmente, não fiz.

1.1.3 Carta de Urbi aos leitores

Logo após eu fazer quinze anos, um vizinho da minha vó ficou interessado em mim. Eu não sentia nada por ele, mas minha vó e minha mãe até que gostaram da ideia de ele me namorar, porque o rapaz tinha um bom trabalho e era um sujeito de 'respeito'. Ele me pediu em namoro e eu aceitei porque assim minha família iria me deixar sair. Meu pai nunca concordou, porque achava o rapaz muito velho para mim. Fiquei sem beijar ele até o sétimo mês de namoro porque não sentia vontade. Contudo, eu percebi que a situação estava ficando chata para ele e comecei a ser mais carinhosa. Só que para ele não era o suficiente. Ele me respeitava, mas admitia não estar mais aguentando. Dizia que iria se casar comigo e que a gente ia ficar junto para sempre. Querendo ou não, bobinhas que (nós) algumas meninas somos, acabamos acreditando. Mesmo assim, ele sabia que eu não iria fazer sexo com ele. Sempre fui meio assanhada, mas era medrosa e tinha medo porque ia doer, porque queria casar virgem e queria fazer quando eu tivesse certeza. Eu sempre saía com ele acompanhada de mais alguém, mas com o tempo ele foi ganhando confiança da família. Até que um dia ele me chamou para ir ao shopping, eu aceitei, afinal era meu namorado e não teria nenhum mal em sair com ele. Chegamos ao shopping, mas ele disse que não íamos ficar por lá. Perguntei aonde iríamos, ele não me respondeu. Fomos para a saída de táxis e ele pediu que eu entrasse em um carro, eu não sabia aonde ele estava me levando, mas fiquei muda quando ele pediu ao motorista que nos levasse a um motel. Eu não sabia o que fazer, estava em pânico e me sentindo traída, pois não havia pedido isso, eu não estava preparada. Olhei para ele e percebi que qualquer coisa que eu fizesse poderia complicar a vida dele, eu gostava dele, não o amava, mas gostava muito e acreditava que amava. Diante disso, eu não disse nada, me senti culpada, mas não disse nada. Ele abriu a porta e esperou que eu entrasse. Eu estava muito chateada. Ele disse que não aconteceria nada e que só tinha me levado para conhecer o lugar,

que depois voltaríamos para a casa. Quando entramos, ele se deitou na cama e eu fiquei numa cadeira em frente à mesinha. Eu estava desesperada, com medo, mas não tinha muita coisa para fazer. Ele pediu para que eu ficasse ao lado dele; disse que não iria fazer nada. Então percebeu que eu não me mexia e me buscou delicadamente pela mão, mas não deitei, fiquei sentada na ponta da cama. Ele me pediu desculpas e disse que logo iríamos embora, que podíamos ficar apenas deitados sem fazer nada. Ele tirou seus sapatos, sua blusa e se deitou. Olhou para mim e esperou que eu me deitasse também. Depois pegou o cobertor e cobriu a barriga porque percebeu que eu estava incomodada. Deitei-me ao lado dele, mas na minha cabeça o que eu mais pedia era para sair dali. Ele me beijou e percebeu que eu estava tremendo; disse que não iria fazer nada que eu não quisesse, que me amava e que queria um futuro comigo. Então tentou colocar a mão embaixo de minha blusa, mas resisti. Ele começou a me beijar novamente tentando fazer com que eu ficasse envolvida e subiu em cima de mim, porém eu disse que não queria, que não estava preparada e tinha medo. Ele disse que eu teria medo sempre se não fizesse. Eu tentei sair da cama e comecei a empurrá-lo, mas ele colocou as pernas entre as minhas e travou minhas mãos com apenas uma mão enquanto tirava minha roupa com a outra. Eu o empurrei, dei tapas e disse que não queria, mas ele havia ficado surdo, tudo que ele dizia era 'só vai doer um pouco no começo'. Eu não conseguia parar de chorar, ele sufocou meus gritos com a parte do braço e dizia que a dor ia passar, e que se eu continuasse empurrando-o ia doer mais. Dizia também que não queria me machucar e que duas pessoas que se amam não precisam esperar até depois do casamento para fazer sexo. Só depois que ele gozou, ele parou. Eu não conseguia olhar para ele e tudo doía, não sabia o que fazer, na minha cabeça só se passavam as perguntas: "E agora? O que vou fazer? A culpa foi toda minha." Ele começou a me fazer carinho e dizer que não ia doer mais, que ele só tinha feito aquilo para eu sentir prazer e que a gente ia se casar. Eu não tinha a intenção de me casar tão cedo, mas depois daquilo eu não sabia mais o quê fazer. Ele começou a me medicar com anticoncepcionais, passou a cuidar da minha saúde, e praticamente se tornou meu "dono". Não tive coragem de contar para ninguém o que tinha acontecido, continuei com ele mesmo depois do que ele fez, até porque eu não tinha noção do que ele tinha me privado. Fiquei com ele por um

tempo, depois daquela vez fizemos mais duas ou três vezes, e todas, sem exceção, doeram muito. Com ele eu nunca soube o que era orgasmo. Quando a gente fez um ano de namoro ele ficou estranho comigo, ficou distante, até ao cinema ele foi sozinho sem nem avisar. Ele me levou para cama em um sábado e queria fazer sexo anal, eu não quis e ele foi rude comigo. Colocou-me para fora do quarto e ligou o som bem alto. Eu não conseguia entender o porquê ele estava agindo daquele jeito. Depois quando ele foi me levar para casa, na esquina, ele disse que não queria mais nada comigo, que odiava ter que sair comigo e com meus amigos ou familiares, que só suportava essas coisas por mim. Enfim, disse que estava terminando. Eu fiquei acabada e cheguei a casa em prantos. Minha mãe me perguntou o que tinha acontecido e depois de algum tempo, na mesma noite, indagou se eu tinha tido alguma relação com o rapaz; eu não consegui esconder. Meu pai ficou pirado e queria ir à casa do rapaz para fazer ele voltar comigo, mas eu não deixei. No outro dia fui até a casa dele pedir para voltar e ele disse que não queria, eu me ajoelhei aos pés dele e ouvi: 'Pare! Eu não amo mais você, não dá!'. Depois daquilo eu não insisti mais. Duas semanas depois, minha avó pediu que eu fosse entregar uma vasilha para a mãe dele. Quando bati no portão, uma garota me atendeu usando só a blusa dele. Depois descobri que ele saiu espalhando para todo mundo que tinha comido o pão que o diabo amassou comigo. Além de ter dito para muita gente que já tinha me 'pegado'. Por causa disso, fiquei mais de três anos sem conseguir ter relações afetivas com homens, nem amizades masculinas. Amadureci, hoje consigo passar por esse cara e responder ao 'oi' dele, mas acho que nunca vou deixar de sentir nojo dele. Quando comecei a me perceber como mulher, passei a ver as minhas escolhas como algo divino que nunca deveriam ser negados. Conformei-me que não posso voltar ao passado, sobrevivi ao episódio triste e consegui superar a ponto de contar sem medo sobre o que aconteceu. A angústia eu nunca vou deixar de sentir, mas é a vida que segue. Hoje sei que sou mais forte por tudo que vivi e consigo enxergar a vida de um jeito mais real, sem deixar de ter uma vida bonita. O lado otimista.

1.1.4 Carta de Dakarai aos leitores

Nasci em julho de 1995. Naturalmente de Alagoas, venho de família pobre. Morei parte da minha infância com meus pais em um sítio da nossa família no Sertão de Alagoas, morávamos em umas cinco famílias. Havia muitos primos mais velhos que eu. Naquela época eu estava com uns sete anos. O que irei contar é assustador para mim. Não sabia se eu deveria escrever sobre, mas resolvi que sim. Desde esse período eu sofri abusos sexuais por meus primos, mas pensei que era normal, tinha pouca idade. Ninguém nunca nos falou que era errado, lembro-me vagamente do que vivi naqueles anos da minha vida. A gente morava em um pequeno sítio. Nossas brincadeiras eram de esconde-esconde, subir em árvores. Meus primos eram mais velhos do que eu, talvez pouquíssimos anos de diferença. Lembro-me que sempre que um primo me encontrava em algum lugar no sítio, entre o mato, as pedras, longe da supervisão de um adulto eu tinha que abaixar a calça e ele me introduzia o seu pau. Os anos se passaram e isso ocorreu durante alguns anos, creio que eles estavam se descobrindo, mudanças no corpo. Eu não sei o porquê, mas eu sempre vi isso como algo natural, e agora vejo que nunca foi normal, minha família nunca soube desses acontecidos. Aos onze anos de idade meus pais já estavam separados há alguns anos e na ocasião eu vivia com meu pai. E fui adotada, fui viver no Rio de Janeiro com uma senhora, onde novamente sofri abuso de um primo, mas nunca ninguém soube e eu achava aquilo normal. Mudei para Minas Gerais aos doze anos, fui viver com outra família. Sempre fui uma menina que me sentia culpada, via que acontecia aquilo comigo porque eu permitia. Morei com essa família durante cinco anos. Com três anos vivendo com eles o marido da mulher, que o considerei como pai tentou abusar de mim sexualmente, mas eu resisti e tentei me defender como pude, corri. Contudo, não havia ninguém para me defender mais uma vez, eu estava com quinze anos. Ele não conseguiu concluir o ato, mas me ameaçou e deixou claro que se eu contasse para alguém, ninguém iria acreditar no que eu falasse; e que caso eu falasse, iria viver num orfanato e nunca mais eu poderia ver minha família biológica. Eu deitei na cama e chorei. Chorei porque estava tão cansada de toda aquela violência psicológica em que vivia desde os onze anos: abusos físicos e psicológicos eram o fim, eu não aguentava mais. Desejava ter minha família, mas eu não imaginava voltar e viver a pobreza e abandono em que minha família vive até hoje. Eu não sabia o que fazer

ou a quem recorrer, as pessoas nas quais eu confiava e imaginava tê-los como minha família eram as quais mais me reprimiram e me ocultaram de ser quem eu era. Eu entrei em depressão no ano de 2011 e foi o pior, diversas vezes eu tentei tirar a minha vida, mas foram tentativas frustradas. O máximo que consegui da última vez foi causar uma parada respiratória. Foram muitas idas e vindas até aqui, aos dezessete anos aproximadamente, eu consegui sair da casa dessa família. Conte para a mulher, a qual eu a tinha como mãe que estava tendo relação com meu então namorado na época. Ela ficou louca, claro. Quis me mandar de volta ao nordeste como se eu fosse mercadoria. Não voltei. Todas as violências psicológicas e físicas, sem dúvida, me afetam de maneira indireta até hoje. Nunca passei por tratamento psicológico. Mas aos poucos eu fui buscando entender o porquê eu tive que viver tudo aquilo. O grande problema que vejo, talvez não seja um problema, mas eu tenho grande dificuldade de enfrentar problemas em relações afetivas. É algo com o qual eu luto diariamente, mas é difícil entender que isso afeta, me afeta e afeta meus parceiros. Há um grande problema quando o assunto é comunicação: eu não consigo falar na 'cara', é impossível. É maior que eu! Hoje eu vivo um relacionamento que dura oito meses. Conte detalhadamente o que aconteceu a ele. Ele é um cara muito compreensivo e está me ajudando a lidar com fantasmas desses anos que passaram. Nunca pude me abrir com namorado, nunca tive essa confiança. Hoje lidamos os dois. A comunicação não foi algo que aprendi com a família, não me ensinaram a expressar minhas dores e opiniões. Oprimiram-me. Mas eu busco aos poucos uma mudança dentro de mim. Hoje eu sou feliz com a vida e comigo mesma, a vida é única e as dores precisam ficar adormecidas em algum lugar. A vida continua. É preciso enxergar um novo dia, coisas ruins acontecem, mas somos fortes! Viva, e não deixemos fantasmas horríveis nos destruir. A luta continua. Eu fui mais uma das tantas que há por aí.

1.1.5 Carta de Zarina aos leitores

A última vez que sofri abuso sexual foi no dia 30 de dezembro de 2014, na minha casa. Até então ele era um amigo e um companheiro de militância, fazíamos parte da mesma organização política. Pela primeira vez denunciei, denunciei na

instância partidária. Agora, neste sábado, haverá uma reunião, a primeira para debater o caso. Já faz três meses e eu ainda não consigo escrever nem o relato. Tenho medo de me calar mais uma vez e perder a oportunidade de denunciar meu agressor. Tenho medo de sofrer violência novamente e ouvir de companheiros que o que aconteceu não foi violência, assim como já falaram antes!

1.1.6 Carta de Ndatté aos leitores

Quando ela entrou em contato comigo sobre o projeto, eu me dispus a colaborar, porque eu imaginava que eu já tinha superado tudo isso, mas na hora de marcarmos as entrevistas, eu percebi que ainda não tinha cicatrizado essa sensação dentro de mim. Mesmo depois de dez anos passados, o pavor, o sentimento de culpa, o medo de julgamentos ainda permaneciam intactos. Fugi diversas vezes na esperança de amadurecer mais as ideias para, enfim, colocá-las para fora. Eu não imaginava que tal situação também tinha acontecido com várias pessoas próximas, pessoas que tenho um grande afeto. E hoje, se estou conseguindo colocar para fora, eu tenho uma pessoa a agradecer, uma pessoa que me mostrou, que compartilhando, a dorzinha no coração da gente pode diminuir. Eu quero que ela saiba que reconheço o quanto ela foi importante nessa decisão. Você sabe que admiro muito você, e muito obrigada por esse empurrãozinho! Eu tinha nove anos quando minha mãe, separada há muito tempo, arrumou um ‘companheiro’, esse que no momento chamarei de João. Ele, de início, era um cara engraçado, bem vindo à minha família, que fazia de tudo para tratar bem a todos, tinha duas filhas, e uma delas tinha sete anos. Cresci morando com minha mãe, minha avó e minha irmã. Os primeiros contatos foram quando ele chegava a minha casa e ao cumprimentar todos, me abraçava e quando tinha oportunidade, passava aquela mão nojenta pelo meu corpo. E assim foram alguns meses, eu me sentia incomodada, envergonhada e não sabia como contar para a minha mãe sobre isso, e até hoje não sei. Até que um dia ele dormiu na minha casa, e ao invés de ir embora cedo, na hora que minha mãe saía para o trabalho como de costume, ele resolveu ficar. Ele a esperou sair, esperou minha irmã que dividia o quarto comigo ir para a escola e se enfiou no quarto, trancou a porta e deitou na minha cama. Ele era nojento. Começou a abusar

de mim enquanto eu ainda estava dormindo, quando acordei e me assustei com a reação, ele sussurrou no meu ouvido: 'fica quieta e deixa'. Eu apavorada, não consegui ter nenhuma reação. Nesse dia não chegamos a ter nenhuma relação além da masturbação, e eu não entendia o que ele estava fazendo. Com o tempo, fui tentando me afastar, a falar para a minha mãe que não gostava dele, inventava qualquer desculpa quando me questionava o motivo. Como eu ia contar para a minha mãe que o homem que ela escolheu como parceiro estava fazendo isso com a filha dela? E assim se seguiram dois anos. Certo dia eu o ameacei, disse que se não parasse eu iria contar para a família inteira, o que tornou o pior dia da minha vida. Recebi como resposta: 'você não vai fazer isso, sabe que ninguém vai acreditar em você, porque você é uma criança mentirosa!'. E então nesse dia, ele resolveu que ia me dar um 'castigo por ser uma menina mal criada'. Ele me violentou, ele me fez acreditar que a culpa era minha, que eu deveria ficar com aquilo pra mim, fez coisas das quais ainda não consigo expressar, mas tenho imagens na minha mente. Lembro-me de estar deitada de costas para ele, o edredom rosa, os ursos de pelúcia na prateleira do quarto, e eu chorando, questionando-me o porquê, porque comigo, e nunca consegui contar isso a ninguém. Ele me fez pensar que todos os homens eram nojentos. Eu estava no início da minha adolescência, fase de várias experiências, que me privei, por medo, por nojo. Não saía mais de casa, não me vestia como menina para não chamar atenção, e assim foi durante alguns anos. Quando conheci uma pessoa que fez mudar minha forma de ver o mundo, me abriu os olhos para a vida. Obviamente que os traumas não foram superados de uma hora para outra, mas hoje em dia, só tenho pessoas que me fortalecem. Tenho um namorado que está me ajudando a enfrentar isso tudo e inclusive me incentivou a escrever para vocês. Minha mãe ainda não sabe. Eles não estão mais juntos e não sei se um dia ela saberá, gostaria de não presenciar isso, de não ser uma realidade tão cruel para nós. O tempo e as pessoas têm me ajudado, e espero que todas nós um dia, consigamos estar mais fortes, mais corajosas. Hoje, preciso me perdoar, aceitar que não foi minha culpa. Virei a página, e tentarei ser feliz. Deixarei o passado para trás, mas antes quero encará-lo bem fundo e não ter mais medo do que passou, pois ele não irá mais voltar, é preciso. Mas se eu pudesse mandar uma carta para ele, estaria escrito: 'não te perdoo, nem te perdoarei daqui a trinta anos,

por ter que me reconstruir constantemente. Tenho pena por você ser uma pessoa tão covarde, desprezível, que ninguém que você ame passe por isso, porque sim, cada pessoa deseja o que tem de melhor, mas você, não merece e nunca vai merecer'. Um cheiro e um beijo para todas as meninas mais guerreiras que conheci, tudo de bom para nós!

1.1.7 Carta de Zaila aos leitores

Hoje, como nos últimos dias, acordei, me arrumei e me despedi do meu companheiro e fui trabalhar. Não andei duzentos metros, vinha um homem na mesma calçada que eu. Eu não mudei meu caminho, afinal eu não podia adivinhar que ele me atacaria. Eu estava comendo uma bolacha e de cabeça baixa, quando de repente o cara me agarra e pega com sua mão nojenta em mim. No momento eu gritei, berrei e ele saiu andando tranquilamente. Fiquei sem saber o que fazer ao certo, tinha que ir trabalhar, mas comecei a chorar na rua e voltei para a casa. No percurso de uns metros duzentos ou menos, eu liguei para a polícia e relatei o fato dando todas as características dele. Ainda andei atrás dele, mas tive medo de que algo pudesse acontecer comigo. Minha única vontade era de bater forte nele, bater até ele não poder fazer mais nada comigo, mas não o fiz! Entristece-me muito esse fato, até quando seremos vítimas desse tipo de gente, até quando teremos medo de sermos atacadas. Até quando? Grite, denuncie. Alguém precisa nos ouvir, nos socorrer.

1.1.8 Carta de Yalla aos leitores

Eu fui estuprada. Eu fui estuprada e queria encontrar uma maneira mais '*light*' de dizer isso; mas não existe. Foi isso mesmo que aconteceu: eu fui estuprada. E eu sinto uma necessidade imensa e uma vergonha maior ainda de falar sobre isso. Aconteceu comigo e eu sou feminista. Aconteceu comigo e eu deveria ser imune. Aconteceu comigo e a minha amiga me culpou. Eu beijei esse cara; e beijei porque eu quis, beijei porque era direito meu. Depois eu quis beijar o amigo dele. E eu achei o amigo dele um tesão. E fui para a casa com ele, com o tesão. E ele

morava com esses dois outros caras. E eu dei para o cara, dei porque gostava de dar, porque aprendi que sexualidade a gente exerce livremente. E – talvez isso te doa – gostei e gozei. Dei e fui fumar um baseado e tomar um trago que eu desconheço. Na sala. Com os dois caras que moravam com ele. E os caras começaram a me encher, e a me tocar, e a botar pilha para eu dar para eles. Era de madrugada, meu telefone estava sem bateria, eu não tinha como voltar para a casa. Eu sentei no chão pra brincar com o cachorro. Não lembro se era um beagle ou um basset, lembro que se chamava Jonathan. Tem essa parte que eu não lembro direito. Tem um quarto, uma cama e os três sem roupa. E eu deitada, bêbada, chapada e com sono. Daí só lembro de começar a chorar e espernear e pensar PUTA MERDA, EU SOU FEMINISTA; PORTANTO, NÃO FOI ESTUPRO. UMA FEMINISTA SABE O QUE FAZ. Dois saíram do quarto, um ficou me consolando. E 'desesperada' não faz jus ao estado em que eu estava. Eu devo ter dormido ou esquecido. Quando eu acordei de novo, ele estava em cima de mim, metendo em mim. Só lembro de sentir vontade de vomitar e de ficar (ainda mais) apavorada porque ele nem se deu ao trabalho de usar um inferno de uma camisinha. Chorei mais, me debati mais; coloquei minha calcinha verde arrebitada e me atirei no chão da cozinha deles. Fumei uns cinco ou seis cigarros. Chorei abraçada no cachorro. E a vida deles parecia transcorrer normalmente na sala. Eu deveria ter levantado, eu deveria ter ido embora. Mas eu não sabia como agir. Choque define bem a situação. Eu fiquei chocada com o tamanho da violência. Eu tentei minimizar a violência. Eu fui embora de manhã, sem celular, sem fone de ouvido e sentindo uma coisa meio morta dentro de mim. Eu esfreguei a minha pele até não dar mais no banho, rezei pra que fosse um sonho, senti mais vontade de vomitar. Resolvi esquecer e não contar para ninguém. Ninguém tem culpa dos problemas nem das minhas cagadas. Faço um esforço monstruoso para fingir que esse dia não me mudou. Mas é um pouco difícil mentir para mim. Mudou minha relação comigo, mudou minha relação com os homens; mudou a minha relação com a minha buceta. Minha buceta era meu poder. Agora, tenho medo de tocar na minha buceta e ofender alguém. Acho que os outros vão achá-la imunda. Que nunca mais um homem vai ser capaz de me amar. Essa merda mudou a minha relação com a minha cidade. Eu gostava daqui. Desde que aconteceu, eu já encontrei esses caras, três

vezes. Numa das vezes, um deles abraçou a minha irmã sem eu perceber. Naquele momento, eu quis muito que ele morresse, porque ninguém vai arruinar a cabeça da minha irmã. E a minha irmã eu procuro preservar a qualquer custo. Ela sabe que aconteceu uma coisa uma vez que foi uma merda. Mas só. E que assim fique. Depois de uma semana eu transei de novo. Foi o meu mecanismo de defesa. Voltar a dar para não ficar com medo ou criar trauma de sexo. Foi sexo vazio, para me proteger. Eu continuo transando, mas tudo mudou. Mudou porque esses caras deixaram a marca podre deles na minha vida. Mudou porque agora eu tenho medo de qualquer cara que se aproxime de mim. Mudou porque agora transar de algumas maneiras – eu sempre tão livre, aberta e feminista – se tornou inviável. Eu jurei que não falaria sobre, jurei para mim. Mas contei para minha melhor amiga. E ela chorou. E foi uma merda. Porque ela não tinha o que fazer e eu também não conseguia consolar. contei para duas outras amigas. Uma culpou, outra disse para esquecer. contei para o meu melhor amigo, que aí sim, precisei consolar, porque chorou demais. contei para o homem que mais me amou, que ficou chocado e me obrigou a desviar do assunto. Queria que meu ex-namorado soubesse. Ele ia me xingar, certamente ia dizer que eu sou uma vagabunda. Mas, depois, me vingaria. Eu não contei para a minha ginecologista, mas fui pegar requisição de exame e nunca uma consulta foi tão difícil. Eu escrevi isso. Eu falei sobre isso. É por causa desse fato que eu choro quando alguém fala de estupro. É por causa disso que eu não consigo assistir uma cena de estupro num filme. Não denunciei os meus estupradores. Esse texto não é sobre eles; é sobre o estado em que eles me deixaram. Um deles saiu com uma amiga depois e disse para ela que eu não tinha 'curtido muito'. Queria perguntar para eles por que, por que eu? Por que qualquer uma? Não posso mentir e dizer que desejo tudo de bom para esses caras. Desejo que eles se fodam, que tenham vidas de merda, que sintam nojo dos respectivos paus. Mas eu não quero que sintam pena de mim. Tampouco nojo. Eu só tinha a necessidade de falar e, bom, aqui está dito.

1.1.9 Carta de Adelina aos leitores

Eu tinha catorze anos quando conheci o rapaz, ele tinha vinte e três anos e

era lindo. Não passou muito tempo, estávamos namorando, ele era incrível, muito atencioso, minha família amava ele, os amigos também, todo mundo amava ele, inclusive eu. Acho que ele também me amava (o que mais me deixa 'de cara'). Nosso relacionamento era ótimo, não me lembro de nenhum mau momento, me sentia bem ao lado dele, mas o tempo passou. Fazia um ano e pouco que estávamos juntos e tudo estava bem, era aniversário do irmão dele e teria uma festinha na casa deles para comemorar. Ele foi me buscar em casa, até uma torta eu tinha feito para levar, e fomos até a casa dele, mas ele não parou lá, seguiu adiante. Sem entender muito, perguntei onde estávamos indo, ele falou que tinha uma surpresa para mim, fiquei animada, ele fazia surpresas incríveis! Ele parou o carro, apagou as luzes e travou a porta dele que travava automaticamente a minha porta. Senti muito medo, pois quanto mais eu perguntava o que estava acontecendo, mais ele colocava um sorrisinho maldoso na cara. Ele me colocou no colo dele (outra coisa que me deixa muito 'de cara' é isso. Ele tinha 1,92, eu 1,65 e pesava pelo menos uns 50 quilos a menos que ele). Com uma facilidade absurda, puxou o meu vestido para cima com tanta fúria que chegou a rasgá-lo um pouco, minha calcinha ficou acabada, minha buceta machucada e minha cabeça arrasada. Eu bati tanto nele, eu gritei tanto, mas que diferença fez, a minha virgindade, minha vontade, minha integridade, tinham sido severamente retiradas de mim. Ele penetrava com tanta força que parecia estar me dando socos! Sangrei até a minha alma, aquele pau era o maior que eu já vi na vida, infelizmente. Muitas coisas ficaram dentro daquela Strada vermelha, mas principalmente, o meu 'eu' criança. Levei muito tempo para me reestabelecer, se é que me reestabeleci. O nojento ainda me levou na festa do irmão dele, a cada pessoa que me cumprimentava, era uma náusea, a cada mordida na maldita torta que eu levei, uma ânsia e a cada pergunta: 'O que aconteceu; Por que essa cara?' era um soco na boca do estômago. Eu queria gritar e contar para todo mundo que amava ele e o que ele tinha feito comigo e com o meu corpo, mas eu não fiz nada. 'Transamos' mais umas vezes, nunca foi bom, sempre foi horrível, mas eu estava convencida de que aquela era a minha função no relacionamento (idiota) e além do mais, quem ia me querer depois dele, sendo que eu nem era mais virgem? Imaturidade ao extremo, mas mesmo assim, terminei com ele pouco tempo depois. Entretanto, ele me atormentou mais uns três meses e não o

suficiente, ainda contou para a minha mãe o que tinha acontecido. Na versão dele, claro. Minha mãe era super tradicional, não me deixava terminar de vez com ele, chamava-o para vir na minha casa, convidava para almoçar, torturante mesmo! Mas ele acabou desistindo e eu 'des-existindo', me anulei por muito tempo por causa disso. Hoje eu tenho a idade que ele tinha quando fez isso, fecho os olhos e vejo aquela cena toda e não consigo entender, como que alguém tem interesse numa criança, sem tesão e sem papo? Meu irmãozinho tem a idade que eu tinha, ele ainda brinca de carrinho! Levei quase um ano para me relacionar com outra pessoa. Tive sorte, ele teve paciência e afeto suficiente para me mostrar o que era de verdade uma relação sexual. Hoje, quase dez anos depois, eu tenho uma vida sexual ótima e um parceiro sensacional, que tem me ajudado muito nesse processo. Perdi quase todos os sinais que isso deixou na minha sexualidade, meu psicológico ainda se abala um pouco, mas logo não vai mais abalar, tenho certeza! Sorte para nós! Beijos de luz, lindas!

1.1.10 Carta de Mentewab aos leitores

Eu tinha nojo de mim, de tocar na minha vagina. Evito tocá-la até hoje não só por nojo, porque dói e não é somente a dor física, é toda dor que tive em todos esses anos. Posso dizer que o abuso sexual não se supera, ele te deixa marcas. Nunca havia falado para ninguém por mais de dez anos. Demorei todo esse tempo apenas para contar para alguém, guardei comigo e só fez me machucar mais ainda. Antes disso não conseguia confiar em ninguém, não sabia o que as pessoas podiam pensar de mim. Aconteceu dentro da minha casa e eu era uma criança. Demorei anos para entender o que havia acontecido comigo. Ele me tirou muita coisa, eu nunca tive relação sexual (consentida) com alguém e não estou disposta a ter, por causa da dor. Não vivi minha sexualidade porque me lembro de tudo, além de não conseguir confiar em nenhum homem e por mais que eu queira a dor é maior, é maior que a vontade de curtir alguém, maior que o meu desejo de ser mãe. Eu achava que a culpa era minha, me sentia (e me sinto) suja, eu não fiz nada, eu sequer dizia que não queria porque sentia medo, muito medo. Eu não sabia o que fazer, eu não contei para a minha mãe. Uma vez eu tentei, e ele ouviu,

desconversou, entre a minha palavra e a dele, minha mãe nunca ia acreditar em mim. Ela deveria ter notado que eu estava diferente, ela não notou e eu ainda tenho essa sensação que se eu contar para ela, ela nunca vai acreditar. A consequência é ter que conviver com meu agressor, mas hoje eu não estou sozinha. Eu tenho vinte e dois anos, sou estudante e sofri abuso sexual dos oito aos meus dez anos de idade.

1.1.11 Carta de Shanakdakhete aos leitores

Muito se escuta falar de violência contra a mulher nas redes sociais, no jornal, nas aulas, as histórias de tragédia parecem estar em todo lugar. Ainda assim, poucas são as mulheres que buscam se defender desse tipo de situação. Pior que isso, muitas delas ao menos denunciam o que sofrem, até mesmo, de seu companheiro ou pessoa de seu círculo social. Levando em conta de que as coisas nunca acontecem conosco nem com nossa família, mal podemos imaginar que alguém próximo de nós possa ter sofrido isso. Esse é o meu caso. Tenho dezoito anos e moro na cidade de Campinas, uma verdadeira metrópole onde muita coisa acontece e o trabalho é algo indispensável também para as mulheres. Após a separação de meus pais, aos onze anos fui parar em uma escola integral, devido à necessidade que minha mãe tinha de trabalhar para me sustentar e foi lá que meu caso aconteceu. Eu passava oito horas do meu dia junto com vários alunos expulsos de outras escolas da cidade, que eram enviados para esta unidade na tentativa de dar paz a seus pais, suponho. Eis que um belo dia durante a tarde, pedi à professora para ir ao banheiro, e fui no andar de baixo, pois o outro estava em limpeza. Quando entro no banheiro, literalmente levo um susto, porque antes mesmo de fechar a porta dois garotos me seguraram e eu com minha pouca força não consegui impedi-los de entrar no banheiro junto comigo e me colocando contra o vaso, fecharam a porta. Enquanto um tentava tirar minha roupa e o outro me conter, por sorte consegui gritar e uma auxiliar da limpeza que passava ali perto entrou no banheiro para ver qual era o motivo da gritaria. Sempre penso que se não fosse por ela poderia ter sido mais uma vítima de estupro, mais uma estatística. O mais revoltante da história foi seu desfecho. Os dois garotos que tentaram me assediar eram da

minha sala, isso mesmo, estavam oito horas por dia na mesma sala que eu e teria que olhar para eles pelo resto do ano. A moça da limpeza conteve a situação e nos mandou para a diretoria, em que a diretora deu uma bronca padrão nos garotos e ao conversar comigo disse que eu teria que me encarregar de contar ao meu pai e pedir para ele ir à escola para conversar com ela. Meu pai, no fim das contas nunca soube de nada, pois na época não tive estrutura psicológica para contar isso sozinha a ele, muito menos denunciar esse caso. Com o passar do tempo achei que poderia ser uma coisa que causasse um grande transtorno para ele, mesmo lembrando até hoje do rosto e do nome de um dos garotos. O que sempre me pergunto é: como a diretora da escola mesmo sabendo da gravidade desse caso e, vendo que meu pai não veio à procura dela, não me procurou novamente ou fez o contato com algum responsável por mim? Afinal uma criança não tem o psicológico para lidar com diversos problemas sozinha. Será que ela pensa que eu estava pedindo por isso? Essa tentativa de estupro somada ao divórcio de meus pais e minha mãe ter se tornado usuária de drogas fez com que eu odiasse a escola e minha vida. Isso me acarretou uma depressão e um quadro de bulimia, onde quase todos os dias pela manhã parava no hospital. Eu pedia ajuda, mas minha mãe naquela situação não me ouvia. Dois anos depois me mudei para outra cidade e minha mãe se envolveu com um traficante, que era muito violento e sempre que chegava a casa me deparava com vários objetos quebrados e ela um tanto marcada pela violência. Tempo depois descobri que ela não se separava dele, pois ele cuidava de mim pela manhã e dizia que se ela tentasse pedir ajuda ele iria me estuprar e me matar. Felizmente conseguimos sair dessa situação e eu não sofri nenhum tipo de violência da parte dele. Essas experiências fizeram com que eu criasse um medo absurdo de ser violentada, que muitas vezes me sabota e me leva ao pânico em qualquer situação que apresente alguma chance de ser perigosa. Eu poderia ser uma estatística, por sorte não me tornei. Isso mostra como a cultura do estupro é algo perigoso, nessas horas eu penso: Eu sei que meu pai reconhece que a sociedade é machista e que a violência existe, mas será que ele imagina que ela atingiu a mim?

1.1.12 Carta de Obá aos leitores

Há tempos eu penso em como falar sobre isso, porque acho que nunca pensei em realmente falar sobre isso para alguém, da maneira que realmente aconteceu. Essa é a história de quando, contra a minha vontade, perdi a minha virgindade aos dezessete anos. É de conhecimento de poucas pessoas como isso aconteceu e com quem, porque eu realmente prefiro não falar sobre (por isso não falei a ninguém sobre esse relato). Bem, eu recém fiz dezenove anos (vê-se que é relativamente recente o que aconteceu) e sinto que, de uns meses para cá, ao tomar conhecimento dos mais variados tipos de violência física e/ou psicológica contra mulheres eu percebi que o que eu sofri foi realmente uma violência! O que eu não havia entendido muito bem até então. Eu estava com amigos, numa tarde normal de fim de semana e depois de umas ligações, resolvemos ir à casa de um conhecido em comum, que tinha acabado de começar a morar sozinho. Chegamos lá e logo sentimos o cheiro de cigarro e maconha, entramos e começamos a tomar um vinho. Eu sou uma pessoa muito fraca para bebidas e logo fiquei tonta, era uma das primeiras vezes que eu consumia álcool. E dentro desse grupo de amigos havia um casal, do qual eu era muito próxima e eles mantinham uma relação aberta. Aconteceu que em determinado momento todo mundo decidiu que queria comprar mais bebida no mercado que ficava perto da casa onde estávamos. O casal falou para eu ficar porque eles queriam falar comigo alguma coisa. Como eu estava tonta eu simplesmente fiquei e nós fomos para uma parte de trás da casa. Aconteceu que eles começaram a se beijar e a garota, minha amiga na época, que agora não passa de conhecida me deixou sozinha, lá atrás com o namorado. Beleza, eu pensei, ele é um cara legal. Beijamo-nos e ele logo demonstrou, pegando em partes do meu corpo, que queria levar aquilo além. Foi nesse momento que eu percebi que eles haviam combinado aquilo e nem sequer pediram a minha opinião. Bem, eu estava muito desconfortável e ele deixou claro que sabia que eu era virgem e disse que iria adorar tirar a minha virgindade. Eu falei que eu não queria, não naquele dia, naquele lugar. Eu comecei a realmente me sentir mal porque eu era a única menina virgem daquele grupo e, olha só, eu fiquei com medo que achassem que eu era fraca por não ceder. Um raciocínio que hoje acho completamente sem cabimento, mas naquele momento pesou tanto. Todos ao meu redor, todos os dias falavam de assuntos relacionados a sexo que eu não participava. Era evidente que eu era a

única virgem dali. E por algum motivo eles devem ter achado que deveriam me iniciar naquilo, sem sequer perguntarem se eu realmente queria ou estava preparada. Em vários momentos ele deixou claro que não deixaria eu sair dali sem que aquilo acontecesse. Hoje eu sei que eu poderia simplesmente ter saído de lá, porque ele estava sendo um completo imbecil, forçando algo que não era para acontecer. Mas no momento, tonta da bebida eu senti que não havia nada a fazer a não ser acabar com aquilo logo. É um clima de pressão que engloba os teus pensamentos que simplesmente parece que você é a pessoa errada por não querer fazer aquilo; que você está sendo rude, ainda mais quando você é uma garota que está conhecendo o mundo e que sentiu desde sempre o peso de uma sociedade patriarcal autoritária, onde os interesses sexuais do homem praticamente não são questionados, geralmente obedecidos. Foram mais de trinta minutos de ele insistindo e hoje me questiono todos os dias como alguém consegue sentir prazer em fazer sexo com alguém que claramente não quer. E por fim acabou acontecendo. Depois de um tempo, contando desde ele ter abaixado a minha calça até eu acabar com sangue nas minhas pernas. Nós voltamos para dentro da casa, onde todos já haviam voltado e eu queria ir embora. Eu me lembro de pensar 'eu perdi a minha virgindade'. E eu não sabia o que aquilo significava bem ainda. E todos foram embora juntos e o tempo todo ele se preocupava em olhar para mim e eu mal conseguia o encarar. Sempre tive problema com olhares e aqueles olhares pareciam os mais pesados de toda a minha vida. Isso aconteceu em um domingo e no dia seguinte havia aula. Eu pensei em faltar, mas logo decidi que não queria parecer fraca diante deles e fui para a escola. A namorada que estudava na mesma sala que eu, perguntou como eu estava e disse que ele falou que se sentia mal com o que havia acontecido. Eu falei que estava tudo bem e decidi enterrar, desde então a minha frustração, meus conflitos internos e tudo aquilo que havia de escuro dentro de mim e decidi também que apenas eu teria acesso a tudo isso. Depois de alguns dias eu descobri que, pelo menos umas cinco pessoas souberam que eu havia perdido a minha virgindade naquele dia. Imagino que ele deve ter se sentido, acima de tudo, vitorioso. Eu não o denunciei e eu simplesmente segui com a minha vida. Hoje em dia eu praticamente não penso sobre esse dia, pois depois de muita pesquisa e leitura eu consegui me sentir segura e realmente ser plenamente feliz

sexualmente. Eu penso em moças e mulheres que levam anos e anos para superar um trauma desse, que passaram por abusos muitas vezes muito piores e de pessoas mais próximas ainda. E eu não consigo ficar indiferente a isso, isso me dói. Mas pretendo continuar na luta, de mostrar às mulheres que elas têm o controle de seus corpos e que NINGUÉM pode impor suas vontades sobre as delas. Hoje estou com uma pessoa que tenho relacionamento há mais de um ano e que em nenhum momento me pressionou a fazer nada que eu não quisesse e que - olha só!- é alguém que sente prazer em ver prazer, em compartilhar, em dar e receber coisas boas. Vivo onde o 'nós' é importante e não apenas o 'eu'. Agora vivo com alguém que não pensa em satisfazer apenas a si mesmo como se estivesse tendo relação com uma boneca inflável. É essa pessoa e essa história que quero e vou guardar comigo.

1.1.13 Carta de Hatshepsut ao meu estuprador (que ele esteja entre os leitores)

Seis meses se passaram e hoje eu me sinto um pouco mais à vontade pra falar sobre você. Não posso dizer que já me sinto totalmente feliz, que não penso mais em você ou que isso já virou apenas uma lembrança. Seria uma mentira. Logo que aconteceu, eu achei que não seria feliz nunca mais e que a única saída pra acabar com toda dor que você me causou seria morrer. Mas, aos poucos, com as pessoas que me davam apoio incondicional eu fui conseguindo me levantar. Eu penso em você todos os dias, infelizmente não consigo tirar sua voz, seu cheiro e a sensação das suas mãos me tocando mesmo quando eu pedia descontroladamente pra você não fazer isso. Sua lembrança me assombra por onde quer que eu vá. Todas as vezes que eu ando sozinha pela rua e vou desviando de qualquer figura masculina que se aproxima, quando tá calor e eu prefiro não ir de shorts até a padaria, todos os dias ao passar pelo portão da universidade eu sinto meu corpo arrepiado atordoada pelas memórias do dia que sujou a minha vida. Eu nunca tinha te visto na minha vida, não sabia seu nome e nem como você era e mesmo assim você entrou na minha vida pra deixar tudo diferente. Estupro é uma palavra difícil de se pronunciar não? Talvez você nem tenha se dado conta que foi isso que aconteceu. Fiquei dias e noites pensando se isso tinha acontecido ou não, se eu

estava realmente certa. Não consegui entender por qual razão tanta gente tinha ficado contra mim. As pessoas realmente acharam que eu usaria isso pra me promover? Eu não te conhecia, eu não tinha razão pra querer te fazer mal. Até agora não consigo entender porque eu fui chamada de louca, vagabunda, mentirosa, oportunista. Que fique claro que a única coisa que eu ganhei nessa história toda foi exposição e sofrimento. Depois de tantos julgamentos, coloquei na cabeça que a culpa foi minha. E vinha carregando essa culpa até ontem. Até ter mais uma das minhas noites de insônia totalmente invadidas por você (acontece muito sabia? É horrível). Tenho memórias que deixariam qualquer um devastado, memórias que você me fez ter. Faço-me forte todos os dias pra levantar da cama, eu não podia me entregar e deixar você arruinar mais a minha vida. Ainda faço isso todos os dias, junto todas as motivações pra conseguir continuar. Tive muito medo de perder o controle ao tornar essa história pública. Mas não quero continuar calada. Vejo todos os tipos de argumentos entre seus amigos e pessoas da faculdade e muitos contra mim nessa história. Não consigo entender. Queria ter o meu direito de voz também. Precisava me defender, fiz um relato anônimo sobre o ocorrido e ainda sim não me senti livre desses demônios o suficiente, talvez nunca me sinta. Ainda sinto uma tristeza enorme quando eu leio que 'a culpa é dela'. A culpa é dela. A CULPA É DELA. Queria um único motivo para a culpa ter sido minha. Eu estava em uma festa, bebendo como outras centenas de meninas, ninguém ali esperava nem merecia ser estuprada. Espero que eu tenha sido a única, que você nunca mais faça isso com uma mulher, não desejo esse sofrimento pra ninguém no mundo. Não posso deixar de te dizer que depois desse acontecimento, eu encontrei homens maravilhosos. Tive amigos (e amigas, claro) incríveis que me apoiaram de uma forma inacreditável. Só posso agradecer a eles por todo apoio. E em especial ao meu namorado, ele é incrível. Você nem merece saber sobre ele, não é digno disso, mas ele é tudo que eu poderia querer para conseguir me refazer como mulher. E não pense que você não é o culpado, você é. Denunciar é difícil, mas não pensei duas vezes antes de fazer. Eu sabia que não estava cometendo um erro ou uma injustiça. Demorei a me pronunciar, não sei se hoje você já sabe o tamanho da gravidade do seu ato ou ainda se pergunta 'o que eu fiz?'. Acho que eu já deixei claro o suficiente, não? Eu escrevi essa carta, esperando que você um dia leia, não vou te perdoar. Nem hoje,

nem daqui a 15 anos. Você destruiu minha vida, tirou o brilho dos meus olhos e minha vontade de viver, tenho que reconstruir isso diariamente. Quando sentir novamente o desejo de possuir uma mulher que não te quer, pense na sua mãe, na sua irmã ou em quando você tiver uma filha. Você violou meu corpo, minha mente e minha alma. Lamento muito que você seja essa pessoa desprezível. Eu espero que essa carta chegue até você, que você leia e consiga entender o sofrimento que me faz passar.

Com todo desprezo do mundo.

1.2 A BUSCA PELO GRUPO E A PESQUISADORA: O PARADOXO DA DOR E DO EMPODERAMENTO

Os relatos que fizeram parte da seção anterior podem dar uma ideia de como esta pesquisa é emocionalmente dolorosa e envolvente. O envolvimento do pesquisador no processo de pesquisa é um importante debate nas ciências humanas e sociais que, em muitos casos, são acusadas de pequeno rigor científico. Contudo, as epistemologias feministas e etnorraciais têm discutido a necessidade de compreender que a produção científica é uma obra de um ser humano com determinadas condições materiais, culturais e pessoais e que tudo isso é parte do processo de pesquisa.

A ideia de que toda produção científica é situada, segundo Monk (2011), já é algo comum na Geografia. Contudo, penso que ela faz essa afirmação porque vive em um contexto de produção científica em que a corrente feminista da geografia já tem mais de 30 anos de existência. No Brasil, entretanto, o contexto é diferente. Poucas vezes a pessoa que pesquisa se coloca na relação com as pessoas pesquisadas.

Refletir a situação na qual o conhecimento dessa dissertação foi produzido, implica considerar que o lugar, o tema e a forma como interpretamos a realidade pesquisada são moldados pelo lugar onde nós mesmos nos situamos como pesquisadores, como seres humanos e nossas identificações. Portanto, é como geógrafa, mulher, militante feminista e agredida que realizo minha trajetória de investigação.

Assim como minha situação ou posicionalidade, marcam a investigação, é importante dizer o quanto uma investigação afeta a vida de pesquisadores e pesquisados. Notadamente quando há uma experiência que pode ser compartilhada entre esses dois polos de sujeitos que fazem a pesquisa acontecer. As experiências trocadas, os relatos e as transcrições foram sempre marcadas por fortes emoções. Sentimentos como raiva, angústia, revolta, solidão, solidariedade, empatia e felicidade fazem parte do processo. Foram muitas as lágrimas que rolaram, os abraços que trocamos e também a risadas que conseguimos dar nessa caminhada. As mulheres que fizeram parte dessa trajetória ensinaram-me também que a dor pode ser um instrumento de transformação social. Ser forte sozinha não é o bastante, é preciso falar sobre a violência sexual, denunciar e lutar para que isso não aconteça com outras mulheres dessa e de gerações que virão.

Posso dizer que o final dessa trajetória e o produto da dissertação são também partes da minha reconstrução⁸ e empoderamento como mulher feminista. Quero acreditar que muitas das pessoas que colaboraram com esta pesquisa tenham conquistado mais força para ressignificar suas experiências de violência e partir para as reivindicações de seus direitos.

O sentido de empoderamento é assim definido no Glossário Social (2004):

Processo pelo qual um indivíduo, um grupo social ou uma instituição adquire autonomia para realizar, por si, as ações e mudanças necessárias ao seu crescimento e desenvolvimento pessoal e social numa determinada área ou tema. Implica, essencialmente, a obtenção de informações, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto a sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída. A essas variáveis, deve somar-se uma mudança de atitude que impulse a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática, metódica e sistemática, no sentido de objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente reativa ou receptiva. (CHIAVO e MOREIRA, 2004, p. 59).

Esse conceito, segundo Schiavo e Moreira (2004), ficou mais popular na sua versão em inglês *empowerment* que significa 'dar poder' a alguém para realizar uma determinada ação sem precisar da permissão de outra pessoa. Stotz e Araújo (2004), na busca de uma definição para *empowerment*, apontam que é uma palavra de origem inglesa, sem tradução para o português, porém, uma tradução do verbo

⁸ Utilizaremos a palavra 'reconstrução' em vez de 'superação', pois logo na primeira entrevista que realizei fui chamada à atenção para o fato de que a palavra superação era entendida como 'passar uma borracha' na violência sexual sofrida e que isso era impossível de ocorrer.

empower oferece os sentidos de autorizar, de habilitar ou permitir.

Paulo Freire (1986) questiona o sentido de *empowerment* a ser utilizado no contexto latino-americano. Segundo ele, é necessário considerar o espaço e a forma como as relações de poder estão organizadas. A questão do empoderamento, para o autor, relaciona o individual ao social e ele está preocupado em constituir a ideia de autonomia de grupos oprimidos e sendo assim, para ele, não se trata de imaginar que o empoderamento é uma concessão de poder, mas sim um poder conquistado, constituído na experiência que é simultaneamente temporal e espacial. O caráter relacional do empoderamento, segundo os argumentos de Freire (1986), é sustentado pela ideia de que não existe um ser humano individualizado que possa adquirir um empoderamento a partir apenas de sua psique, mas um processo político que envolve o ser humano em grupos sociais, em geral oprimidos, que buscam a liberdade e que o processo educativo pode ser um caminho emancipatório.

As mulheres sofrem diferentes formas de opressão e notadamente aquelas que acumulam vários eixos de opressão de forma simultânea como gênero, classe, raça, idade e assim por diante, constituem um grupo de maior vulnerabilidade. Essa percepção tem trazido a ideia do empoderamento para organizar as lutas feministas. A definição de Freire (1986) sobre o empoderamento, sobretudo, porque contempla a realidade latino-americana, é uma interessante proposta ao movimento feminista que pode estar articulado com a produção de um conhecimento que pode servir para a emancipação e autonomia.

Aliada ao empoderamento tem sido desenvolvida a ideia de 'sororidade'. O termo traz o significado de uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo que implica a solidariedade entre as mulheres. Assim, tal qual propõe Freire (1986), o empoderamento só tem sentido na ação coletiva entre grupos oprimidos e o gênero é certamente um dos eixos mais poderosos de opressão da sociedade ocidental patriarcal. Assim,

a sororidade é uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existenciais e políticas com outras mulheres para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão, constituindo o empoderamento vital de cada mulher. A sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia e é o esforço tanto pessoal quanto coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina,

enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres. (LAGARDE, 2009, p.9).

O exercício de construção dessa pesquisa coloca-se como uma prática de sororidade e empoderamento, na medida em que ao falarem de suas vidas e discutirem suas vivências, as mulheres que participaram desta pesquisa também puderam ressignificar suas experiências. Seus depoimentos são expressivos na perspectiva da solidariedade e da luta pelo rompimento do silêncio. As falas de várias das mulheres que participaram da pesquisa podem atestar este argumento, como nos trechos a seguir:

É importante assim sabe pra todo mundo se sentir confortável, porque a coisa mais importante que eu aprendi com o feminismo é que *mina* tem que ter empatia com *mina* e isso assim. E por isso acho que pelas outras, sabe. Acho que não dá pra ignorar uma guria que tá, que sabe o que acontece, que está disposta a mostra e tem meios, acho que por isso. (Anima, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

É, eu acho que primeiro é muito difícil né, dá, dá essa entrevista, então eu acho que o trabalho acadêmico como uma forma de denúncia por ser a sua pesquisa, também né, por ser uma pessoa de que, eu tenho confiança e mais por acreditar também que os resultados vão contribuir pra um trabalho social assim. (Makeda, Ponta Grossa, 20 de junho de 2015).

E eu não quero mais esconder o que aconteceu ou o que deixou de acontecer. E se tiver que dar visibilidade, se tiver que contar, se tiver que, eu vou fazer, pra que outra olhe pra mim e diga, isso também aconteceu contigo. Porque daí vão perceber que não estão sozinhas, só isso. (Kahina, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

É também a possibilidade de dar voz pras mulheres que tiveram, que passaram por algum tipo de violência, né. Eu nunca tinha passado por uma situação de violência dessa forma assim tão... e também ao mesmo tempo eu consegui ter uma auto análise assim muito boa e identificar também que a minha ação em relação a essa questão poderia também contribuir com o empoderamento de outras mulheres. Então acho que como já é uma coisa que eu consegui falar publicamente e tal, acho que é mais um exemplo que vai contribuir também pra outras mulheres né. (Boudicca, Ponta Grossa, 21 de julho de 2015).

A posição política da produção da pesquisa estava clara para mim, como geógrafa, militante e feminista assim como também para grande parte de minhas colaboradoras. Estávamos dispostas a trazer o tema para o debate científico

⁹Sororidad. In: GAMBA, Susana Beatriz. **Diccionario de estudios de género y feminismos**. Buenos Aires: 2009. Texto adaptado por RÍOS Maiara Moreira de; s/d. Disponível em <https://we.riseup.net/radferm/definindo-sororidade-marcela-lagarde>. Acessado em 15 de março de 2016.

geográfico e constituir visibilidade acadêmica e política dessa opressão vivida por todas nós.

Entretanto, formar este grupo de pessoas não foi tarefa simples. Afinal, a dor da violência sexual é algo muito difícil de ser compartilhado e apesar de ter plena certeza do tema escolhido, no início não tinha a certeza de que seria exequível. A primeira tentativa de conseguir pessoas que se juntassem a mim foi a criação de um canal no YouTube chamado 'Quebrando o Silêncio' e postar um vídeo convidando mulheres que já sofreram violência sexual para me dar seu depoimento.

Apesar de que minha fala deixava clara a intenção científica, também esclareci a função política desse processo. Nesse vídeo em que eu protagonizei um discurso engajado contra a violência sexual, também me coloquei como fonte de escuta. No final do vídeo, enviava os meus contatos como o endereço do meu *Facebook*, meu e-mail e o número do meu telefone celular. O vídeo foi lançado em 07 de maio de 2014, alcançou 1.989 visualizações até o dia 01 de março de 2016. Para minha felicidade, o grupo começou a se formar a partir daí.

Embora inicialmente tivesse a intenção de fazer uma pesquisa mais local, focada no município de Ponta Grossa, apareceram mulheres de vários lugares do Brasil o que evidencia que a violência sexual contra mulheres é um fenômeno espacial disperso e persistente. Como o número de mulheres que entraram em contato cresceu rapidamente, construí um grupo no *Facebook* chamado 'Meninas Sem Silêncio'¹⁰, no qual adicionei todas as mulheres que se envolveram de alguma maneira na pesquisa, seja mandando o relato por escrito, dando entrevista, ou comentando em alguns *posts*. Não tive a oportunidade de entrevistar todas que entraram em contato comigo, uma vez que mulheres do Rio de Janeiro, São Paulo e Maceió também demonstraram interesse para a participação¹¹ nessa pesquisa. O grupo do *Facebook* ainda é composto por 23 meninas que acompanham o andamento da pesquisa e se utilizam deste canal para postar os relatos de violência, receber e dar apoio emocional.

Além de pessoas moradoras de outras cidades, distantes de Ponta Grossa, começaram a se apresentar para a entrevista pessoas próximas, de Ponta Grossa e

¹⁰Por ser um grupo secreto e para preservar a identidade das mulheres que estão presentes no grupo, optei por não vincular nenhuma imagem do grupo na dissertação.

¹¹ Os relatos constam no início do capítulo como sendo as cartas.

fora dela. Pessoas conhecidas, amigas, primas e irmãs das conhecidas. A dinâmica era boa para a pesquisa, mas ao mesmo tempo aterrorizante, pois evidenciava um fenômeno que atingia muitas mulheres, de diferentes situações econômicas e sociais. Não conseguia deixar de pensar que eu, sem saber, convivía com o sofrimento de tantas mulheres silenciadas. Cada vez que mais alguém se apresentava, mais surpresa e apavorada eu ficava ao saber que essa realidade é tão comum e acontece com pessoas e famílias que jamais eu ousaria imaginar.

A colaboração evidenciada me levou a elaborar um roteiro semiestruturado para guiar as entrevistas com as mulheres que estavam dispostas a isso. O roteiro era detalhado¹², com questões que exploravam as características da pessoa, violência sofrida, o agressor e a relação da violência com o espaço. Desde as primeiras experiências, o roteiro mostrou-se inoperante. O encontro entre mim e essas mulheres era marcado pela ansiedade e insegurança, já que muitas vezes era a primeira vez que contavam o fato a alguém. Não houve possibilidade de se ater de forma disciplinada ao roteiro, dada a carga emocional desses encontros. Emoção por mim também sentida, e, confesso minha participação para superar esse obstáculo.

Assim, resolvi manter os eixos estruturadores do roteiro, mas não seguir as perguntas, constituindo um discurso mais solto e espontâneo, embora com um claro fio condutor que envolvia a história e as características básicas da pessoa entrevistada, o fenômeno da violência, impacto desse episódio em sua vida e como o espaço fazia parte desse fenômeno. Foram realizadas onze entrevistas¹³ com pessoas que, de forma bastante sintética, estão evidenciadas na tabela que segue.

¹² Ver roteiro no apêndice 1.

¹³ Os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios, inspirados nas rainhas e guerreiras africanas do site: <http://www.geledes.org.br/grandes-reis-e-rainhas-da-africa/> e também em mulheres guerreiras de outras partes do mundo do site: <http://blogueirasfeministas.com/2013/03/mulheres-guerreiras/>.

QUADRO 1 - Relação de Pessoas Entrevistadas e suas Características

Nome Fictício	Idade	Cor da pele	Escolaridade	Renda	Idade na época da violência sofrida	Agressor
Anima	18	Branca	Ensino Médio Completo	Vinte salários mínimos	12/13/17	Namorado/ Namorado/ Relacionament o Informal e + 2 amigos
Makeda	23	Branca	Superior Incompleto	R\$ 400,00	8 aos 10 e 23	Irmão/ Conhecido
Kahina	26	Branca	Ensino Médio Completo	Seis salários mínimos	6	Primo
Boudicca	24	Branca	Superior Incompleto	R\$ 600,00	23	Conhecido
Nanny	26	Negra	Superior Completo	R\$ 400,00	23	Motorista do ônibus
Zenóbia	24	Branca	Superior Incompleto	R\$ 400,00	6/ 10 aos 11	Amigo da família/ Vizinho
Yodit	21	Branca	Superior Incompleto	R\$ 600,00	9 aos 11	Padrasto
Triệu Thi Trinh	29	Branca	Superior Incompleto	R\$ 1.100,00	20 aos 26	Namorado
Nzinga	21	Branca	Superior Incompleto	R\$ 1.500,00	20	Desconhecido
Idia	22	Branca	Superior Incompleto	R\$ 700,00	20	Relacionament o Informal
Yennenga	20	Branca	Superior Incompleto	Seis salários mínimos	6 anos e aos 19	Pai/ namorado

Organização: Mayã Polo de Campos.

Fonte: Entrevistas realizadas por Mayã Polo de Campos entre setembro de 2014 a março de 2015.

As quatorze horas e quatorze minutos de fala foram transcritas na íntegra. Consegui muitas páginas transcritas de histórias envolventes, importantes do ponto de vista social e acadêmico, mas sem uma padronização. Isso passou a ser um imenso obstáculo porque a fala mais livre foi, sem dúvida, mais rica e produtiva. Contudo, não havia um guia de roteiro que baseasse o processo de sistematização dos dados. Além disso, não poderia seguir o caminho que é muito comum em vários trabalhos científicos da área humana em que a pessoa que pesquisa toma a palavra para si, analisa e apenas usa de trechos de entrevistas realizadas para

simplesmente reforçar suas próprias opiniões. Se agisse dessa maneira, trairia a confiança das minhas colaboradoras, pois elas seriam, mais uma vez silenciadas e eu seria a responsável por isso.

1.3 ANÁLISE DOS DADOS E O DESAFIO DAS TÉCNICAS DE SISTEMATIZAÇÃO DO DISCURSO

Diante desse conflito ético e metodológico, aproximei-me da metodologia desenvolvida pelo historiador Edson Armando Silva, também componente do GETE e que estava, justamente naquele momento, terminando sua própria pesquisa sobre análise de dados qualitativos. Apresentei minhas preocupações e constituímos um grupo de trabalho em torno dos desafios de sistematização de discursos que estão desestruturados, como era o meu caso.

A metodologia é original, desenvolvida com ferramentas de *software* livre e está descrita de forma detalhada em Silva e Silva (2016), no artigo *Ofício, Engenho e Arte: inspiração e técnica na análise de dados qualitativos*, publicado na Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero.

Com 154 páginas de material bruto, oriundo da transcrição das falas de onze entrevistas, foi iniciado o árduo trabalho. De um lado, dominar uma metodologia e ferramentas informacionais que eu mesma nunca tinha tido contato antes e, de outro, construir um sentido para aquele material desestruturado. Creio que a partir de agora é impossível falar na primeira pessoa, já que esse processo é fruto de um encontro de pesquisadores do GETE que possibilitaram que esse trabalho chegasse ao fim.

O primeiro procedimento foi reunir todas as entrevistas em um único documento e 'desambiguar' as palavras. Esse trabalho inicial foi realizado com o editor de texto do pacote *OpenOffice*. Desambiguar as palavras é um processo pelo qual se reconhece algumas palavras importantes no texto e que possuem significados diferentes no contexto da fala. No caso dessa pesquisa, um exemplo de necessidade de desambiguação foi da palavra 'cara'. Esta mesma palavra (cara) aparecia com diferentes sentidos no discurso das mulheres. Em um sentido, 'cara' remetia a rosto. Num segundo sentido, 'cara' era usado para falar sobre um homem qualquer e por último, 'cara' era utilizado para falar do agressor. Para diferenciar os

sentidos da palavra 'cara', foi necessário criar códigos para que o programa pudesse entender. Assim, 'cara' foi utilizado para designar rosto, 'cara_h' para designar um homem qualquer e 'cara_ag' para permitir ao programa reconhecer quando o discurso se referia ao agressor.

O exemplo que foi evidenciado anteriormente faz parte de um minucioso processo de reconhecimento do sentido das palavras que compõem o discurso e que somente o ser humano pode fazer. Para o computador 'cara' sempre será 'cara', mas o ser humano consegue reconhecer as diferenças de sentido e por isso a desambiguação é um processo de intervenção necessária.

O segundo procedimento de tratamento do material bruto é transformar o texto em tabela, como pode ser visto na Figura 2.

FIGURA 2 - Transformação de Texto preparado em Tabela

Source	Target	Type
1	Eu tenho 24 anos	Undirected
2	É cursando ensino superior	Undirected
3	Eu moro em uma republica com mais três meninos e duas meninas	Undirected
4	Minha renda é de 600 reais	Undirected
5	A minha cor de pele é sou branca né	Undirected
6	As razões pra eu contribuir, ah, porque, as razões, ah, eu acho que é um trabalho muito importante e dá visibilidade pra esse tema_a	Undirected
7	acho que tanto dentro da universidade, violência sexual é um tema que não tem visibilidade, nos estudos de gênero não tem, e por ser de uma grande amiga minha	Undirected

Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva.

Entrevistas realizadas por Mayã Polo de Campos entre setembro de 2014 a março de 2015.

Esse documento bruto tem que ser ainda lapidado por meio da retirada das *stopwords*. Esse termo é designado para identificar palavras que não possuem um sentido próprio sozinhas e que poluem a massa de dados. Por exemplo, a palavra 'em' não tem sentido em si, mas a palavra 'medo' tem um sentido próprio. O

procedimento para essa operação se dá da seguinte forma: depois do documento pronto e salvo em formato '.csv' ele é novamente importado para o aplicativo '*Open Refine*'. Este aplicativo operacionaliza a limpeza do material de palavras consideradas descartáveis na estrutura de significados discursivos.

Além de descartar as *stopwords*, há ainda a necessidade de um novo refinamento no material bruto que é reunir em uma palavra conjuntos de palavras com significados semelhantes a fim de permitir que o programa consiga entender que se trata de um mesmo significado semântico. Então, por exemplo, foi possível reunir na categoria 'ódio' várias palavras que significavam a mesma coisa como 'raiva' e 'ódio'. Esta é a lógica de lapidar mais uma vez o material bruto procurando diminuir a quantidade de palavras e mantendo a categoria de significado que estrutura o discurso, como pode ser visto na Figura 3.

FIGURA 3 - Google Refine

violencia_sexual_projeto_final.csv Permalink

Open... Export Help

Facet / Filter Undo / Redo 32

Refresh Reset All Remove All

31539 rows

Show as: rows records Show: 5 10 25 50 rows

« first < previous 1 - 50 next > last »

Extensions: Freebase

Target change

4178 choices Sort by: name count Cluster

All	Source	Target	Type
1.		ensino	
2.		superior	
3.		moro	
4.		república	
5.		homens	
6.		mulheres	
7.		renda	
8.		reais	
9.		pele	
10.		razões	
11.		trabalho	
12.		importante	
13.		visibilidade	
14.		tema_a	
15.		universidade	
16.		violência_sexual	
17.		tema	
18.		visibilidade	
19.		estudos	
20.		gênero	
21.		amiga	
22.		acredito	
23.		motivação	
24.		levou	
25.		trabalhar	
26.		tema_a	
27.		possibilidade	
28.		voz	
29.		pras	
30.		mulheres	
31.		passaram	
32.		violência	

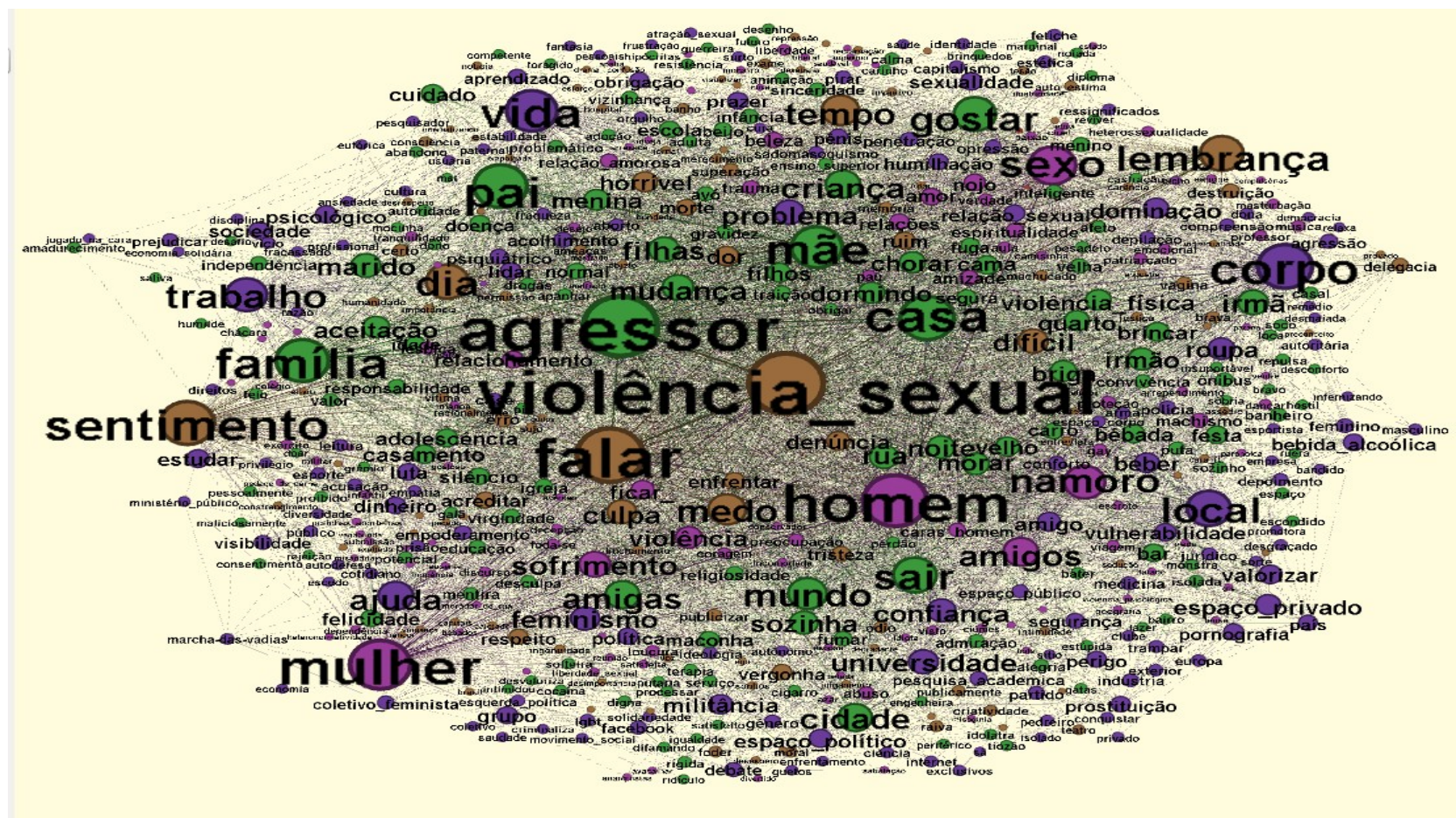
Organização: Mayã Polo de Campos
Entrevistas realizadas por Mayã Polo de Campos entre setembro de 2014 a março de 2015.

Todos os procedimentos realizados no *Open Refine*, a fim de lapidar o material discursivo, geram um documento que registra as operações chamado *script* que deve ser exportado. O material agora já refinado, apenas com palavras significativas na estrutura do discurso, deve ser salvo em uma planilha .csv para permitir o próximo passo.

Agora é necessário constituir a ligação entre as palavras significativas que estruturaram o discurso e isso foi realizado pelo *software Gephi*. O *Gephi*, por meio de cálculos matemáticos, cria as redes de significados e as comunidades semânticas por meio de grafos. Um grafo é formado pelo nó (que nesse caso é a palavra) e as arestas (que nesse caso são as ligações entre palavras), formam uma determinada rede de significados discursivos.

Os grafos permitiram o reconhecimento da concentração de frequência de determinadas palavras e suas ligações mais importantes. Esta é a primeira fase de organização do discurso, que no início parecia caótico, como podemos observar na Figura 4 a seguir:

FIGURA 4 - Grafo Geral de Violência Sexual

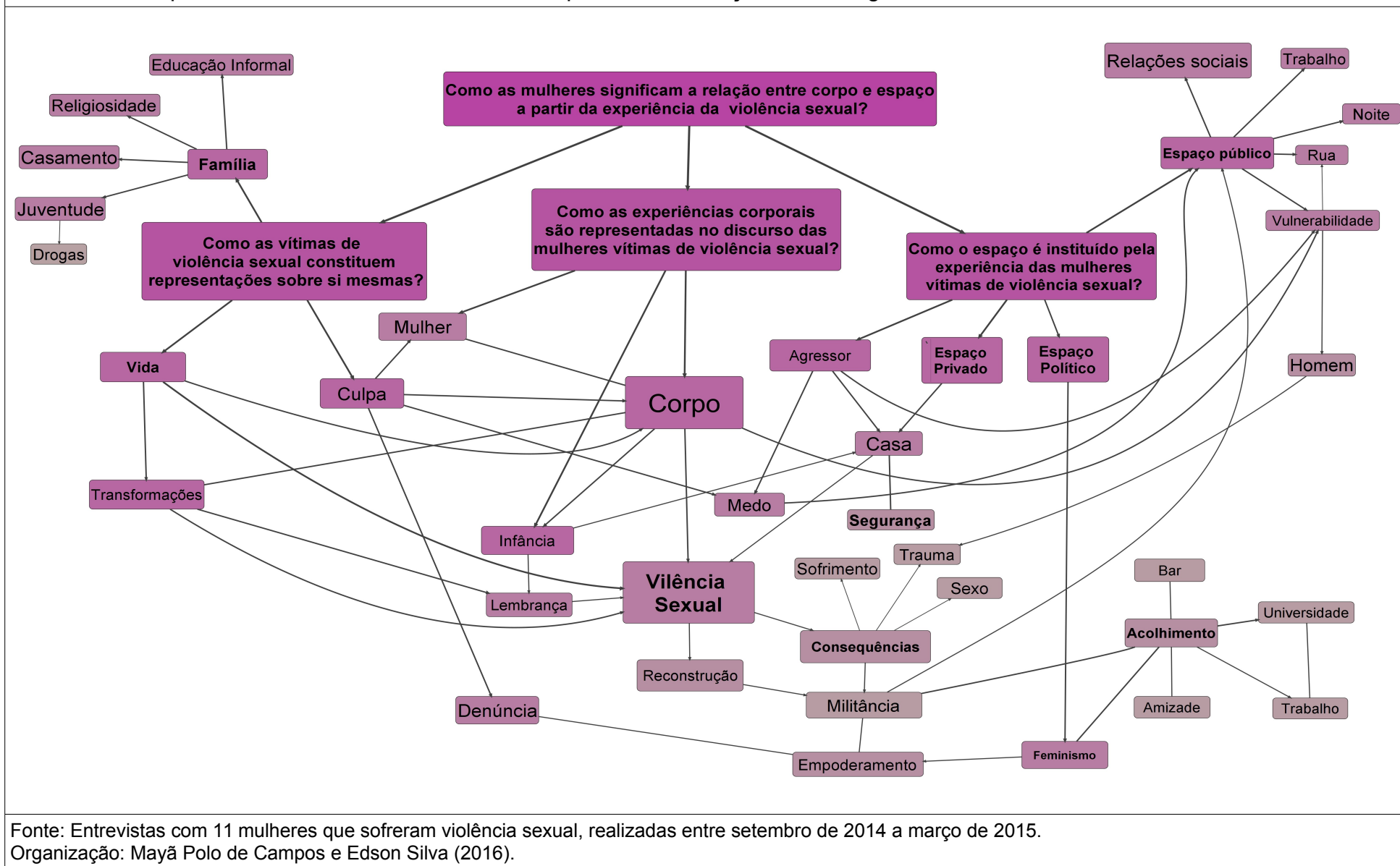


Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016)

Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Com base nos primeiros grafos que evidenciam a frequência e as comunidades semânticas, foi possível avançar para outra fase de refinamento do discurso que é a criação do mapa mental das categorias (Figura 5). Esse passo foi feito através do Visual Understanding Environment (VUE). Esta fase constitui o panorama de categorias do discurso das pessoas entrevistadas que são agora mediadas pelas questões de pesquisa a fim de constituir a lógica da investigação e as respostas possíveis de serem construídas.

FIGURA 5 - Mapa Mental Construído através do VUE para a Identificação das Categorias Discursivas

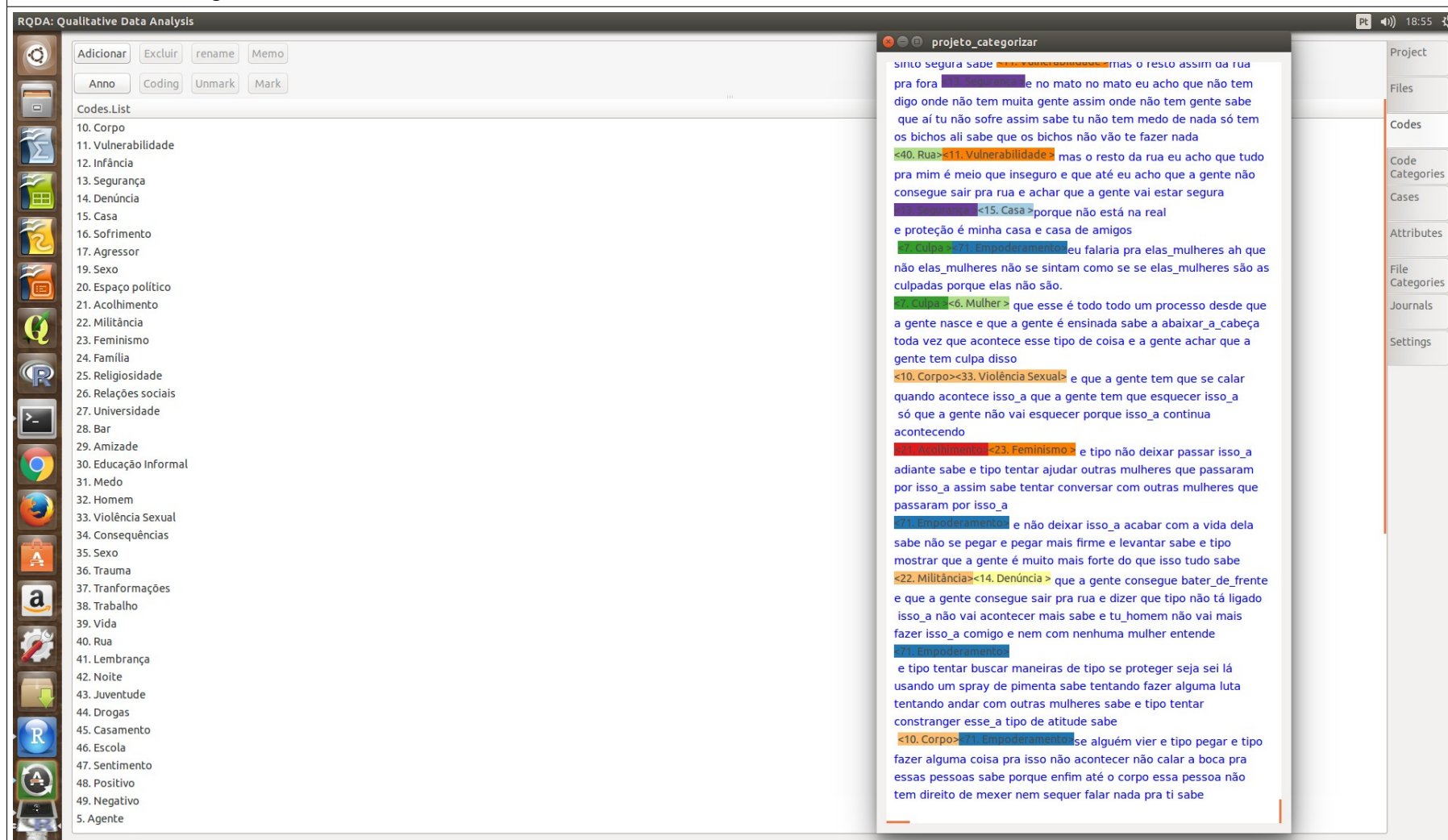


Depois de criadas as categorias, foi retomado ao texto original das entrevistas transcritas e realizado o processo de interpretação do discurso a fim de traduzir o texto em unidades de sentido. Em cada passagem da entrevista se atribuiu uma ou mais categorias. Esse processo foi realizado pelo pacote estatístico “R” chamado “*RQDA - a R package for Qualitative Data Analysis*”¹⁴. Trata-se de uma ferramenta que, apesar de bastante amigável, aparentemente, permite o armazenamento de informações em um banco de dados chamado SQLITE¹⁵. Na Figura 6 que segue, é possível visualizar um exemplo de marcação de categorias no texto base interpretado.

¹⁴ HUANG, Ronggui. *RQDA: R-based Qualitative Data Analysis*, [s.l.: s.n.], 2012.

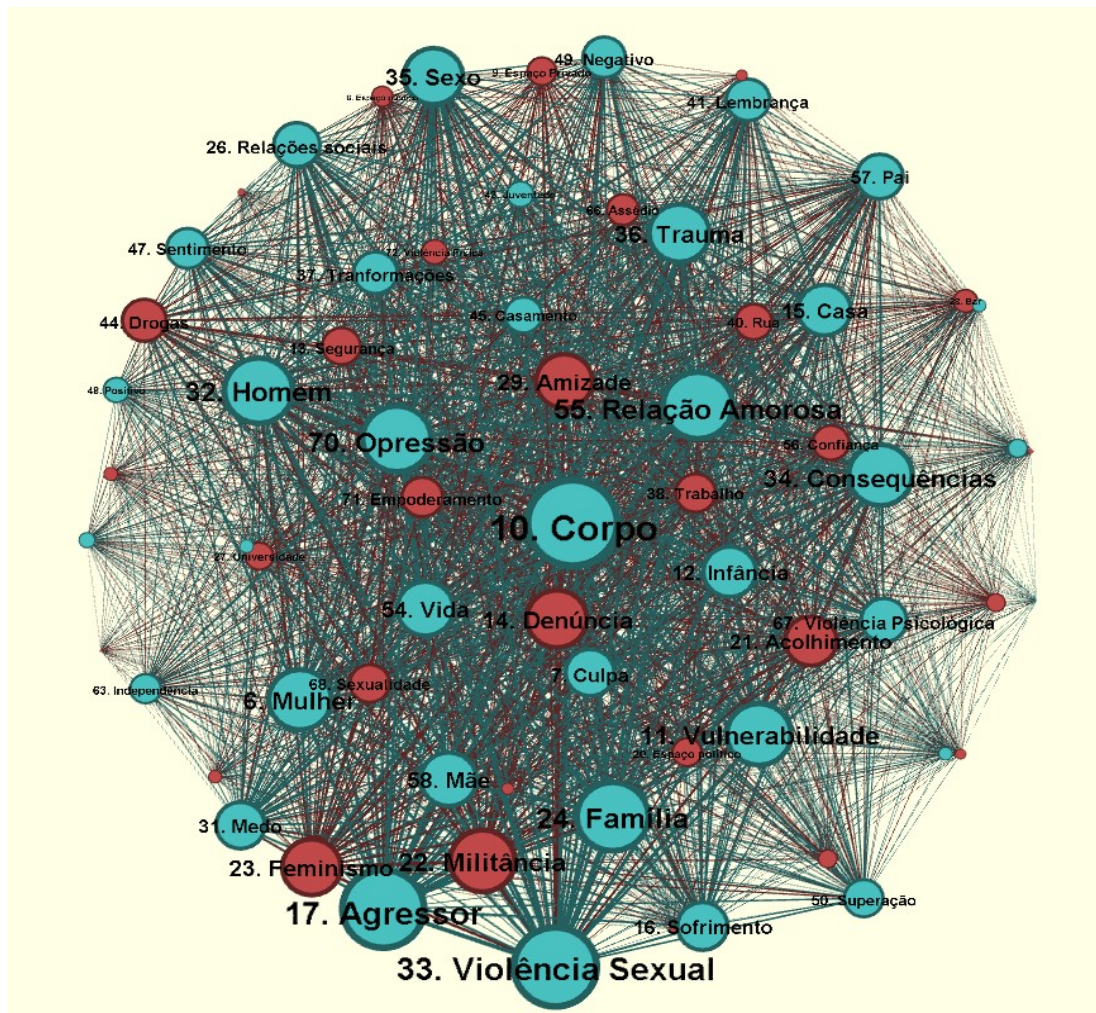
¹⁵ SQLITE CONSORTIUM. *SQLite* [s.l.]: Open Source Community, 2014.

FIGURA 6 - Categorias Construídas no RQDA



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.
Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

Os dados armazenados foram novamente tratados, como já explicitado anteriormente para retirada de *stopwords*, reunião e padronização de palavras e depois os resultados foram exportados para a planilha .csv que permitiu a geração do grafo que se segue por meio do *Gephi*. A rede que se formou, permitiu organizar o discurso das 11 entrevistas para responder à questão de 'Como as mulheres significam a relação entre corpo e espaço a partir da experiência da violência sexual?'. Com a rede semântica em torno de cada categoria foi possível constituir uma ordem discursiva que organiza os depoimentos que anteriormente pareciam caóticos. Podemos observar na Figura 7 o primeiro resultado obtido por nós. Nesse grafo, já fica evidente a polarização entre reconstrução e trauma, que iremos trabalhar no Capítulo III.

FIGURA 7 - Primeiro Resultado Grafo Geral do GEPHI das Categorias Discursivas

Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.
Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

É importante destacar que esta organização visual do grafo gerado pelo *Gephi* é sustentada por cálculos estatísticos capazes de apontar as ligações e as centralidades de categorias utilizadas nos depoimentos das entrevistadas. Com isso, o material bruto, a princípio caótico do ponto de vista do rigor metodológico, pode ser sistematizado. É possível agora afirmar que, apesar de minha ativa participação no processo interpretativo das entrevistas e na categorização, o discurso produzido pelas mulheres colaboradoras da pesquisa mantém os seus mais profundos significados.

Esse capítulo realizou a socialização do processo de pesquisa, os caminhos

percorridos, os erros e acertos, bem como apontou limites e potencialidades dos procedimentos, ferramentas e escolhas realizadas. Expor a trajetória de pesquisa à prova da análise científica dos *experts* não é uma tarefa fácil. Entretanto, esse é o caminho mais honesto para que a ciência e seu processo de produção mantenha seu caráter de produto humano, capaz de colaborar para transformações positivas da humanidade.

CAPÍTULO II

VIOLÊNCIA SEXUAL, GÊNERO, CORPO E ESPAÇO

Teu corpo é o espaço mais teu possível.
(Amina, 2014)

Este capítulo tem como objetivo constituir as bases teóricas adotadas para produzir a compreensão de como as mulheres significam a relação entre o corpo e o espaço a partir da experiência da violência sexual. Essa questão, base para a escolha conceitual, também incentivou a construção interna do texto. Na primeira parte deste capítulo será evidenciada a relação entre violência sexual, poder e gênero. Esta escolha deve-se ao fato de que, como já evidenciado na trajetória de pesquisa descrita no capítulo I, a violência sexual se realiza de forma generificada e, além disso, os gêneros estão estabelecidos em diferentes posições de poder nos episódios de violência sexual. Na segunda parte de discussão conceitual desse capítulo foi importante trazer a ideia de corpo sob um enfoque da Geografia. E na última parte da discussão será desenvolvida a ideia do corpo como um espaço pessoal, trazendo para tanto a categoria da escala geográfica, para evidenciar que o corpo pode ser simultaneamente sujeito, mas também um espaço pessoal de existência.

2.1 A VIOLÊNCIA SEXUAL, PODER E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Uma fonte normalmente usada e de confiança para levantamentos sobre a violência sexual são os boletins de ocorrência das delegacias e da brigada militar. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2015 aponta que ocorreram 47.646 registros de violência sexual em todo o Brasil. Segundo o Anuário de Segurança Pública, apenas 35% das vítimas realizam a denúncia da violência sexual, e, segundo o Ministério da Saúde (2005), apenas 10% dos casos de violência sexual são notificados pelos órgãos policiais e jurídicos.

Azevedo e Guerra (1993) realizaram um levantamento de 168 boletins de ocorrência referentes ao crime de violência sexual. As autoras chegaram ao seguinte resultado: 93,5% das denúncias realizadas referem-se ao sexo feminino e a faixa de

concentração etária é dos 7 aos 10 anos. Outra pesquisa realizada por Safiotti (2004), a partir do ano de 1988 até o ano de 1992, aponta que 90% dos dados correspondiam ao sexo feminino, em que o agressor correspondia ao sexo masculino. Os outros 10% referiam-se a meninos e desses casos, 9% correspondiam ao agressor do sexo masculino. Já na pesquisa de violência sexual incestuosa, nenhum garoto foi encontrado. E a preocupação que surge a partir desses dados, é que esse fenômeno é invisibilizado, uma vez que, como aponta Safiotti (2004), em um país tão machista como o Brasil, este segredo está muito bem guardado, mas faz referência ao dado internacional que aponta que 10% das vítimas de abuso sexual incestuoso são meninos.

A partir dessas considerações, é possível lançar a seguinte projeção: o ano de 2014 contou com 47.646 denúncias de violência sexual, se esse número refere-se às denúncias, sendo elas apenas 22,5%¹⁶, o Brasil pode ter convivido com o total de 210.311 casos durante o ano de 2014. Se, desses casos, 10% podem corresponder às denúncias contra meninos, o total de mulheres que foram violentadas no ano de 2014 pode ter chegado ao total de 210.289, e as denúncias contra meninos, totalizaria 21.031. Ou seja, essa projeção nos leva a ver que no ano de 2014, uma mulher foi violentada sexualmente a cada 4 minutos no Brasil.

A violência sexual é um tema voltado principalmente à infância e à adolescência, e isso se justifica, pois a maioria das denúncias realizadas na Delegacia da Mulher na cidade de Ponta Grossa – PR, no ano de 2012, referia-se a meninas com uma concentração etária de 7 a 14 anos (CAMPOS, 2013).

Outra autora que fez esse levantamento foi Safiotti (2004). A autora faz duras críticas a Freud, pois parte da obra desse psicanalista acabou destruindo a credibilidade infantil, pois aponta que a criança do sexo feminino tem fantasia sexual com seu pai, com o intuito de destronar, dessa maneira, sua mãe. A autora evidencia que em uma pesquisa realizada do ano de 1988 até 1992, não encontrou nenhum caso de fantasia. A criança pode imaginar ou criar fatos, mas a base real é que ela foi violentada (SAFIOTTI, 2004). Dentro de seu levantamento, a autora não apresenta uma faixa etária detalhada, mas evidencia que 90% dos dados recolhidos apontam para mulheres vítimas de homens.

¹⁶Realizamos uma somatória de 35% que o IPEA aponta como número de denúncias, mais 10% que Safiotti sugere e dividimos por 2 para fazer uma média: $35+10=45/2=22,5\%$.

Azevedo e Guerra (1993) evidenciam que a violência contra criança e adolescentes resulta em uma coisificação da infância, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento, ou seja, retira-se completamente o direito garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual prevê em seu Artigo 3º que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (ECA, 2013, p. 5).

Segundo Azevedo e Guerra (1993), outra discordância com o ECA está na questão das diferentes formas de violência contra crianças e adolescentes, as quais configuram um claro abuso do poder/dever de proteção familiar de que a infância e a adolescência necessitam para desenvolver-se, uma vez que o Estatuto em seu artigo 4º traz que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA, 2013, p. 5).

Diante do fenômeno da violência sexual, mesmo em se tratando de mulheres adultas, o silenciamento não é diferente. No livro *Violência Sexual no Brasil: Perspectivas e Desafios*, Souza e Adessa (2005) advertem que as informações sobre crimes sexuais são difíceis, uma vez que o próprio Ministério da Saúde reconhece que menos de 10% dos casos de violência sexual são notificados pelos órgãos policiais e jurídicos. Essa subnotificação, segundo as autoras, é motivada pela dificuldade da sociedade em lidar com a questão nos diferentes setores, tanto no judiciário quanto de saúde e segurança. Azevedo e Guerra (1993) dizem que a explicação para a existência dessa proporção desconhecida de casos está no fato de tratar-se de um fenômeno quase sempre criminalizável, envolvendo medo, vergonha e culpa. A violência sexual, segundo Azevedo e Guerra (1988), é

Todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa. (AZEVEDO E GUERRA, 1988, p. 53).

Safiotti (2004), ao conceituar violência, apoia-se na ideia de que a violência trata-se de uma ruptura de qualquer forma de integridade da vítima, seja ela física, psíquica, sexual ou moral. Para Cançado (2012), a violência não é homogênea, ela varia de acordo com as hierarquias colocadas socialmente como gênero, raça, etnia, idade, moradia, condição social, econômica e política.

A violência, segundo Lan (2011), é um acionar deliberado, que provoca danos físicos e psicológicos a outras pessoas, associa-se com a agressão física e pode também ser psicológica, emocional, verbal, sexual ou política. Algumas formas de política são legitimadas pela lei ou pela sociedade, tendo em vista que tudo que se impõe pela força é considerado violência.

A violência sexual, segundo Azevedo (1993), é uma forma de violência enraizada culturalmente e que, enquanto considerada um fenômeno social e cultural, ela deve ser controlada e erradicada, uma vez que exista vontade política para tal. Habigzang et al. (2005) apontam que a violência sexual pode ser definida como qualquer contato ou interação entre uma criança ou adolescente e alguém em estágio psicosssexual mais avançado de desenvolvimento, em que a criança ou adolescente esteja sendo usado para a estimulação sexual do agressor. A relação sexual pode ser por toques, carícias, sexo oral ou relações com penetração (digital, genital ou anal). O abuso sexual também pode abranger casos nos quais não há contato físico, tais como *voyerismo*, assédio ou exibicionismo.

A vulnerabilidade ou o risco à violência, segundo Abramovay (2000), estabelece-se num processo de descompasso entre os recursos e habilidades que algumas pessoas possuem, relacionadas às oportunidades que a sociedade lhes oferece. Assim, pode-se dizer que algumas pessoas estão mais propícias a sofrerem atos de violência do que outras e este não é um fenômeno homogêneo para toda a sociedade. Há determinados tipos de violência em que se estabelecem um risco mais acentuado às mulheres.

Lan (2011) aponta que a violência não é algo natural, mas provocada pelas

relações de dominação e subordinação que ocorrem contra pessoas mais vulneráveis. Segundo a autora, a maioria dos casos de violência é aplicada por pessoas que têm poder em uma relação e que podem produzir danos definitivos, o que configura em um abuso de poder mediante a força.

A violência é um ato de poder. Foucault (1988) argumenta que o poder não é algo que se adquire, mas sim que o poder é relacional e que isso possibilita a existência em meio a relações desiguais e não fixas. Foucault (1988) aponta também, que o poder não é exterior a outros tipos de relação, como econômicas, de conhecimento e relações sexuais, mas é parte inseparável destas. As relações de poder, desta maneira, não se colocam como superestrutura, como um simples papel de proibição ou de recondução, elas possuem onde atuam um papel de produtor.

A outra proposição do autor é que o poder vem de baixo, ou seja, não atua enquanto uma superestrutura, mas como uma matriz geral, não de dominadores e dominados, mas que essa relação atua no aparelho de produção, nas famílias, nos grupos restritos, nas instituições, servindo como um suporte a amplos efeitos de clivagem que transpassam todo um corpo social, fazendo das grandes dominações um efeito hegemônico, as quais são sustentadas por esses afrontamentos.

Outro ponto, é que as relações de poder são ao mesmo tempo intencionais e não subjetivas, pois para Foucault (1988), não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos. E por último, que onde há poder há resistência, e isso faz com que sejam relações e não algo exterior ao poder.

A violência sexual é uma relação de poder desigual entre a vítima e o agressor, de uma maneira que esse tem um objetivo nítido e a vítima, que se encontra em situação de vulnerabilidade, ora por ser mulher e em outra por ser uma mulher ainda na fase da infância, participa dessa relação e legitima esse poder, seja por ceder a ameaças ou ainda, por entender que o adulto é uma figura superior a ela.

Quando se entende a violência enquanto uma relação, não se foge da ideia de que existe sim uma superioridade em relação a uma inferioridade. Não há dúvidas de que existe uma ordem que coloque na centralidade os homens, em detrimento das mulheres à margem. Welzer-Lang (2001) aponta que a opressão das mulheres pelos homens é um sistema dinâmico, no qual as desigualdades vividas

pelas mulheres são efeitos das vantagens dadas aos homens. Na divisão social do trabalho, o autor evidencia que os homens têm maior valor reconhecido em relação às mulheres. Sendo essa divisão regulada por violências múltiplas e variadas, as quais tendem a preservar os poderes que se atribui coletivamente aos homens às custas das mulheres, como o estupro e a violência doméstica.

Mesmo que muitas teóricas feministas se afastem do conceito de patriarcado, Saffioti (2004) coloca a importância de ainda se trabalhar com essa linha de pensamento, uma vez que, segundo a autora, colocar o nome da dominação masculina, no caso, o patriarcado, na sombra, significa operar segundo a própria ideologia, tornando-a natural mesmo que se denuncie essa dominação, podendo, o conceito de gênero, invisibilizar a dominação masculina. Saffioti (2004) chama a atenção para o poder do pai, ou patriarca, como o titular do direito sexual de suas filhas e que, anterior ao marido, o pai exerce essa dominação. A autora coloca seis pontos sobre a manutenção do termo patriarcado: Primeiro, não se trata de uma relação privada, mas de um direito civil; segundo, dá direitos sexuais aos homens em relação às mulheres; terceiro, configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; quarto, tem uma base material; quinto, corporifica-se e sexto, representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência.

Como visto, o patriarcado é uma estrutura de opressão que ainda permeia a vida das mulheres e está em quase todos os aspectos da vida social. Foucault (1988) argumenta que:

Nenhum “foco local”, nenhum “esquema de transformação” poderia funcionar se, através de uma série de encadeamentos sucessivos, não se inserisse, no final das contas, em uma estratégia global. E inversamente, nenhuma estratégia poderia proporcionar efeitos globais a não ser apoiada em relações precisas e tênues que lhe servissem, não de aplicação e consequência, mas de suporte o ponto de fixação. (FOUCAULT, 1988, p. 110).

As discussões de Scott (1989) e Butler (2003) são fundamentais para pensar as relações do conceito de gênero, tanto enquanto uma categoria de análise, quanto um mecanismo de poder. A primeira autora aponta que há necessidade de reconhecer as categorias homem e mulher enquanto vazias e transbordantes, por

não terem um significado definitivo, mas também por não serem fixos, e, que o gênero não deve ser pensado sozinho, porém sim com a visão da igualdade política e social, que não inclui apenas sexo, mas classe e raça.

Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições, alternativas negadas ou reprimidas. (SCOTT, 1989, p. 28).

Para pensar o gênero, há a necessidade de partir das ondas do feminismo que influenciaram na produção do conhecimento geográfico. Silva (2009) mostra que as ondas do movimento feminista estão intrinsecamente atreladas ao avanço teórico da Geografia feminista, sendo a segunda onda um grande impulso para geógrafas inglesas, estadunidenses e canadenses iniciarem um levante interno das mulheres na Geografia.

A geografia, assim como outras ciências, é um saber que se desenvolve atrelado aos contextos histórico-geográficos e aos recursos de interpretações disponíveis, como as técnicas e as teorias. Os movimentos sociais, nesse sentido, compõem os saberes científicos e suas formas de interpretação da realidade [...] o movimento feminista, notadamente aquele reconhecido como a “segunda onda”, foi fundamental para a inspiração da ação de geógrafas que iniciaram um movimento interno à geografia nos anos 70 [...] geógrafas inglesas assumiram o compromisso político de desenvolver estudos teóricos sobre gênero [...] também foi acompanhado por geógrafas das universidades dos Estados Unidos e Canadá. (SILVA, 2009, p. 27-28).

Na primeira onda do feminismo, final do século XIX até meados dos anos de 1920, o movimento se preocupava principalmente com os direitos trabalhistas igualitários entre homens e mulheres (SILVA, 2009). Mas é na segunda onda que se inicia as discussões acerca do construcionismo baseado no pensamento de Simone de Beauvoir (1949), por não se concordar mais com a ideia de que homens e mulheres são condicionados a partir do sexo biológico. Para Beauvoir (1949), o corpo só tem sentido quando é atribuído pela sociedade, ou seja, não existem definições ou determinações anteriores.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninos e meninas, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. (BEAUVOUR, 1967, p. 9).

Nesse momento das lutas sociais feministas, as geógrafas iniciam um compromisso político de desenvolver estudos teóricos sobre gênero e promover as mulheres dentro das instituições acadêmicas e científicas (SILVA, 2009). O

feminismo da segunda onda foi criticado por feministas negras que concebem a desconstrução do ser mulher. Sojourner Truth, resgatada por bell hooks (apud COLLIINS, 2002), lança uma provocação às feministas brancas: – 'Por acaso, não sou eu uma mulher?' Questionamento esse que fundamenta o movimento feminista negro que, por sua vez, trabalha com dois grandes temas, os quais podem ser vistos em Collins:

Los primeros textos de teoría feminista negra salieron a la luz en Estados Unidos en la década de los ochenta, cuando se fraguaba lo que se ha denominado la Segunda Ola del feminismo.[...] Sánchez —en una interesante revisión del(los) feminismo(s) en castellano— los articula en torno a dos grandes temas: el primero, representado en el lema lo personal es político, quería llamar la atención sobre los conflictos y problemas que las mujeres afrontan en el ámbito privado; el segundo vertebraría el análisis de las causas de la opresión, en el que desempeñaría un papel fundamental el concepto de patriarcado, reformulado por algunas autoras en términos de sistema de sexo-género. (COLLINS, 2002, p. 33).

É nesse momento que as mulheres da geografia dão início aos trabalhos feministas, e, que segundo Silva (2009), os três principais objetivos eram: construir a igualdade entre homens e mulheres na disciplina; centrar as investigações sobre as mulheres, e, desafiar as filosofias, metodologias e conceitos que sustentavam uma ciência hegemonicamente masculina, branca e heterossexual.

Como pode ser evidenciado pela discussão estabelecida anteriormente, as transformações do movimento feminista quanto à ideia de gênero foram trazendo paulatinamente o corpo para o centro do debate. O gênero, considerado universal, mas pautado na ideia da mulher branca e de classe social abastada, foi sendo

contestado por mulheres que apresentavam corporalidades diferentes e estas marcas corporais colocam-nas em situação de diferenças com as mulheres brancas. O gênero, então só tem sentido em um sujeito corporificado e esta corporificação está baseada nas marcas corporais que são valoradas socialmente.

Scott (1989) realiza uma discussão em torno de que o gênero foi tratado durante muito tempo na História com um viés polarizado, colocando a categoria como uma negação entre masculino e feminino. Suas críticas são profundas e sugerem a superação desse pensamento, uma vez que para a autora, essa postura reforça ainda mais a ideia de hierarquia e da naturalização da oposição binária.

As noções de gênero, que a autora sugere, são fragmentadas, porém complementares entre si. Ela sugere duas proposições essenciais para a definição de gênero. Na primeira, aponta que o gênero faz parte da construção das relações sociais baseadas nas diferenças dos sexos e, na segunda proposição, que o gênero é a primeira forma de significar as relações de poder.

Scott (1989) traz quatro eixos que possibilitam entender o gênero como elemento constitutivo das relações fundadas sobre as diferenças entre o sexo. O primeiro eixo são os símbolos culturais que representam o papel da mulher como Eva e Maria na cultura ocidental, mas também em mitos da luz e da escuridão, da purificação e poluição, da inocência e da corrupção.

No segundo eixo, a autora traz os conceitos normativos que acabam por colocar em evidência as interpretações simbólicas que limitam a possibilidade metafórica desses próprios símbolos, colocando-os como naturais e tradicionais, mesmo contendo poucos antecedentes históricos que testemunham a realização desse papel. Esses conceitos são normalmente encontrados em doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária de afirmar o sentido do masculino e do feminino (SCOTT, 1989).

No terceiro eixo, Scott (1989) aponta para uma perspectiva de superar a noção de fixidade, para que seja possível descobrir a natureza do debate ou da repressão que mantém uma aparência de uma permanência nas representações binárias de gênero. O objetivo dessa perspectiva está ligado à análise política das instituições e organizações sociais, para pensar o gênero para além da família, mas

no mercado de trabalho, educação e no sistema político.

O quarto eixo, e não menos importante, refere-se à identidade subjetiva. A autora coloca que há uma relação de poder que delibera o acesso diferenciado aos recursos materiais e simbólicos, o gênero implica em uma concepção de construção de poder em si. A autora usa uma ideia formulada por Maurice Godelier de que:

Não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas, sobretudo, a sociedade que fantasma na sexualidade, o corpo. As diferenças entre os corpos, que são ligados ao sexo, são constantemente solicitadas para testemunhar as relações e fenômenos sociais que não têm nada a ver com a sexualidade. Não apenas testemunhar, mas testemunhar a favor, isto é, legitimar. (MAURICE GODELIER APUD SCOTT, 1989 p. 23).

Esses aspectos que Scott (1989) traz, leva-nos a compreender o gênero não apenas como um dado, mas sim uma ferramenta, tanto para construir as relações sociais, organizar a sociedade a partir de instituições hegemônicas e dar legitimidade a esse aspecto binário, mas também o mecanismo de gênero enquanto um colaborador para que o sistema político e social continue avançando da maneira que já está posto.

Já Butler (2003) também pensa o gênero de uma maneira não fixa. Para a autora não existe linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, propondo dessa maneira a superação da binaridade macho e fêmea, uma vez que não existem feminilidade nem masculinidade na íntegra.

A autora coloca que o sexo não funciona apenas como norma, mas que é parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa, cuja força reguladora manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, circunscrever, diferenciar os corpos que controla. O sexo é um ideal regulatório, cuja materialização impõe-se e atinge-se mediante a certas práticas extremamente reguladas.

Segundo Butler (2003), o sexo é uma construção através do tempo. Não é uma realidade simples ou uma condição estática de um corpo, mas um processo que as normas reguladoras se materializam em virtude da reiteração forçada dessas. Sendo necessária a prática da reiteração, isso, segundo Butler (2003), já é um sinal de que a naturalização nunca é completa, de que os corpos nunca acatam inteiramente as normas mediante as quais impõem as suas materializações.

O que há para autora são instabilidades, as possibilidades de rematerialização abertas por esse processo que marcam o espaço em que a força da lei reguladora pode voltar contra si mesma e produzir rearticulação, sendo a força hegemônica das mesmas leis reguladoras. Portanto, a violência sexual além de ser um fenômeno espacial e generificado, é composta por relações de poder, de dominação que compõem de maneiras distintas em cada relação, mas que de modo geral estão presentes de maneira direta no fenômeno. O gênero passa a não ser uma característica, mas sim um mecanismo que regula todas as relações sociais, condiciona normas e se materializa em certas práticas reguladas.

Entendo que para esse trabalho é impossível pensar separadamente gênero e corpo, uma vez que a violência é um fenômeno generificado e a violência se dá no e através do corpo. Na Geografia essa relação é um caminho de tradição entre os estudos das geografias feministas. Rose (1999), McDowell (2000), ao explorarem a historiografia do uso do conceito de gênero na Geografia, trazem o esforço das feministas em separar a ideia de gênero da anatomia corporal. Por outro lado, evidenciam que a historiografia é a base material corpórea que baseou grande parte da diferença entre homens e mulheres. Homens são, em geral, representados pela razão e as mulheres pelo seu corpo.

Sempre trazendo as noções de que o corpo tem sido pensado de uma forma binária, como mente e razão, e suas devidas críticas, pois como aponta Silva et al. (2013), ao pensar o corpo a partir da perspectiva de Simonsen, em que há uma preocupação em destruir a dicotomia, por essa ser historicamente sexualizada, fazendo referência da mulher emocional e do homem racional. O que fortalece cada vez mais estigmas que as mulheres carregam da histeria baseada na biologia dos corpos.

Butler (2003) evidencia não existir uma masculinidade ou feminilidade em sua essência como pré-discursiva, propondo a necessidade de avançar para romper com os binarismos de sexo/gênero e chama atenção para a instabilidade desses padrões, argumentando que, por terem inscrições sociais, os corpos podem subverter a ordem que lhe foi imposta anteriormente, pois o corpo pode envolver uma simultaneidade de construção e desconstrução.

2.2 CORPO ENQUANTO ESPAÇO GEOGRÁFICO

O corpo como conceito estruturador da dissertação é resultante da análise de conteúdo dos discursos das mulheres entrevistadas, como ficou evidente nos exemplos que foram traçados no capítulo I, no processo de construção da trajetória de pesquisa. A abordagem do corpo na Geografia brasileira não é algo comum como discutem Silva e Ornat (no prelo). Os autores, logo no início de sua argumentação, trazem a perspectiva de Lefebvre (1974) em relação ao corpo. Para Silva e Ornat (no prelo), Lefebvre traz a ideia de que o corpo cria espaço, mas não no sentido de ocupação dita como uma espacialidade fabricada, mas em uma relação entre o corpo e seu espaço, entre a distribuição do corpo no espaço e sua ocupação no espaço. Antes de produzir efeitos na esfera material, antes de produzir-se, por alimentar-se da esfera material e antes mesmo de se reproduzir gerando outros organismos, cada corpo vivo é espaço e tem seu espaço. Além disso, Lefebvre (1974) diz que o corpo vivo cria ou produz o seu próprio espaço, e em contrapartida, as leis do espaço também governam o corpo vivo. A Geografia brasileira utilizou muito a obra de Lefebvre, porém o pensamento de que cada corpo vivo é espaço e, ao mesmo tempo, tem seu espaço, não foi desenvolvida com intensidade (SILVA E ORNAT, no prelo, p. 2). Rose (1999) também traz a importância de se pensar o espaço a partir da corporeidade. A autora aponta que o corpo já está no discurso geográfico, uma vez que geógrafas feministas já o consideram como crucial em seus trabalhos:

Para algumas geógrafas feministas, a corporalização do discurso geográfico é crucial, porque marca o falso universalismo de muitas tradições geográficas. Uma vez incorporados como, por exemplo, branco, masculino, não deficientes, o intrépido explorador e sua voz de razão perde seu manto transparente de neutralidade, e suas práticas acadêmicas podem ser interpretadas como performances de práticas corporais específicas; pode-se argumentar que o corpo de seu trabalho assume os traços de suas outras corporalidades mais fortes. (ROSE, 1999, p. 4).

Silva e Ornat (no prelo) fizeram também um levantamento de dados no 'Repositório de Artigos Científicos da Geografia Brasileira', pertencente ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE/UEPG), e encontraram 28 artigos que continham em

seus títulos as palavras 'corpo' e 'corporeidade'¹⁷. Eles identificaram nesses artigos que a relação entre corpo e espaço é elaborada a partir de duas tendências. A primeira evidencia que o corpo é tratado nos artigos como sendo 'parte' de grupos sociais ou de conjunto de pessoas, sem apresentar elementos de singularidade. A segunda tendência utiliza a ideia de que o sujeito 'possui um corpo' que se relaciona com a exterioridade, o espaço, mostrando dessa forma uma dicotomia entre corpo e espaço.

David Harvey (2004), no livro *Espaços de Esperança*, também se preocupa em trazer o corpo para a análise espacial. O autor traz, no início de seu texto, duas preposições interessantes em relação ao corpo. Primeiro, ele aponta que o corpo é um projeto inconcluso, de certo modo maleável histórico e geograficamente, mas ao mesmo tempo não sendo infinito nem maleável facilmente, pois não se podem apagar certas características inerentes naturalmente ou ainda, biologicamente herdadas. Porém, aponta que o corpo continua a evoluir e a se modificar de maneira que reflete tanto uma dinâmica transformadora interna, como efeito de processos externos.

Na segunda preposição, o autor coloca que o corpo não é uma entidade fechada e lacrada, mas uma “coisa” relacional que é criada, delimitada, sustentada e dissolvida num fluxo espaço-temporal de múltiplos processos que criam, delimitam e dissolvem. Para Harvey (2004), o sujeito habita um corpo, que é para nós a medida irreduzível de todas as coisas, não é o corpo mesmo irreduzível, o que aponta como problemático, principalmente “a medida de todas as coisas”. O autor entende como a medida de todas as coisas, baseando-se no que essa expressão significava aos gregos, que era uma forma de visão, de essência de todas as coisas, e não uma comparação com o exterior.

Por fim, Harvey (2004) traz o corpo humano como um campo de batalhas no interior e em torno do qual se acham em interação forças socioecológicas conflitantes de avaliação e representação. Este autor também evidencia a contribuição da teoria marxista na discussão do corpo, já que este possui energia

¹⁷ O banco de dados possui um acervo de 13.990 artigos, do triênio de 2013 a 2015, oriundos de 90 periódicos disponíveis na internet e classificados pelo Sistema Qualis-CAPEs, área de geografia, cujo triênio considerado foi o 2013-2015. Os estratos de classificação dos periódicos considerados foram A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5, cobrindo um período total de publicação de artigos entre 1974 a 2013 (SILVA E ORNAT, 2015).

que gera força de trabalho.

Não se deve cair em abismos de argumentação respaldada em apenas uma matriz epistemológica. A perspectiva desconstrucionista, em alguns momentos, pode ter o problema da falta de localização de fenômenos em relação aos diversos mecanismos de dominação, mas isso não significa que todos os teóricos que se preocupam com a discussão de corpo, negligenciem o recorte de classe.

Quando Harvey (2004) traz a preocupação de se trabalhar com o corpo, o mesmo aponta o corpo como uma habitação, ou seja, o corpo, como uma possibilidade de existência da razão, legitimando assim o pensamento de que existe uma dicotomia entre corpo e mente. E mesmo que o autor traga o pensamento de marcas corporais, coloca de forma clara o corpo enquanto produtor do espaço, no que diverge da nossa maneira de pensar o corpo enquanto totalidade. Compreendemos enquanto problemático esse pensamento, pois é justamente na dualidade corpo e razão que nasceram muitos estigmas, que identificavam a mulher como irracional e o homem racional. A mulher a emoção, o homem a razão. A mulher a submissão, o homem o poder (SILVA, 2010).

A partir do pensamento de Johnston e Longhurst, Silva e Ornat (no prelo), enfatiza-se que os corpos não são algo natural, dado e universal, mas formas materiais que adquirem sentido no tempo e no espaço. Apesar de a Geografia não possuir definição comum sobre o corpo, existem elementos compartilhados entre os estudos já realizados. O corpo não pode ser entendido fora de um determinado espaço e tempo, pois o corpo é móvel, fluido, ativo e sua materialidade está em negociação com a exterioridade. Sendo assim, o corpo é sempre posicionado socialmente e geograficamente. (SILVA E ORNAT, no prelo).

A autora e o autor também trazem contribuições acerca do corpo a partir de Valentine (2001), uma vez que este evidencia que o corpo marca a fronteira entre um sujeito e o outro, tanto no sentido filosófico quanto no sentido social. O corpo, para Valentine (2001), é um espaço pessoal, um órgão sensorial, sendo um espaço de prazer e dor, no qual definições de sensações são construídas socialmente. Ou seja, Silva e Ornat (no prelo) apontam que para a autora, o corpo também é um meio de se conectar com outros espaços, assim como experienciá-los.

Outra reflexão que Silva e Ornat (no prelo) trazem para a compreensão do

corpo no campo da Geografia é que os corpos são constituídos a partir de uma constelação de objetivos (a família, o Estado, a arte, a nação e assim por diante). Segundo a autora e o autor, os corpos não são passivos sobre os espaços, pelo contrário, os corpos também produzem espaços, seus próprios mapas de sentimentos. Os corpos ajustam suas posições no mundo através de negociações com outros espaços, sendo eles também próprios lugares de negociações externas e internas de poder.

O corpo vem sendo tratado e entendido de diferentes modos na Sociologia, na Antropologia e de maneira menos comum na Geografia. Referenciado por Silva, Ornat, Cesar, Chimin Junior, Przybysz (2013), Simonsen aponta três eixos de trabalhos que têm o objetivo de compreender o corpo.

O primeiro baseia-se na ideia do corpo como um local de contestação, ou seja, o corpo como uma ferramenta de luta, principalmente para as reivindicações feministas, como o aborto, a luta contra a violência sexual e contra a violência doméstica. Sendo o corpo feminino alvo de violência na sociedade atual, as mulheres envolvidas com ações políticas colocam esse corpo historicamente marcado como símbolo e ferramenta para viabilizar e dar visibilidade à luta.

O segundo aborda as relações da sexualidade pós-estruturais, levando em conta a necessidade de reconhecer as diferenças dos corpos e as relações de poder que estes exercem sobre os outros, levando em conta a sexualidade, as diferenças étnicas e a racialidade. Fala-se dos “outros corpos”, ou seja, corpos que fogem da norma vigente do homem branco, ocidental, heterossexual, e que são rotulados, excluídos e considerados estranhos ou diferentes. É como se os corpos que estão dentro do padrão linear aceitável socialmente, nessa perspectiva, fossem desincorporados, ou seja, eles não carregam marcas, uma vez que não possuem estigma social.

E por fim, o terceiro eixo leva em conta a preocupação de destruir a dicotomia corpo e mente que, por ser historicamente sexualizada, traz um peso bastante grande no momento em que faz a referência da mulher ser emocional e o homem racional, a qual além de colocar as mulheres em um campo fora da racionalidade, fortalece cada vez mais o estigma da mulher histórica; uma teoria baseada na biologia dos corpos, reforçando a ideia de um mundo referenciado no

binário.

Esses três eixos, nos colocam a refletir que os corpos não são apenas um instrumento para garantir a nossa relação com o espaço, mas que são também, componentes desse espaço, ou mais, o próprio espaço geográfico. Uma vez que o sujeito/corpo se coloca como ferramenta de transformação social, que o sujeito/corpo rompe com o entendimento de que as pessoas têm um corpo desatrelado da mente, e quando o mesmo entende que as marcas corporais são historicamente includentes ou excludentes, esse sujeito/corpo não é mais passivo, mas sim ativo e compõe essa ordem espacial, assim como a ordem espacial compõe e dita as normas para este corpo.

Guacira Lopes Louro proporciona reflexões aprofundadas e de cunho espacial apuradas. Em seu livro *O corpo estranho*, Louro (2008) propõe que nos corpos existem marcas, e essas marcas referem-se à cor de pele, gênero, tamanho dos olhos, formato dos seios, classe e nacionalidade. Essas marcas são percebidas a partir da cultura que esses corpos fazem parte. Algumas marcas podem ter um caráter de maior importância, ou menos importância, isso vai depender do contexto.

Essas marcas podem servir tanto para identificar quanto para estigmatizar, ou seja, corpos que de alguma maneira fujam de uma norma padrão estão sujeitos a serem corpos ilegítimos, imorais ou patológicos (LOURO, 2008). A autora ainda aponta que esses corpos não são fixos, eles podem ao longo do tempo ser negados ou reafirmados, manipulados, alterados, transformados ou subvertidos.

Assim como Louro (2008) coloca que os corpos podem se transformar, a autora Judith Butler (2013) aponta que os corpos não estão fadados a seguir as normas impostas pelos padrões sociais, podendo subverter essa lógica, colocando em cheque a própria lei regulatória, pois se podem gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica.

Corpos violentados podem se enquadrar nessa lógica de subversão, não apenas pela marca impressa, pois as marcas não são necessariamente ligadas ao externo, ao que os outros vão interpretar, mas estão atreladas ao que será interpretado a partir das marcas. Essas, mesmo que internas, podem fazer com que pessoas se coloquem e se sintam bem em um determinado espaço e se retirem de outros. Desta forma, o espaço compõe o corpo, assim como o corpo compõe o

espaço. As marcas dos corpos são marcas do espaço, e os corpos também marcam e regem as normas espaciais.

Silva e Ornat (no prelo) têm dedicado parte de seus esforços intelectuais para pensar o corpo enquanto espaço geográfico. Segundo eles, para pensar o corpo enquanto espaço é necessário entender que a escala é um conceito construído socialmente, destacando a importância de considerar como se constituem as visões sobre os fenômenos e processos sociais que são dimensionados pela escala e por consequência, constitui significações na conceituação de mundo.

Assim, se a escala não é um conceito dado, mas construído socialmente, o importante é considerar como se constituem as visões sobre os fenômenos e processos sociais que são dimensionados pela escala e por consequência, como esse tipo de dimensionamento constitui significações na conceituação do mundo, pautando o comportamento das pessoas por meio do processo de internalização das escalas. (SILVA e ORNAT, no prelo p. 10).

Para Silva e Ornat (no prelo), pensar o corpo como espaço, por meio da escala é sim possível, uma vez que se adota a postura de que as escalas não existem no sentido ontológico, mas construídas socialmente, se configurando em um elemento epistemológico. As escalas são móveis e mutáveis no tempo e espaço e também articuladas entre si por meio de relações de poder (SILVA e ORNAT, no prelo, p.15).

2.3 ESPAÇO E ESCALA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ANÁLISE DO CORPO

Constituir a ideia de corpo como espaço geográfico não é tarefa fácil, na medida em que esta abordagem ainda não é comum na Geografia brasileira. Contudo, feministas anglo-americanas já têm desenvolvido essa ideia há, pelo menos, duas décadas. A oposição entre sujeito e espaço precisa ser superada, bem como a compreensão dos limites entre corpo e mente. É preciso imaginar uma realidade de fluxos, como argumenta Massey (2008) e de continuidade entre as escalas espaciais de análise que podem ir desde o universo até a mínima célula. Contudo, continuidade, não pode expressar apenas harmonia, pelo contrário, as

relações podem ser de conflitos também.

A escala é um conceito que faz parte da epistemologia da Geografia e há várias direções de pensamentos sobre ela. É um conceito criado na Geografia que possibilita pensar uma determinada hierarquização e também ordenamento da realidade espacial. Silva e Ornat (no prelo, p. 15) argumentam que:

Pensar o corpo como espaço, por meio da escala, é possível na medida em que se adota a postura de que as escalas não existem em um sentido ontológico, mas são construídas socialmente, configurando-se assim em um elemento epistemológico. (SILVA e ORNAT, no prelo. p. 15).

A escala não é uma realidade em si, mas uma criação humana para constituir inteligibilidade do mundo, como visto em Marston (2000). O autor evidencia que existe uma variedade de estudos que foram destinados a defender que a escala é socialmente construída. O autor aponta também que para a geografia física, a escala é fundamental, quando é utilizada enquanto escala cartográfica, operacional ou geográfica.

A preocupação de Marston (2000) está em que a escala não é, necessariamente, uma estrutura hierárquica dada, ou pré-determinada enquanto local, regional, nacional e global, mas sim um resultado de tensões que existem entre estrutura e práticas sociais:

Neste momento - e como podemos melhorar a nossa teoria sobre isso. O que é consistente com o recente interesse na escala entre os teóricos sociais em geografia é o compromisso com a perspectiva construcionista e a rejeição da escala como uma categoria ontológica dada. Nestes últimos estudos teóricos sociais, o ponto fundamental a ser feito é que a escala não é necessariamente uma estrutura hierárquica pré-determinada para encomendar o mundo - local, regional, nacional e global. É, em vez disso um resultado contingente de tensões que existem entre as forças estruturais e as práticas dos agentes humanos. (MARSTON, 2000. p.219).

Castro (1992) faz uma discussão acerca de que a escala vai além das categorias cartográficas e que o recorte da realidade percebida/concebida dá-se através do ponto de vista e de escolha do nível de percepção/concepção. Portanto:

A complexidade da operação de recorte do real torna inadequado recorrer à escala cartográfica como paradigma único. As diversas possibilidades da realidade obrigam a considerar a pertinência dos seus diferentes níveis, não impondo arbitrariamente a cartografia como nível hierárquico por algum

postulado inicial. Mudança de escala não é questão de recorte métrico, mas implica transformações qualitativas não hierárquicas que precisam ser explicitadas. (CASTRO, 1992, p. 23).

A autora também aponta que cada recorte implica na constituição de “unidades concepção” que trazem em evidência fatos que em recortes diferentes não estariam em evidência. É nesse momento que a escala simbólica coloca os diferentes particularismos em visibilidade, fazendo com que assim seja possível “colocar sobre o mesmo nível de concepção todos os particularismos dos espaços, ou seja, o que os diferenciam um dos outros e permitem destacá-los” (CASTRO, 1992. p. 23).

Desta maneira, a escala geográfica é um conjunto de tensionamentos, podendo ser uma escala local, regional, nacional e global, mas não necessariamente apenas essas possibilidades, sendo a escala um conceito complexo, ou seja, ela pode envolver diversos pontos para se construir. É também um conceito não fixo, dependendo do fenômeno e da percepção do/a pesquisador/a para ser atribuído o seu recorte.

Castro (1995, p. 120) argumenta que “a análise geográfica dos fenômenos requer objetivar os espaços na escala em que eles são percebidos”. A ideia de escala desenvolvida por Castro (1995) aponta que não há como ter uma escala em si mesma, mas o fenômeno geográfico demanda em pensar a forma mais adequada de produzir a melhor visibilidade aos elementos que se quer compreender do ponto de vista espacial.

A escala introduz o problema da polimorfia do espaço, sendo o jogo de escalas um jogo de relações entre fenômenos de amplitude e natureza diversas. A flexibilidade espacial institui, portanto, uma dupla questão: a da pertinência das relações como sendo também definida pela pertinência da medida na sua relação com o espaço de referência. (CASTRO, 1995. p. 138).

Mesmo que Castro (1995) não estivesse trabalhando com a escala do corpo em específico, ela nos dá subsídios para pensar o mesmo enquanto uma escala espacial, por considerar a escala enquanto um jogo de relações e também por considerar que “quando o tamanho muda, as coisas mudam” (CASTRO 1995 p. 137); defendendo que esse argumento não é pouco, pois tão importante saber que

mudam, é saber como mudam.

O fenômeno da violência e o campo nos levaram a fazer reflexões em torno do corpo, por entender justamente que a escala importava, uma vez que o entendimento que as mulheres atribuem a violência não é um entendimento externo ao corpo, mas que faz parte do corpo. Mesmo que em algumas falas elas apontem a dualidade entre corpo e razão, nesse trecho da entrevistada Kahina, é possível perceber que mesmo apontando essa separação, o reflexo da violência sexual influencia diretamente na vida cotidiana dela:

Porque o corpo ele se regenera, ele se cura, mas a cabeça da gente não se cura, não se cura, sabe. E ficou pior depois de um tempo, porque daí, eu fui procurar, eu comecei a ter problemas quanto agressividade e eu surtava, eu surtei, eu surtei dentro do trabalho. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

Herod (2011) traz uma discussão profunda diante da escala geográfica. O autor argumenta as noções de escala e como elas são pensadas a partir de metáforas populares. O autor aponta a preocupação de compreender a temporalidade em que cada metáfora foi criada, como as do corpo, quando o corpo é pensado como um vagão de trem ou como um computador. Para ele, o importante é compreender que as mudanças de metáforas não necessariamente promovam uma alteração substancial no que está sendo descrito, mas ao invés disso, a escolha da metáfora se dá através da busca do pesquisador em interpretar o processo ou o fenômeno.

Segundo o autor, materialistas e idealistas concordam que a escala existe e não é apenas uma abstração da mente. Ambos entendem a escala como entidades separadas e distintas dentro de uma hierarquia de divisões espaciais, de maneira que um processo pode ser considerado como urbano, e outro como nacional. Sendo entendida enquanto degrau, essa concepção, como coloca o autor, é conceituada de tal forma que é necessário “subir” da escala do urbano para o global, sendo a hierarquia a base dessa conceituação. O mesmo vale para os círculos concêntricos, uma vez que as escalas estão separadas em cada círculo, parecendo não ter uma relação entre elas. Dito isso, o autor traz duas formas metafóricas mais comumente usadas para descrever hierarquias escalares (Figura 2). Ele lembra que a palavra “escala” vem do latim e significa “escada”. Assim, a primeira metáfora está

relacionada à escala enquanto degraus, sendo cada escala um degrau particular, já a segunda refere-se a círculos concêntricos.

Essa conceituação nos leva a entender a escala a partir de dois vieses, ou se está “dentro” ou “fora”. Quando se está na escala do corpo, é como se outras escalas estivessem exteriores ao corpo, e assim para cada degrau, ou círculo concêntrico. As próprias linhas dos círculos nos dão a noção de que não há relação entre uma escala e outra, como se cada uma fosse independente, ora mais abrangente ora de menor abrangência. Como Herod (2011) mesmo aponta, certas escalas são consideradas acima de algumas e abaixo de outras, como o exemplo que o autor utiliza da nacional, geralmente conceituada acima do urbano, mas abaixo do global. Além disso, o autor aponta que a verticalidade, muitas vezes, é sinônimo de posição de poder sobre as escalas que estão abaixo dela.

FIGURA 8 - Representação de Escala como "Escada" e "Círculos Concêntricos"

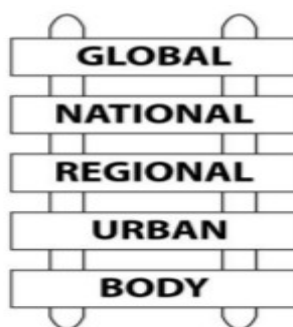


Figure 1.1 Scale as a ladder



Figure 1.2 Scale as concentric circles

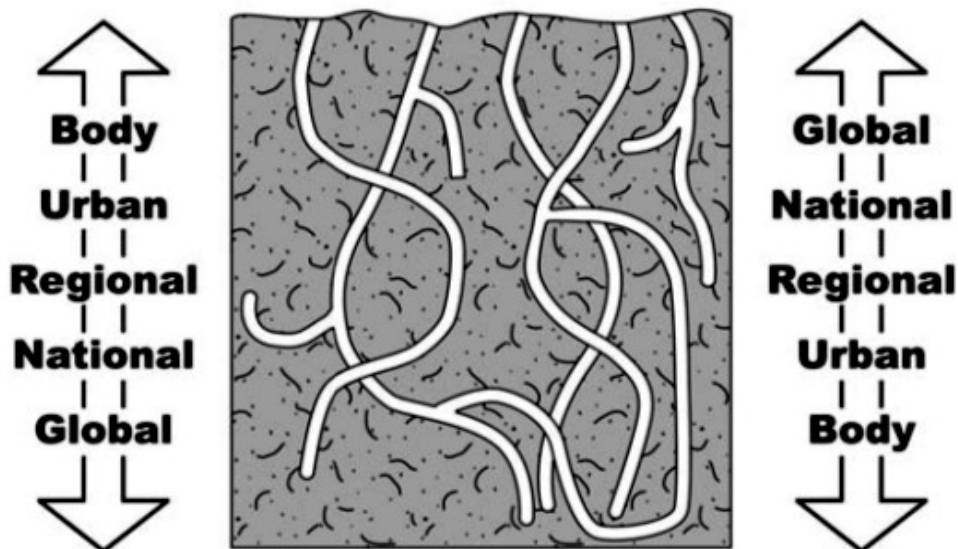
Organização: Mayã Polo de Campos.
Fonte: HEROD, Andrew. (2011).

Trazendo a questão do corpo enquanto escala geográfica, Herod (2011) argumenta que o corpo pode ser entendido enquanto escala e que contém barreiras específicas, como o exemplo da pele. O autor evidencia que o corpo é uma escala muito diferente de outras organizações sociais, pois além de ser socialmente produzido, o corpo é também uma entidade biológica, e que esse aspecto pode ser definido pela própria condição social:

[...] para tomar como um exemplo óbvio, não tendo dinheiro suficiente para comprar comida (uma condição social) o ser humano pode ter severos efeitos em seu metabolismo, tanto em curto como longo prazo (uma condição biológica). Este fato é levado em conta ao considerar o corpo como escala. (HEROD 2011, p. 2).

O autor nos apresenta três possibilidades de representação de escalas: a árvore, a teia de aranha e a que será utilizada nesse trabalho: a toca de minhoca (Figura 8). A metáfora da 'toca de minhoca', segundo Herod (2011), faz-se muito ilustrativa por representar uma extensão até o solo, expressando a ideia de que processos sociais e/ou naturais podem executar papéis mais profundos ou mais superficiais em várias situações. Sendo assim, o ponto na superfície da terra em que a minhoca emerge ao solo pode ser representada por qualquer uma das categorias escalares, ou seja, corpo, local, urbano, regional, nacional ou global, sendo, talvez, a superfície, o ponto em que os processos e fenômenos mais profundos se tornam visíveis para o olho humano.

Além disso, o autor aponta que na metáfora da 'toca de minhoca', as escalas são retratadas não como separadas umas das outras, mas interligadas em um único conjunto. Com o resultado de que diferentes escalas podem ser reconhecidas é difícil determinar onde começa uma e onde termina a outra, sugerindo vários pontos de entrada e de saída para o mundo, podendo um sistema ter várias aberturas de túnel.

FIGURA 9 - Representação de Escala 'Toca de Minhoca'

Organização: Mayã Polo de Campos.
 Fonte: HEROD, Andrew. (2011).

A metáfora da 'toca da minhoca' é interessante para dar suporte para esse trabalho, porque não é hierárquica, e, principalmente por possibilitar a compreensão de que o corpo não está no espaço, mas também é o próprio espaço geográfico. Noutros termos, o corpo não está no urbano ou no regional e assim por diante, mas que ele faz parte dessas escalas, de modo que compõe e interfere, realizando assim, como já visto em Marston (2000), tensões entre estruturas e práticas sociais.

Um exemplo que pode ilustrar esses tensionamentos é o caso do aborto. No Brasil, o aborto, segundo o artigo 121 da lei 2.848/40, é crime. Porém, existem mulheres que realizam essa prática de uma maneira clandestina, e inclusive existem códigos sociais de propagandas dessas clínicas clandestinas. O fenômeno do aborto, em uma maneira escalar, refere-se a inúmeros conflitos e tensões gerados a partir dele. No primeiro momento, ele é realizado na escala corpo, porém tanto a escala local, regional e nacional brasileira, no que diz respeito a instituições como a igreja e o Estado, o aborto é um ato reprovável e criminoso. Porém, nessas mesmas escalas locais, regionais e nacionais, além das mulheres que cometem o aborto,

existem movimentos feministas que se posicionam a favor do aborto, por entender que essa decisão deve ser estritamente da mulher grávida.

No caso da violência sexual, as tensões também acontecem, pois se para a lei a violência sexual é crime, e, além disso, uma relação de poder tão desigual e traumática, para outros, como as instituições e religiões fundamentalistas, há uma situação de amenizar e até criar um cenário de possibilidades para que o estupro ocorra. Há também outras situações que culpabilizam as mulheres: quando estas ingerem bebidas alcoólicas, fazem uso do espaço público, desacompanhadas ou usam roupas curtas, como o exemplo da imagem de uma página do *Facebook* chamada “Islam Brasil” (Figura 9):

FIGURA 10 - O Corpo feminino Representado por um Pedaco de Carne de Porco em Exposição



Organização: Mayã Polo de Campos.

Fonte: <<https://www.facebook.com/IslamBrasilOficial/photos/pb.105710709469351.2207520000.1455820529.981981485175598/?type=3&theater>>.

Como diz o dito popular, uma imagem vale mais que mil palavras. Porém, essa imagem estava na página “Islam Brasil”, associada a um texto de valorização da mulher e contra a mídia, que segundo o texto, utiliza do corpo da mulher enquanto uma mercadoria. Porém, a mesma imagem foi utilizada pela página, no ano de 2012, com a seguinte frase: “O mesmo que um pedaço de carne barato, a escolha é sua!”.

São diferentes escalas que compõem o fenômeno da violência sexual. Os capítulos seguintes evidenciam que esse fenômeno é multiescalar e o corpo é uma escala geográfica de fundamental importância em que estão inscritas as marcas mais profundas que a violência deixou.

Neste capítulo trouxemos a compreensão dos significados entre corpo e espaço das mulheres entrevistadas através do conceito de escala. No início dessa seção trabalhamos qual é a relação entre violência sexual, gênero e poder, sendo essa uma tríade que sustenta a relação de poder da violência sexual. No segundo momento do texto, há a preocupação em conceituar o corpo enquanto espaço geográfico juntamente com o terceiro momento do capítulo com a escala geográfica, contribuindo para que essa análise espacial seja possível. A ‘toca de minhoca’ demonstrou ser uma representação de bastante contribuição para compreender o nosso fenômeno.

CAPÍTULO III

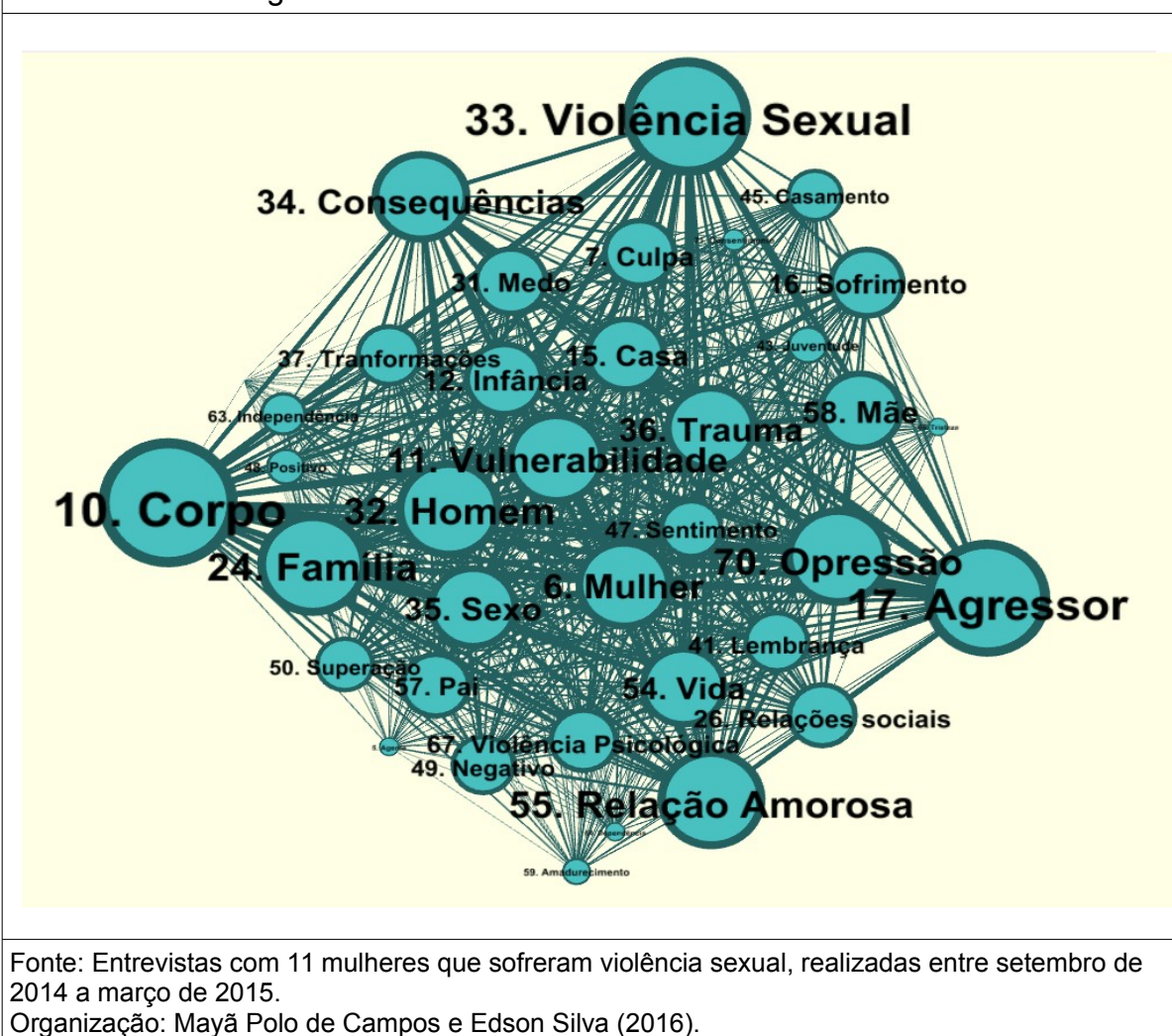
EXPERIÊNCIA DA VIOLÊNCIA SEXUAL, ESPAÇO E CORPOREIDADE

*Yo no voy a ser la que obedece
Porque mi cuerpo e pertenece
Yo decido de mi tiempo
Como quiero y conde quiero
Independiente yo nací
Independiente decidí
Yo no camino detrás de ti
Yo camino de la par de ti.
(Ana Tijoux – Antipatriarca)*

Este capítulo tem como objetivo evidenciar a análise dos discursos das mulheres entrevistadas que sofreram a experiência da violência sexual. Seus relatos foram sistematizados conforme a metodologia de Silva e Silva (2015), já descrita no capítulo I. A ideia de tomar o discurso feminino como fonte deste capítulo é justamente trazer sua versão sobre a violência sofrida e sua relação espacial. O capítulo explora a forma como as vítimas de violência sexual constituem representações sobre si mesmas, como as experiências corporais são representadas no seu discurso e como o espaço se institui na experiência da violência.

A Figura 7 que pode ser observada no capítulo I, na qual mostramos o exemplo dos grafos referentes às categorias, traz a rede geral discursiva feminina e observamos que há uma polaridade das tendências de fala. Uma delas explora o eixo da violência sofrida, evidenciando o trauma. O outro eixo explora a capacidade das mulheres em resistir e reconstruir suas vidas após a violência.

A rede geral será analisada conforme os eixos discursivos encontrados. O primeiro eixo discursivo que elabora a rede semântica da violência sexual e o trauma em torno desta experiência compõe o presente capítulo. A Figura 11, a seguir, evidencia a composição dos elementos sobre a violência sexual.

FIGURA 11 - Categorias Discursivas da Comunidade Semântica Violência Sexual

Cada grafo que compõe a dissertação, como já descrito no capítulo I, que trata da metodologia, possui uma organização que reflete as estatísticas que organizam o discurso das mulheres e o tamanho das esferas tem relação com a centralidade discursiva das falas que nada mais é do que a quantidade de relações de uma palavra com a outra (grau ponderado). A Figura 12, a seguir, com base no grau ponderado, evidencia a rede semântica que dá sentido ao discurso das mulheres. Essa Figura evidencia o grau ponderado que explica a configuração dessa comunidade e a importância de determinadas palavras na rede¹⁸.

¹⁸O tamanho dos círculos depende da matemática que está por trás da imagem. Existem várias estatísticas possíveis de serem analisadas. Foi escolhido o 'grau ponderado', por acreditar-se que reflete melhor a rede criada. O grau ponderado é calculado a partir da quantidade de arestas que uma palavra tem com a outra. Vamos utilizar o exemplo da palavra agressor, no grafo geral a palavra agressor aparece com o grau de 379, ou seja, essa palavra foi ligada a outras 379 palavras, mas não calcula a repetição. Já o grau ponderado além do número de palavras ligadas, ele conta também a

FIGURA 12 - Tabela Grau Ponderado do Laboratório de Dados da Comunidade 'Violência Sexual'

Nodes	Id	Label	Nat	Grau	Weight	Ec...	Closeness Cent...
10. Corpo	10. Corpo	10. Corpo	Cat	67	4641.0	1.0	1.0
33. Violência Sexual	33. Violência Sexual	33. Violência Sexual	Cat	67	4266.0	1.0	1.0
17. Agressor	17. Agressor	17. Agressor	Cat	67	4210.0	1.0	1.0
24. Família	24. Família	24. Família	Cat	67	3713.0	1.0	1.0
55. Relação Amorosa	55. Relação Amorosa	55. Relação Amorosa	Cat	67	3612.0	1.0	1.0
70. Opressão	70. Opressão	70. Opressão	Cat	67	3561.0	1.0	1.0
32. Homem	32. Homem	32. Homem	Cat	67	3545.0	1.0	1.0
11. Vulnerabilidade	11. Vulnerabilidade	11. Vulnerabilidade	Cat	67	3335.0	1.0	1.0
34. Consequências	34. Consequências	34. Consequências	Cat	67	3308.0	1.0	1.0
6. Mulher	6. Mulher	6. Mulher	Cat	67	3255.0	1.0	1.0
36. Trauma	36. Trauma	36. Trauma	Cat	67	3123.0	1.0	1.0
35. Sexo	35. Sexo	35. Sexo	Cat	67	3044.0	1.0	1.0
54. Vida	54. Vida	54. Vida	Cat	67	2936.0	1.0	1.0
58. Mãe	58. Mãe	58. Mãe	Cat	67	2907.0	1.0	1.0
15. Casa	15. Casa	15. Casa	Cat	67	2751.0	1.0	1.0
12. Infância	12. Infância	12. Infância	Cat	67	2732.0	1.0	1.0
16. Sofrimento	16. Sofrimento	16. Sofrimento	Cat	67	2604.0	1.0	1.0
7. Culpa	7. Culpa	7. Culpa	Cat	67	2535.0	1.0	1.0
31. Medo	31. Medo	31. Medo	Cat	67	2531.0	1.0	1.0
57. Pai	57. Pai	57. Pai	Cat	67	2425.0	1.0	1.0
26. Relações sociais	26. Relações sociais	26. Relações sociais	Cat	67	2397.0	1.0	1.0
67. Violência Psicológica	67. Violência Psicológica	67. Violência Psicológica	Cat	67	2375.0	1.0	1.0
37. Transformações	37. Transformações	37. Transformações	Cat	67	2275.0	1.0	1.0
41. Lembrança	41. Lembrança	41. Lembrança	Cat	67	2269.0	1.0	1.0
49. Negativo	49. Negativo	49. Negativo	Cat	67	2213.0	1.0	1.0
47. Sentimento	47. Sentimento	47. Sentimento	Cat	67	2173.0	1.0	1.0
50. Superação	50. Superação	50. Superação	Cat	67	2033.0	1.0	1.0
45. Casamento	45. Casamento	45. Casamento	Cat	67	1945.0	1.0	1.0
63. Independência	63. Independência	63. Independência	Cat	67	1599.0	1.0	1.0
43. Juventude	43. Juventude	43. Juventude	Cat	67	1404.0	1.0	1.0
48. Positivo	48. Positivo	48. Positivo	Cat	67	1361.0	1.0	1.0

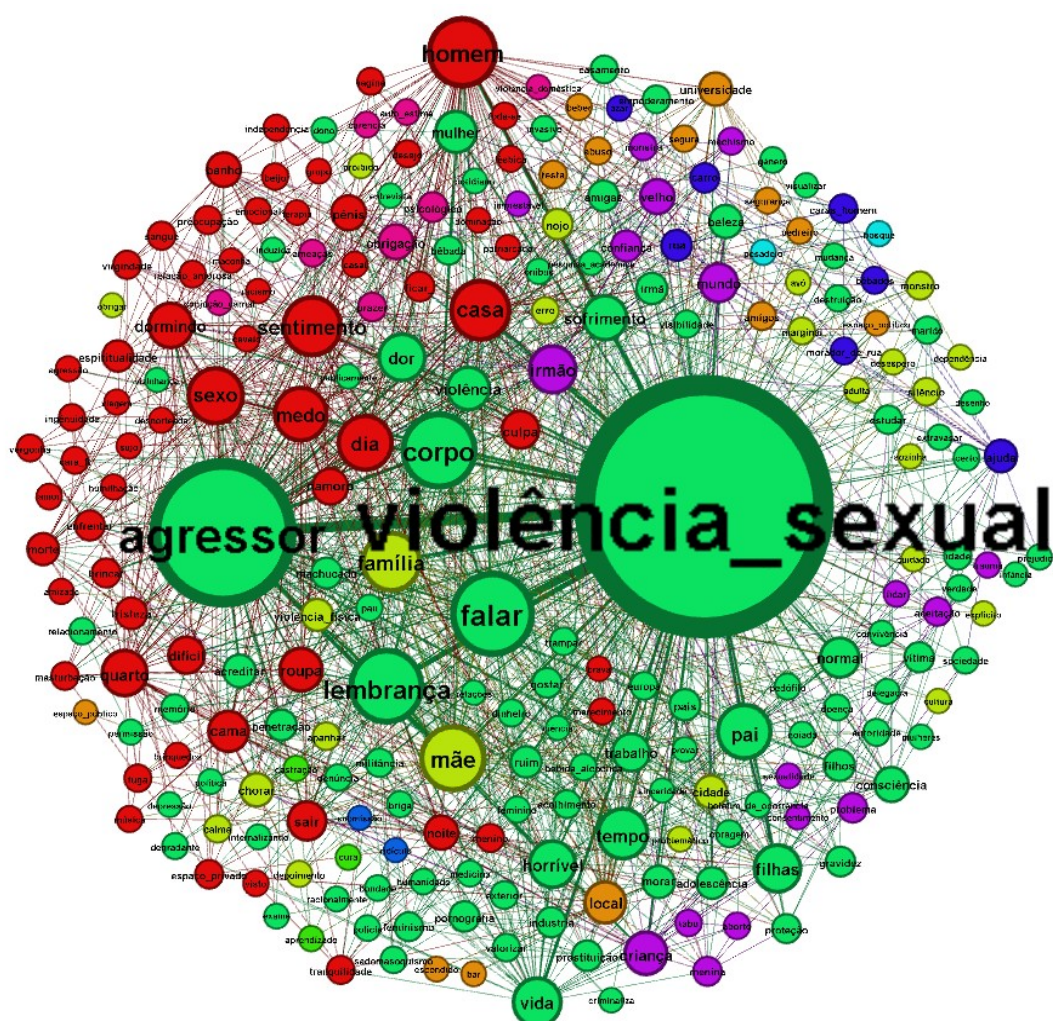
Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

A estrutura interna do capítulo está organizada a partir dos resultados da sistematização. Na primeira parte do capítulo será explorada a relação entre espaço, corpo e a experiência da violência. Na segunda parte serão explorados os elementos discursivos que compõem as representações que as mulheres fazem de si mesmas ao refletirem sobre a violência sofrida.

repetição, ou seja, quantas vezes elas estão ligadas. No caso da palavra agressor, o número vai para 1.298 ligações e repetições.

FIGURA 13 – Comunidade Semântica 'Violência Sexual' - Categoria 'Violência Sexual'



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.
Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

A comunidade semântica, expressa na Figura 13, gerou várias correlações. A relação entre a violência sexual e o agressor é um eixo de discurso marcante entre as mulheres entrevistadas. Cabe lembrar que todos os agressores são homens, na grande maioria pessoas conhecidas ou até mesmo que fazem parte da família ou do círculo de pessoas que a vítima tem algum laço emocional.

O discurso das mulheres traz a forte relação entre a violência sexual e o agressor, evidenciando sua resistência ao ato sexual e a indignação de não ter conseguido reagir contra seu agressor, gerando assim um sentimento de culpa pela agressão sofrida. Nesta rede, a violência traz o agressor que se liga com a lembrança constante da violência e a dificuldade em falar do assunto com as pessoas.

Os constrangimentos, a força física e as ameaças são relatos comuns nos casos de violência que funcionam muito bem em situações em que a vítima ainda possui pouca idade, como podem ser vistos os casos de Zenóbia e Kahina.

[...] ele me colocou no cavalo para andar de cavalo com ele, eu fui. Ele colocou a mão dentro da minha calça e começou a mexer na minha vagina. [...] nessa época que ele foi, abaixou a minha calça e esfregou o pinto dele em mim. Eu não entendi nada que aconteceu. Também isso foi uma parada que eu esqueci e que eu lembrei muito tempo depois. [...] ele fazia eu pegar no pênis dele, sentar no colo dele, eram situações assim que eu queria ir embora dali. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

[...] eu fiz o que ele me pediu. Eu lembro dele, ele me deitou na cama, me tirou a calça que eu tava usando, uma bermuda, era verão. [...] lembrava dele me dizendo que se a minha mãe soubesse, eu ia apanhar. Ele tapou a minha boca e me dizia: não fala pra ninguém ou tua mãe vai te surrar. [...] então ele baixou a calça dele e pediu se eu queria encostar nele. Eu disse que não. Então eu tentei sair correndo de novo e ele me segurou, pegou meus braços. Não precisa de muita força para segurar uma criança de 6 anos. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

[...] daí eu lembro que isso foi avançando, que ele fazia anal comigo assim, daí eu tinha que chupar ele num momento assim, foi um outro momento e daí nossa, eu tinha muito nojo e era muito horrível assim. (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

São comuns também as situações em que o agressor se aproveita de situações de extrema vulnerabilidade da vítima. Casos em que as mulheres estavam alcoolizadas e com dificuldades de discernir sobre o que estava ocorrendo, são corriqueiros. Nanny e Boudicca, por exemplo, relatam suas agressões evidenciando

não terem controle sobre o acontecimento.

[...] e eu entrei lá pra dormir e eu não me recordo como também, não lembro. Só sei que eu acordei durante, eu acordei porque eu não sei, eu acho que eles mexeram em mim. Mas os dois motoristas do ônibus estavam com as calças abaixadas a minha também estava. Um estava se masturbando e o outro estava abaixado na minha frente, eu imagino que ele devia estar fazendo sexo oral em mim. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

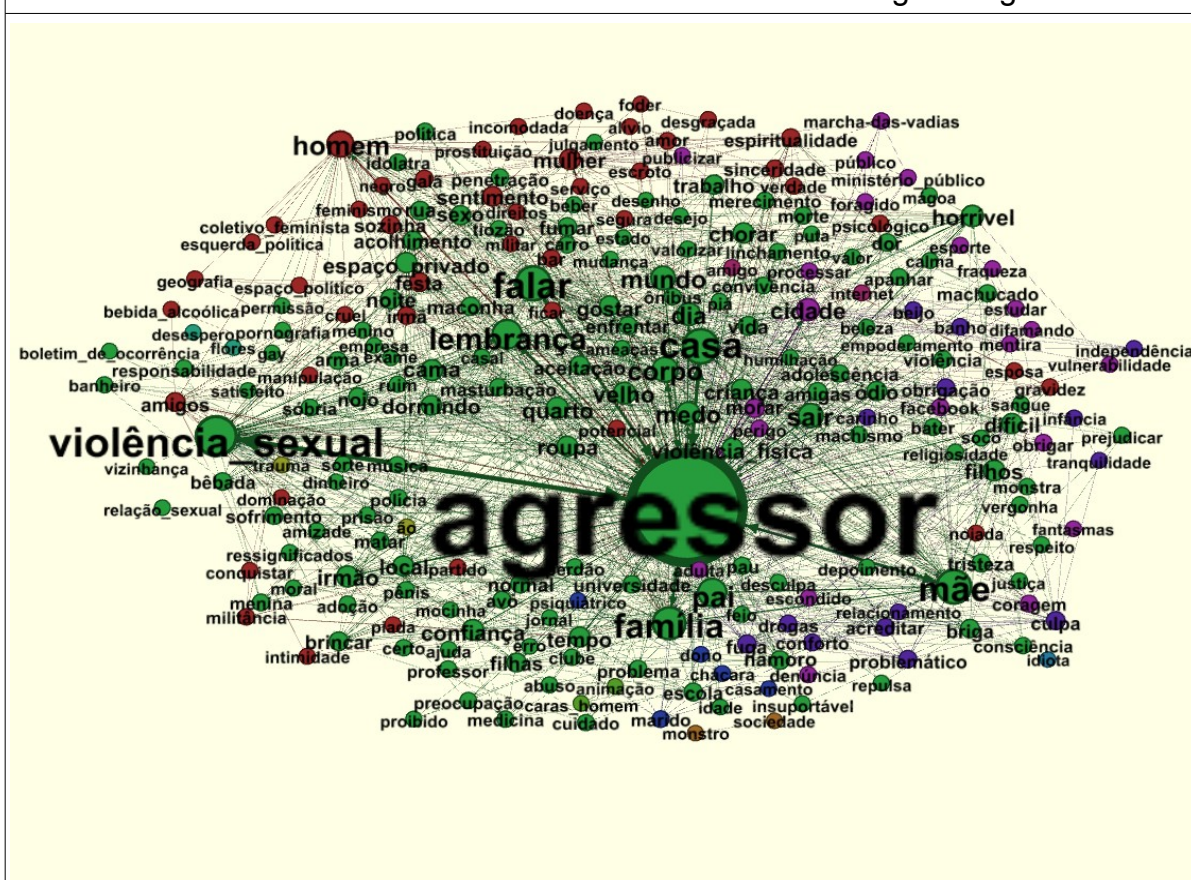
[...] aí eu acordei assim e o cara tava se esfregando em mim de pau duro, ele tinha abaixado a minha calça e a minha calcinha até o meu joelho. (BOUDICCA, Ponta Grossa, 21 de julho de 2015).

O agressor também costuma subjugar a vítima ao seu prazer, estabelecendo uma relação de sofrimento que dificilmente é reconhecida como sendo violência, quando se trata do envolvimento de companheiros.

[...] eu não queria transar também. Aí, tipo, eu tinha que fazer boquete nas situações mais estapafúrdias porque, se não, 'ah eu vou terminar contigo, tu vai me perder, tu vai perder esse homem maravilhoso que eu sou'. (ANIMA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

A próxima imagem (Figura 14) representa a comunidade semântica ligada ao agressor. O agressor desenvolve diferentes afetos ao longo da convivência com a vítima. Logo, o tempo é um importante indicador, faz com que a confiança e os afetos positivos se estabeleçam, e, a violência sexual é o ponto de inflexão que gera os sentimentos de raiva, repulsa e a vontade de vingança.

FIGURA 14 - Comunidade Semântica 'Violência Sexual' -Categoria 'Agressor'



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.
Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

A afetividade, a admiração e a confiança são importantes para estabelecer entre a vítima e seu agressor a intimidade para que a violência aconteça. São amigos, companheiros e cuidadores, como evidenciam os relatos de Zenóbia, Boudicca, Kahina e Yodit.

E era uma relação de amizade assim, até o momento que ele [referindo-se ao agressor] começou [referindo-se a violência sexual]. Eu sempre gostei dele porque ele não começou de início fazendo isso. Eu sempre gostei dele. Quando criança, não tinha nada contra. Ele era um bom pai pro filho dele, ele era legal, até que ele começou a fazer essas coisas. Ai, eu comecei a odiar ele, eu odeio até hoje, odeio. Ele é uma pessoa que eu odeio. Antes, ele brincava com a gente, ele estava por perto, ele era normal. Ele fazia as coisas que a gente queria, ele era legal. Só que eu acho que ele estava tentando tomar a confiança pra daí fazer isso. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Era alguém que eu tinha como referência de ser um homem feminista. Assim, porque ele [referindo-se ao agressor] participava de coletivo feminista. Então não era qualquer homem. Tipo, que fosse de esquerda assim, era alguém que estava num coletivo feminista né, que é diferente assim. (BOUDICCA, Ponta Grossa, 21 de julho de 2015).

Nossa ele [referindo-se ao agressor] era aquele primo tipo assim que cuidava da gente. Ele era de extrema confiança da família, extrema confiança. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

É porque, assim, eu já conhecia antes dele namorar com a minha mãe porque ele [referindo-se ao agressor]. Era pai de uma amiga minha. Daí tipo, ele sempre foi muito gente boa, muito animado. Sabe aqueles caras super engraçados e tal. Era ele, sabe. E quando ele começou a namora com a minha mãe eu nossa, eu ache muito legal tal, porque eu gostava dele. Só que depois de um tempo ele começou a usar dessa confiança que ele tinha comigo pra abusar de mim. (YODIT, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

Os sentimentos positivos confundem a vítima para o reconhecimento da agressão, e quando a violência sexual é assumida e sentida como violência, o agressor torna-se alguém insuportável, gerando revolta, raiva, medo e desejo de vingança como evidenciado nos relatos que se seguem.

Mas eu tenho mais medo assim tipo porque eu encontro eles [referindo-se aos agressores] eu fico mal. Eu tenho medo da minha irmã estar sozinha por que a gente geralmente sai junto né. Mas às vezes não. Eu tenho muito da minha irmã estar sozinha na rua e começar conversar com eles sem saber as caras e sabe. (ANIMA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

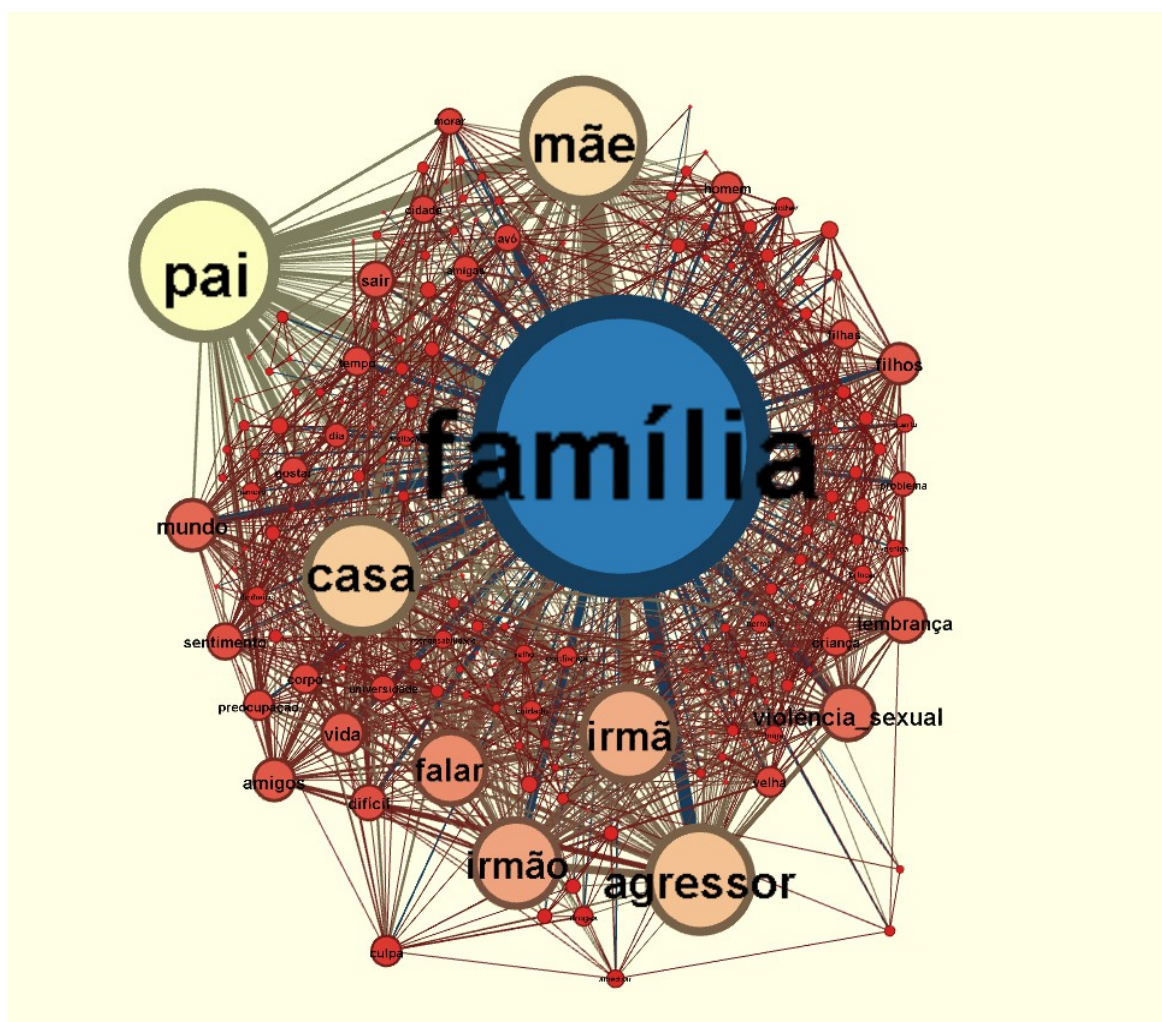
Ele [referindo-se ao agressor] tem muita sorte de eu não ser mais policial e não poder mais andar armada, porque eu podia puxar cadeia, mas a vontade que eu tenho é de matar ele, ver ele sofrer. Eu não quero saber que ele respira o mesmo ar que eu, essa é que é a verdade. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

Aquele homem [referindo-se ao agressor] me tirou todo meu valor. Ele tirou tudo que eu tinha de bom. Ele tirou uma parte da minha infância, ele tirou minha tranquilidade sabe. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Ele [referindo-se ao agressor e pai biológico] não me deixava ver cena de sexo. Ele não me deixava saber sobre isso entendeu. Então eu fiquei muito tempo assim sem saber direito o que aconteceu [referindo-se à violência sexual]. Não sabendo de fato, apesar da dor, apesar do quanto foi horrível. Ele falou que era uma coisa normal, que era algo que pai faz com filho de forma natural, mas que minha mãe não podia saber. Eu não tinha consciência de que não era normal. (YENNENGA, Ponta Grossa, 20 de julho de 2014).

Outra comunidade semântica importante do discurso das mulheres vítimas de violência é a relação familiar. A família possui um significado complexo porque ela representa ao mesmo tempo um elemento da composição da violência sexual, já que vários agressores são pessoas da família ou próximas dela. Mas também ela aparece no discurso como um elemento de acolhimento. A Figura 15 representa a estrutura discursiva em torno das relações familiares e evidencia essa afirmação.

FIGURA 15 - Comunidade Semântica 'Violência Sexual' - Categoria 'Relação Familiar'



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

A contradição dá-se por conta de que em cinco dos casos, o agressor era alguém da própria família, ou alguém muito próximo, como um vizinho, amigo da família, pai, padrasto ou irmão. Isso gerou para as mulheres uma relação muito complexa, pois ao mesmo tempo em que elas poderiam buscar o apoio de algum familiar, existia esse impasse. Porém não é apenas isso que torna a família uma instituição em que as mulheres podem não se sentir acolhidas. Outro ponto é a própria vergonha em relação ao acontecimento e novamente a culpa, pois podem ter o medo do julgamento, caso sintam-se culpadas, ou mesmo, receiem sofrer alguma punição por parte dos familiares:

(...) eu acho que talvez por a minha relação ser mais difícil com eles [referindo-se a família] do que a dele [referindo-se ao agressor e irmão]. É que se eles soubessem eles nem iam acreditar sabe. Talvez fosse mais confortável não acreditar em mim e não sei, colocar a culpa em várias outras coisas. Colocar a culpa nas drogas que estou usando, em quem eu tô andando, de realmente eles acharem que não. É que a palavra dele tem muito mais peso do que a minha assim dentro de casa. Por ele ter cumprido o que a minha mãe e o que o meu pai sempre traçaram pra gente né, que é ter uma casa uma família, um filho e eu fugir dessa lógica. (...) eu acho que eu culpo bastante minha mãe assim e o meu pai. De não conseguir entender como eles não perceberam assim, tava no nariz assim, na frente deles e toda as minhas ações depois sabe. (MAKEDA. Ponta Grossa, 20 de junho de 2015).

(...) tanto que eu virei pra ele [referindo-se ao agressor e pai biológico] e eu falei que se eu descobrisse que ele abusou de alguém eu ia matar ele dormindo e tal. Daí eu descobri que ele chegou a falar pra minha madrinha, ele chegou a confessar o abuso. (YENNENGA. Ponta Grossa, 20 de julho de 2014).

(...) eu nunca tive a coragem de contar pros meus pais porque eu achava que a culpa era minha. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

(...) eu tenho a minha família é meio complicada. Demais, demais, mesmo. Porque eles são evangélicos como eu tinha te falado, dos chamados neo pentecostal da igreja universal. Então eles não aceitam (...) quando eu contei sobre o abuso foi meio estranho. Não tem outra palavra, então assim, dentro da família já tinha uma cultura disso [referindo-se a violência sexual]. Isso era tido como normal sabe, é doentio, não tem outra explicação. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

Em outros momentos, algum membro da família, em geral uma mulher, consegue dar certo apoio, como pode ser evidenciado nos trechos abaixo:

(...) daí ela [referindo-se a avó] bem assim. Eu já sei de muita gente que aconteceu isso [referindo-se a violência sexual]. Você não é a primeira, só que você tem que saber que você tem família e eu vou cuidar de você. (...) Eu acho que a minha vó sabia porque ela chegou e falou assim: 'olha eu vou falar pra sua mãe pra ele [referindo-se ao agressor e padrasto] nunca mais aparecer aqui. Porque ela [referindo-se a mãe] vai trabalhar e ele fica aí e eu não quero. (YODIT, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

(...) a afilhada da minha mãe é bem forte no movimento feminista daqui e aí assim ela tem um negócio de cuidado muito legal comigo né. (ANIMA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

Falei da violência sexual com várias pessoas. Falei com a mãe do meu ex- namorado, falei com amigas minhas, falei com as mulheres da casa, eu acho que elas me entenderam muito, principalmente as mulheres me entenderam muito sabe. (NZINGA, Porto Alegre, 2014).

Mas minha mãe, minha avó e minha tia, são pessoas que me amam muito assim sabe tipo, sempre me apoiaram em tudo acho que é isso assim. (YENNENGA, Ponta Grossa, 20 de julho de 2014).

A casa é uma rede semântica importante no discurso das mulheres e também apresenta sentidos complexos, ora aparecendo como local de horror e outras vezes de tranquilidade, como pode ser visto na Figura 16 a seguir.

espaço de bem-estar e superioridade feminina, enquanto o quarto pode ser considerado opressivo para as mulheres que se sentem muitas vezes obrigadas a satisfazer sexualmente seus maridos.

Se pensarmos na violência sexual como um componente da casa, dificilmente esse espaço será um local seguro e facilmente será considerado como uma espacialidade não confortável. Das 11 mulheres entrevistadas, nove foram violentadas dentro de uma casa, ora dentro da sua própria casa, ora na casa de seus agressores.

Então, a noção de casa, como tranquilidade e proteção está longe de ser a realidade de todas as pessoas. O gênero é uma categoria importantíssima para ser levado em conta quando estamos pensando em espaço privado, pois o espaço privado também é composto pela relação de um espaço paradoxal, tal como propõe Rose (1993).

A linha que divide o espaço público do privado é muito tênue, segundo Mayol (1996). O limite entre o público e o privado não é apenas uma separação, mas constitui uma separação que une, uma vez que o público e o privado não existem um sem o outro e, além disso, são interdependentes. Mayol (1996) aponta para o espaço privado também como um lugar que deveria dispor de um local protegido, onde a pressão do corpo social sobre o corpo individual é descartada. Porém, pode ser justamente nesse momento de alívio social que a casa passa de um local de acolhimento para um local de vulnerabilidade.

O espaço privado e o espaço público são importantes escalas de análise para a Geografia, pois podem possibilitar, ou não, acontecimentos de fenômenos e a inteligibilidade dos mesmos. Castro (1995) afirma que isso tem a ver com o olhar que temos em relação ao fenômeno, ou seja, as escolhas da/do pesquisadora/or em elencar o jogo de escalas a ser estabelecido.

Então, para as mulheres entrevistadas, a casa é um local contraditório. Ao mesmo tempo em que é um local de conforto e segurança, elas apontam que a vulnerabilidade à violência sexual está em todos os ambientes, e apontam o espaço privado e a casa como ambientes em potencial.

As mulheres que sofreram violência nos locais em que moravam com a família, demonstraram que esse espaço é de difícil retorno, um lugar que revive

memórias e que acaba por deixá-las em uma situação de desconforto:

Olha assim olha pensando por um lado assim de violência sexual talvez assim eu sempre me sinto vulnerável na casa de alguém que eu esteja me relacionando. Eu prefiro estar na minha casa eu não gosto de estar na casa de outra pessoa, no quarto da pessoa. Não gosto assim da sensação de estar muito na casa entende da pessoa assim. (TRIÊU THI TRINH, Porto Alegre, 10 de novembro de 2015).

Pra mim eu acho que dentro de casa eu acho que a maior vulnerabilidade é dentro de casa. Não sei se é porque é lugar que a gente sempre menos espera que aconteça e acaba acontecendo, ou se é porque é realmente. [...] Eu acho que a gente tá vulnerável em qualquer lugar, porque a gente sempre pensa que tá segura em algum lugar por causa das pessoas que estão com você e não é não é assim. Se fosse dentro de casa ninguém nunca ia sofrer. (YODIT, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

Não pense que você tá na casa aqui, meu filho tá brincando no meu quarto, ele pode tá vulnerável, pode tá acontecendo alguma coisa com ele ali. Então, pra mulher tem lugares assim, mas eu vejo que pra criança é pior, todo lugar é vulnerável. A casa do teu amigo, a tua casa, lá fora, aqui dentro, não tem. Parece que não tem onde você consiga colocar isso porque eu acho que todo lugar é vulnerável pra criança. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Porque veja bem, ali é uma extensão da casa deles [referindo-se aos agressores]. Aquele ônibus então é, eles se sentem bem à vontade de ter esse tipo de prática [referindo-se a violência sexual] dentro daquele ônibus sabe. Essa coisa de não ter sido um lugar familiar pra mim né, que não foi na minha casa igual a gente vê que a maioria acontece nas casas que a gente mora geralmente né. Mas foi no espaço privado do ônibus, do cara assim né. Que era um espaço assim de referência pra mim, porque eu tinha uma relação com aquele ônibus querendo ou não, porque ele tinha me levado até BH né. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Eu tenho reparado uma coisa, o ambiente lá é tão carregado que eu fico mal fisicamente. Eu tenho gastrite, mas, por exemplo, aqui eu bebo e fumo tranquilo. Eu sou viciadíssima em café e tá tranquilo sabe. Lá [referindo-se ao local onde ocorreu a violência sexual], quando eu chego lá, já fico com ânsia de vômito, o meu físico fica completamente destruído por conta do peso que é todo aquele lugar. A lembrança daquilo, saber que aquilo aconteceu tudo naquele ambiente. Ela é extremamente carregada, extremamente horrível de permanecer lá. (YNNENGA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Quando o pessoal tava dormindo à noite, nossa, eu até hoje assim tenho muito medo de dormir por causa disso. Quando o pessoal tava dormindo à noite, quando o pessoal saía de casa, se o pessoal tivesse em casa ele dava um jeito de trancar a porta, de inventar alguma coisa que ele ia fazer comigo. Então foram várias coisas assim e eu lembro que nossa, doía, doía, doía muito assim, muito, muito, muito e eu chorava de dor assim bastante, bastante. Às vezes, nossa, eu ficava de cara assim quando eu tava dormindo e acordava e ele tava ali assim. O fato de não tá mais conseguindo conviver com

ele [referindo-se ao agressor e irmão] e conviver com essa pressão dentro de casa. Então a minha relação é muito difícil assim. Quando eu vejo ele, eu fico muito nervosa, eu fico nossa, eu não sei explicar assim. Então eu tento agir naturalmente dentro de casa, dou um tempo e logo saio assim. (...) Geralmente é domingo né que vou pra casa dos meus pais. Todo domingo eu pego ônibus e eu venho chorando no ônibus. Isso acontece sempre assim. Aí eu chego em casa, só quero saber de dormir e chorar. Então domingo é um dia bem difícil pra mim por causa disso, porque eu tenho que voltar pra casa dos meus pais, e é a casa dos meus pais, então todos os meus irmãos vão lá. (MAKEDA, Ponta Grossa, 20 de junho de 2015).

Nas falas também aparecem a casa como local de segurança, mas a casa que residem atualmente e não a casa em que foram violentadas.

Eu acho que a minha casa com a minha mãe, com a presença dela, com o meu pai nem tanto assim que ele é muito desatento com tudo. Aqui em casa, quando a moça que mora comigo está, me sinto muito mais segura. Então tem que estar no espaço, tem que ter uma pessoa de extrema confiança pra me sentir segura. (MAKEDA, Ponta Grossa, 20 de junho de 2015).

A minha casa né. Ah, é que tipo, tem bastante gente que sofre violência em casa né, bah. A minha casa tipo, a casa de pessoas que eu gosto sabe, só. Eu acho que tipo, onde eu me sinto 100% segura é isso. A casa da minha mãe, casa do meu pai, a casa da minha dinda, as casas das minhas amigas, acho que na rua não. (ANIMA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

Proteção. A primeira palavra que me veio à cabeça foi minha casa, minha casa. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

É o único lugar quando eu tô, eu me sinto segura. Em cima da minha cama, com meu cobertor, só, sempre. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Mas assim, sabe, que eu associo a proteção mais as pessoas que eu to junto, do que o espaço físico mesmo assim. Tirando a minha casa porque a minha casa é o lugar que eu tenho poder também né. Mas assim é mais relacionado às pessoas do que o lugar mesmo. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Não tenho dúvidas. Se for pra colocar em primeiro lugar eu coloco ambientes feministas exclusivos, depois minha casa, depois os guetos assim alternativos. (YNNENGA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Podemos observar também que a casa não se faz apenas pela estrutura física, ou coordenada geográfica, mas também pela relação familiar. Quando a entrevistada Makeda aponta que se sente segura em casa quando sua mãe está presente, mas sente extremo desconforto nos almoços de domingo quando seu

irmão e também agressor está presente. A espacialidade casa aparece também de duas maneiras, como a casa da família e a casa em que a entrevistada reside atualmente. Desta forma, temos três comunidades muito entrelaçadas, a comunidade violência sexual, a comunidade casa e a comunidade família, e, as duas últimas, em grande conflito, pois ora aparece enquanto apoio e acolhimento, ora aparece como opressão e desconforto.

Outra comunidade semântica que estrutura o discurso das mulheres é a forma como a violência marca suas relações amorosas. Mesmo que todas as mulheres não compartilhassem da mesma orientação sexual, um ponto nesse grafo ficou muito evidente, quando elas falam de namoro, ele está atrelado totalmente à palavra homem. Desta maneira, compreendemos que o fato de o relacionamento heterossexual ter aparecido com mais peso, justifica-se, pois apenas três das entrevistadas são lésbicas, cinco bissexuais, que no momento da entrevista, três delas estavam em relacionamentos héteros, e três entrevistadas heterossexuais.

minha irmã que ficou sabendo foi o meu marido. Foi bem ruim contar pra ele porque eu esperava uma reação e ele não teve essa reação. Porque quando eu comecei a não conseguir fazer sexo com ele, que eu sentia nojo que ele me tocasse, eu tive que explicar porque isso acontecia. E eu escutei da boca dele: 'ah o fulano fez isso e eu que vou pagar o preço?'. Não, eu tô pagando o preço, eu tô pagando. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

Esperei que a pessoa [referindo-se ao namorado] ficasse do meu lado quando mais eu precisava e tipo, a pessoa não ficou sabe. E tipo. Isso me doeu, até hoje em dia assim sabe. Porque tipo, eu tava com vontade de morrer e tipo, a pessoa levou mais em preocupação o que ele estava sentindo sabe. As tristezas que ele tava sentindo. Claro, ele ficou super mal também sabe, por tudo, mas eu achei que ele ia ficar mais presente. Mas não, ele não esteve nem aí. (NZINGA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

Só que era como se fosse melhor amigo [namorado] e tal. Porque eu não tinha coragem de fazer nada muito, tipo sexo com ele eu não fiz. Porque eu tinha nojo ainda do meu corpo, eu sabia que não era culpa minha [em relação à violência sexual], mas eu não tinha coragem e ele não sabia disso [violência sexual]. (YODIT, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

As mulheres também relataram o apoio de seus namorados nos trechos a seguir:

Daí eu liguei pro [referindo-se ao nome do namorado] pra ele trazer meus documentos, que eu tava indo na delegacia e queria que ele fosse comigo. Daí ele veio, ele não fala muito, mas ele tava ali, não falou nada eu acho na verdade. Mas ele sempre tava apoiando assim, acho que tava respeitando, ele viu que, acho que pensou, se fosse eu não ia gostar que alguém ficasse cutucando pra falar né. (BOUDICCA, Ponta Grossa, 21 de julho de 2015).

E quando eu contei pro [referindo-se ao nome do namorado] e ele me ajudou bastante. Claro que daquele jeito de menino sabe, 'ai a gente vai lá, mata ele [referindo-se ao agressor], corta o pau dele', essas coisas. Só que eu senti assim um apoio dele, tanto que ele sabia que eu ia vim aqui dar a entrevista hoje e tal. Daí ele tava preocupado, ele falou assim: '-ai, não quero mais que você fique chorando por causa disso. Talvez não seja bom você falar, mas se você acha que deve, se você quiser que eu vá junto eu vou'. (YODIT, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

Hoje acho que superei assim meus problemas dentro da relação sexual. Assim, de ter confiança nos caras e antes era muito difícil assim. E teve uma pessoa que me ajudou bastante nesse processo que foi o [referindo-se ao nome do namorado]. (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

A última categoria que iremos abordar é a comunidade semântica corpo. Decidimos deixá-la por último por compreender que o corpo permeia todas as

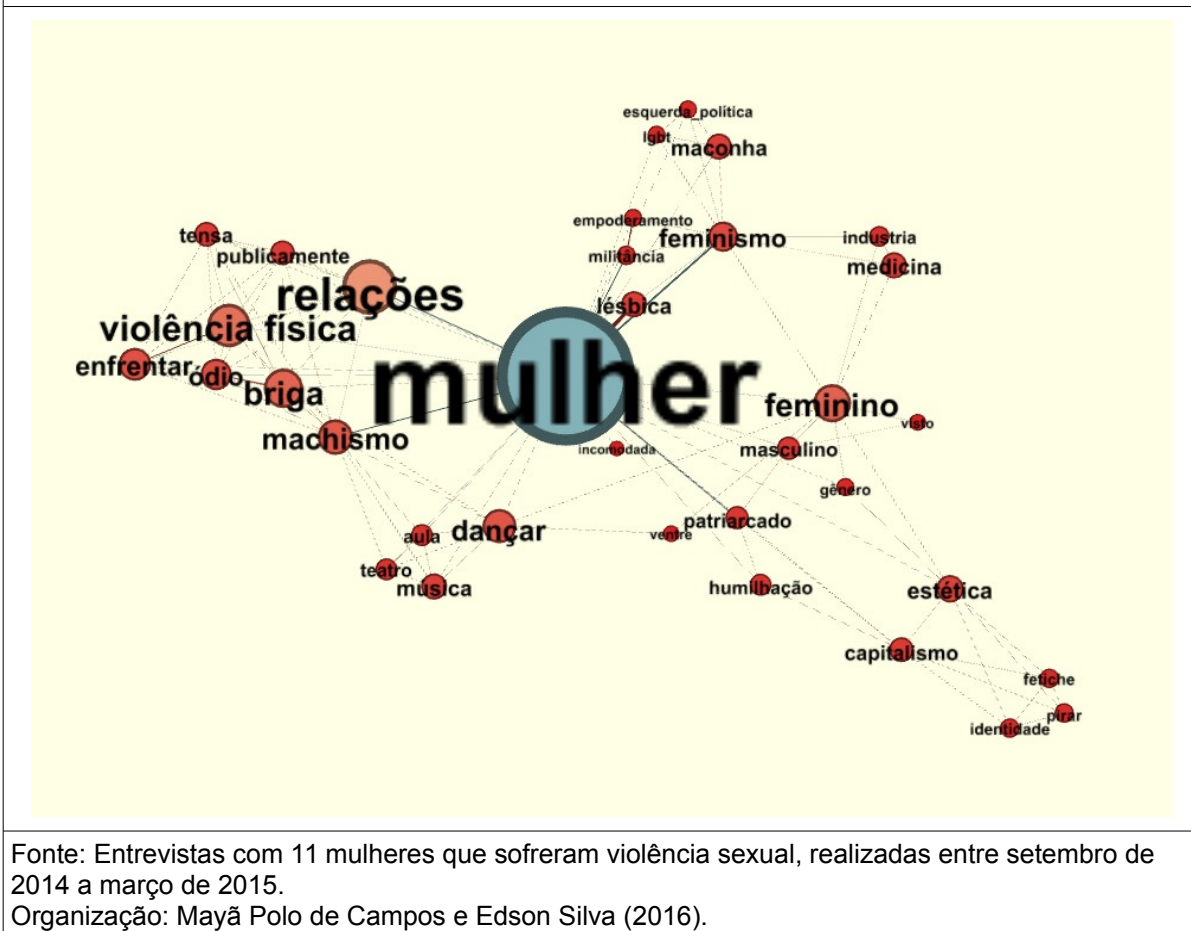
Quando as entrevistadas referem-se diretamente ao corpo, surgem palavras na comunidade semântica que nos grafos anteriores não aparecem ou aparecem com menor intensidade, que é o caso das palavras medo, roupa, mulher, lembrança e tempo.

[illegible]

Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.
Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

Percebi durante as entrevistas que a temática da violência sexual atingiu campos para além desse tema. As mulheres entrevistadas construíram reflexões e falaram sobre muitos outros aspectos de suas vidas. Quando realizei a categorização no RQDA das entrevistas e depois na estruturação dos grafos no GEPHI, percebi que o corpo não construiu, assim como a maioria das outras categorias, uma padronização homogênea. Nas entrevistas, quando as mulheres falam do corpo, elas apontam diferentes elementos que conseguimos identificar a partir das comunidades criadas da categoria 'corpo'. Os elementos que apareceram como mais expressivos foram a identidade de ser mulher, o sentimento de repúdio com o próprio corpo, como o nojo e sentimentos negativos, e, os relacionamentos²⁰ e locais de vulnerabilidade em que o medo aparece como central, como podemos observar, nessa ordem, nos grafos a seguir:

FIGURA 19 - Comunidade Semântica Violência Sexual - Categoria 'Corpo - Identidade Mulher'



²⁰Esse ponto, não iremos abordar por já termos construído um grafo exclusivo sobre 'Relação Amorosa' (Figura 17).

Ser mulher para as entrevistadas está ligado, diretamente, como podemos observar na Figura 19 com as práticas e relações sociais. A leitura que a própria entrevistada faz do corpo e da identidade mulher e também a interpretação que elas fazem do que as pessoas enxergam nelas, como veremos nos trechos das entrevistas.

Stuart Hall (1992) traz a compreensão de que a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Sendo assim, o autor aponta que:

a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. (HALL, 1992 p. 8).

Para o autor, a identidade não é algo inato, ela é construída ao longo do tempo e espaço através de representações. O autor também aponta que a globalização é parte importante nessa construção, uma vez que, se o tempo e o espaço são coordenadas básicas de todo o sistema de representação, sendo a escrita, a pintura, o desenho e a fotografia símbolos através da arte, estes devem traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Sendo assim, a narrativa traduz eventos em uma ordem temporal "começo-meio-fim". Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo (HALL, 1992).

Essa discussão de Hall (1992) leva-nos a compreender que a identidade é construída a partir do processo de representação. Pollak (1992) afirma que se compreendemos a identidade social à imagem de si e para os outros, há um elemento dessas definições que escapa ao indivíduo e ao grupo, sendo esse elemento, o Outro. Através dessa discussão, compreendemos que quando as mulheres entrevistadas estão falando sobre as representações que o outro tem delas, elas estão, ao mesmo tempo, transmitindo a interpretação própria do olhar do outro e construindo sua autoimagem. Para o autor: "A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência a critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros" (POLLAK 1992 p. 204).

Um ponto fundamental para compreender a construção da identidade faz-se a partir das afirmações de Pollak (1992): que a memória é elemento constituinte do sentimento de identidade. Para o autor, a construção da identidade se compõe em três pontos principais, unidade física, que se refere ao sentimento de ter fronteiras, ou seja, o corpo ou fronteira de pertencimento ao grupo, no caso de coletivos. Continuidade dentro de um tempo. E, por fim, a coerência, isto é, diferentes elementos que formam o indivíduo são unificados.

Sendo a memória um elemento constitutivo da identidade, faz-se necessário compreender quais são os elementos que constituem a memória também, tanto individual como coletiva. Vou destacar o que o autor chama de acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade, os quais o indivíduo sente-se pertencer. Esses acontecimentos, não necessariamente vividos pelo sujeito, mas que no imaginário tomaram tamanho relevo tornando quase impossível para o indivíduo conseguir distinguir se participou ou não.

Desta forma, podemos dizer que as mulheres entrevistadas, através dos meios de comunicação, universidade, coletivos de mulheres, tiveram a oportunidade de conhecer o movimento feminista e desta forma, tiveram contato com histórias parecidas com as delas, e até mesmo pelo grupo 'Meninas Sem Silêncio' que nós fazemos parte no *Facebook*, ou seja, as memórias de cada uma compõem também a identificação que essas mulheres têm entre si, e, a partir disso sobre a identificação que elas têm em relação a si. A memória coletiva aparece como parte do processo do empoderamento, quando as mulheres começam a perceber que elas não eram as únicas que sofreram violência sexual e sentem, assim, que não estão sozinhas.

Nos trechos de falas que seguem, podemos observar a construção identitária de mulher juntamente com a construção dessa identificação, sendo individual, do outro, ou coletiva.

Tanto é que o patriarcado, quanto mais você tenta se afastar do padrão de mulher construído pra sociedade capitalista, mais as pessoas mostram que você é mulher, mais as pessoas te humilham, mais os caras te encham o saco na rua. Se você é careca, tem um pedaço da cabeça raspado, tatuado, usa piercing, tá andando com uma mina, eles tentam demonstrar ainda sabe? Tipo foda-se, você faz o que quiser, mas quando eu quiser vou te estuprar (BOUDICCA, Ponta Grossa, 21 de julho de 2015).

Eu acho que elas acham que eu sou uma pessoa mais de boa com o corpo, mais uma pira de mais liberal sexualmente, por eu sei lá, por eu assumir o meu corpo bem comigo, assumir meus pelos, de ter a pira de amor livre [...]

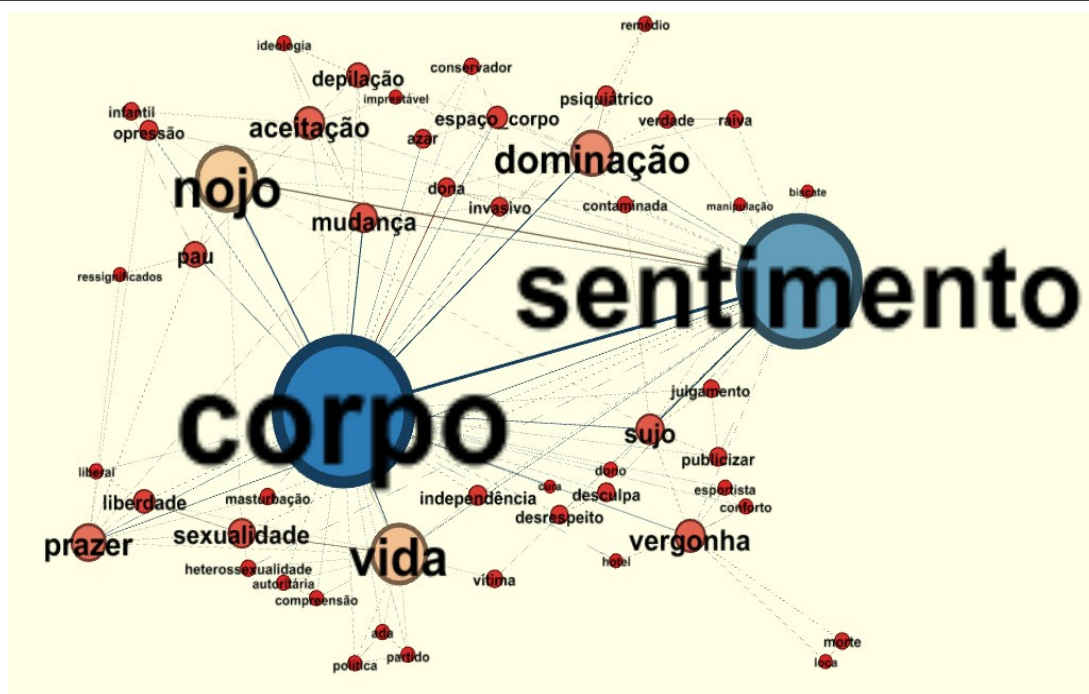
Eu acho que construí uma imagem assim de Makeda que eu nem sei se correspondo. Mas acho que é uma imagem bacana assim, uma imagem de uma mulher meio forte militante, que fica questionando as paradas, que não engole tudo assim. (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Porque eu consigo entender como que não foi uma coisa direcionada a mim, foi porque eu sou mulher [...]. Porque eu acho que não foi, por exemplo, porque eu sou lésbica que isso (violência sexual) aconteceu, foi porque eu sou mulher, porque eu sou mulher. Que eu sou com as coisas, eu acho que de tanta coisa assim, porque não é simples ser mulher. Foram tantas coisas que foram acontecendo na minha vida, tantas coisas assim, e eu me tornei uma pessoa muito incomodada. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Eu me orgulho muito da mulher que eu sou hoje, da história de vida que eu tenho. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

A próxima comunidade refere-se a sentimentos em relação ao corpo. Podemos observar que os sentimentos ligados são tanto sentimentos negativos como positivos. Aparecem de maneira mais expressiva as palavras 'nojo', 'dominação', 'sujo', 'vergonha'. A palavra 'prazer' também aparece com intensidade, mas como veremos nos trechos das entrevistas, ela é uma palavra ambígua, pois ao mesmo tempo em que ela revela a descrição do prazer, ela pode aparecer sendo contrária a isso. A palavra 'corpo', nos trechos de entrevistas, também é ambígua, pois aparece como empoderamento, as mulheres apontando gostar do próprio corpo e, por outro lado, sentindo nojo e vergonha.

FIGURA 20 - Comunidade Semântica Violência Sexual - Categoria 'Corpo - Sentimento'



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

Nunca foi fácil assim, eu nunca vi o meu corpo como forma de prazer assim. Eu nunca tinha me masturbado antes até ter tido as relações sexuais e nunca achei que eu podia sentir prazer e de que eu mesma podia fazer [...].

Então são muitas coisas novas que eu venho percebendo aos poucos, o corpo é uma parada que eu entendi que foi crucial assim, de ter perdido uma coisa, de não, de nem você ter o controle do seu corpo né, de chegar uma pessoa e invadir aquele espaço né e você não se sentir mais pessoa assim sabe? Então você não se sentir mais dona das tuas escolhas e de tudo que isso acarretou. (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Hoje eu gosto do meu corpo do jeito que ele é e eu não acho que se alguém vim mexer comigo na rua não vai ser por causa da minha roupa, eu sei porque a pessoa é doente [...]. Que eu acho que ninguém tem o direito nenhum sobre o meu corpo, antes eu achava que nem eu tinha entendido, agora eu sei que quem manda no meu corpo sou eu (YODIT, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

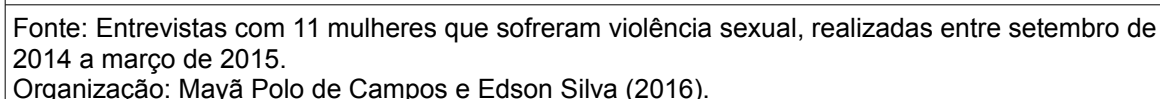
Eu fiquei com nojo muito nojo, quando eu penso assim e foi por muito tempo que eu senti nojo, eu me sentia muito suja sabe, parecia que eu tava contaminada. Eu me senti violada sabe, como se alguém tivesse ultrapassado sabe, ultrapassado tudo sabe? Tudo. Porque fica aquela coisa de, ai meu, a vagina aquela coisa guardadinha ali né tal. Mas assim, muito ultrapassada sabe, ultrapassou demais assim, foi

uma violação, sabe, uma violação assim. Porque bem aquela coisa da fronteira da pele né, mas foi além né, entrou. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Nossa, eu assim ó, hoje a gente indo no mercado, tinha aqueles homens que tava na frente daquele hotel. Eu tava com a jaqueta na mão né, e quando a gente passou, eu vou tipo com a jaqueta do lado, daí quando eu, quando a gente passa, eu boto assim atrás da bunda, eu tenho muita vergonha assim sabe?. (BOUDICCA, Ponta Grossa, 21 de julho de 2015).

Os caras fazem um monte de merda. Até que depois disso fiz exame e tirou minhas dúvidas, mas mesmo assim tipo eu me sentia muito mal assim sabe mas deixei de sentir nojo assim do meu do meu corpo assim. (NZINGA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

As espacialidades também aparecem com bastante intensidade nessa comunidade, acompanhadas pelos sentimentos de medo e vulnerabilidade. Compreendemos que isso ocorre, como visto por Louro (2008), anteriormente, pelo corpo carregar marcas e também, a própria identidade mulher acarreta a vivência nesses locais de maneira ímpar, como podemos observar na Figura 21:



Essa coisa de perder o controle do corpo é foda porque é bem perder o controle né essa coisa de beber de mais. Parece que eu saí da casinha né, o corpo fica solto lá, assim, vulnerável pra qualquer coisa. [...] Como funcionava esse mecanismo e aí agora eu entendo que realmente meu corpo naquele espaço. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

E era aquilo assim, a hora que chegava que era a hora de dormir, eu não queria ir. Eu não queria ficar sozinha no meu quarto, não queria ficar sozinha no meu quarto com ele [agressor]. (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

eu sinto e tive fobia disso, de ônibus, por um bom tempo. Até hoje quando eu entro em um ônibus é um espaço bem de desconforto pra mim. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Imagina viver a vida inteira, e tipo, não é só a vida inteira. É tipo, por gerações e gerações, ter medo de sair na rua, independentemente de qual seja a classe social sabe, apesar de que as pessoas com mais grana com certeza vão sair com segurança né. (NZINGA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

Mas quando é que tu vai ver uma mulher que não tem medo de sair na rua sabe? E medo de ser estuprada sabe? (TRIÊU THI TRINH, Porto Alegre, 10 de novembro de 2015).

Pra criança qualquer lugar é vulnerável, todo lugar. Não pense que você tá na casa aqui, meu filho tá brincando no meu quarto, ele pode tá vulnerável, pode tá acontecendo alguma coisa com ele ali. Então, pra mulher tem lugares assim, mas eu vejo que pra criança é pior, todo lugar é vulnerável, todo, todo. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Nessa seção ficou evidente que a violência sexual marca a vida das mulheres de forma contundente. Por ser uma violência multifacetada, ela permeou vários aspectos da vida das mulheres. No caso das entrevistadas, a violência atingiu de maneira direta os significados atribuídos por elas em relação à casa, pois elas se sentem em situação de vulnerabilidade em espaços privados, em relação à família, por esta ser tanto a parte em que as mulheres podem se sentir acolhidas, como também o contrário disso, quando o agressor também faz parte dessa família.

Ficou muito bem marcado também que a violência sexual pode ser extremamente comprometedora para a forma em que essas mulheres se relacionam com outras pessoas, com os lugares e até mesmo com elas próprias, como veremos na seção subsequente.

3.2 O SILENCIAMENTO DAS MULHERES QUE SOFRERAM A VIOLÊNCIA SEXUAL E A CULPA

Falar sobre a violência sexual é uma tarefa difícil para a maioria das mulheres entrevistadas. Importante dizer que entre as que concederam entrevista, apenas duas chegaram a denunciar o caso a instituições de justiça. O silêncio passa a ser uma prisão e, em alguns casos, a entrevista concedida para esta pesquisa é a primeira vez em que o silêncio foi quebrado.

A culpa gera o silêncio, sendo assim a necessidade de falar, de revelar a dor

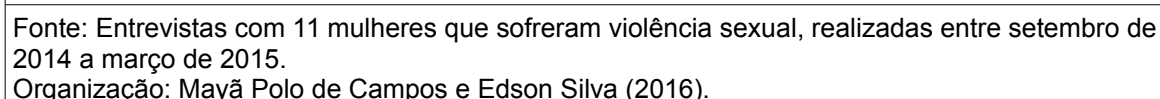
é algo marcante para as entrevistadas. Skinner apud Guilhardi (2002) escreveu: “O que é sentido não é um ‘sentimento’, mas um estado do corpo”. Guilhardi (2002) aponta também que:

O indivíduo adulto que se sente “culpado” responde a uma história de punição pelos seus comportamentos e às contingências manejadas pela comunidade verbal em que esteve inserido durante seu desenvolvimento. (GUILHARDI, 2002, p. 4).

O fato da culpa não se dá apenas pelas ameaças que essas mulheres receberam ou pela descarga emocional que seus agressores provocavam nelas, mas também enquanto uma construção social que coloca a mulher como central nas relações de emoção, sensualidade e conquista, fazendo com que as vítimas acreditassem que causaram a própria violência. Para Guilhardi (2002), o sentimento de culpa não existe, o que existe, segundo o behaviorismo radical, são os sentimentos e os comportamentos, estes são causados pelas contingências de reforçamento atuais em interação com a história de reforçamento do indivíduo. Ou seja, o que leva o indivíduo a construir esse sentimento é justamente o sentimento que se tem pelo outro. Guilhardi ainda aponta que:

O objeto de interesse dele é identificar, analisar e alterar as contingências de reforçamento que um agente controlador maneja em relação a outra pessoa e que produzem nestes estados corporais que abrangem componentes respondentes e operantes. A comunidade verbal, bem como o próprio indivíduo, tem se interessado por aspectos de tais estados corporais e os tem nomeado com palavras arbitrárias (que são conhecidas com os nomes de sentimentos: ansiedade, angústia, medo, culpa, pena etc.). Não há problema no uso das palavras que designam sentimentos, desde que elas possam ser prontamente substituídas pela descrição das contingências que produzem os estados corporais a que tais palavras se referem. (GUILHARDI, 2002. p. 18).

Compreendendo esses aspectos da psicanálise, o uso da palavra ‘culpa’ foi mantido pelo fato de ser utilizado pelas mulheres entrevistadas, porém fica muito claro que esse sentimento foi construído com muita influência tanto dos agressores como da própria pressão social. A imagem abaixo (Figura 22) ilustra essa afirmação:



E aí tipo, bah, eu cheguei em casa e eu tentei dormir. Eu fui tomar banho com dor assim sabe e tipo emocionalmente dolorida e esgotada, me questionando se tinha sido estupro ou não, se a culpa era minha ou não. (ANIMA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

Essa merda que a gente fica por ser mulher, fica sempre 'ai eu poderia ter evitado'. Porque eu sei sabe, eu sei que eu preciso me cuidar sabe, mas eu escapoli alí no rolê, bebi demais. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Ah, talvez isso. Eu me sinta culpada, mas é aí talvez uma culpa por ser mulher né, não uma culpa pela questão [referindo-se a violência sexual] porque não permiti mesmo, não me deram chance de permitir. (BOUDICCA, Ponta Grossa, 21 de julho de 2015).

A culpa torna-se um obstáculo no processo do empoderamento das mulheres, pois o empoderamento deveria ser justamente algo para auxiliar na reconstrução do trauma, mas, como as mulheres sentem-se culpadas, a reconstrução é algo um pouco mais demorada.

A fala torna-se tão importante, pois é o momento em que elas começam a expor o que ocorreu, escutar-se, e, construir uma organização de pensamento para sistematizar a violência. Uma vez que, durante muito tempo, o sentimento de culpa acarretou o silêncio, e este construiu no corpo dessas mulheres uma prisão pelo medo de não serem compreendidas, ou serem desapontadas.

Esse capítulo analisou a organização do discurso feminino sobre a violência sexual sofrida e sua relação espacial. Ficou evidente que a relação com os agressores é complexa, na medida em que são, na maioria das vezes, pessoas que fazem parte de seu círculo de afetos. A 'casa' coloca-se como um espaço ambíguo à proporção que é significado como local de sofrimento, quando se trata da casa dos familiares e de local de alívio, quando se trata de sua própria casa. O 'corpo' aparece aqui como uma escala pessoal, como um limite que foi invadido e ferido. Enfim, o capítulo trouxe a voz das vítimas de violência sexual e as representações de si e dos espaços instituídos na experiência da violência.

CAPÍTULO IV

EXPERIÊNCIA DA VIOLÊNCIA SEXUAL, ESPAÇO E RECONSTRUÇÃO

E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar.
Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje é ela é um também!
(Desconstruindo Amélia – Pitty)

O capítulo tem por objetivo evidenciar o espaço na recomposição da vida das mulheres que sofreram violência sexual. O discurso das mulheres entrevistadas apresenta uma rede semântica que explora o trauma, mas também os caminhos de recuperação. No capítulo anterior foi evidenciado que o espaço da casa e do corpo constituía de forma marcante a experiência da violência sexual. Nesse capítulo será analisada a forma como o espaço compõe o processo de recuperação. (ver Figura 6 exposta no capítulo I em que foi evidenciada a rede semântica que mostra a polarização do discurso das vítimas de violência sexual que não apenas discutem o trauma, mas a forma que buscaram para sobreviver a ele).

Um dos aspectos marcantes do desenvolvimento dessa pesquisa foi a forma como ela provocou um processo reflexivo não apenas por parte de quem pesquisa, mas por parte das pessoas que colaboraram com seus depoimentos.

Reflexibilidade, segundo Rose (1997), refere-se a uma estratégia para evitar a falsa neutralidade e universalidade do conhecimento acadêmico, sendo esse conhecimento situado, ou seja, a necessidade de situar o conhecimento baseia-se no argumento de que o tipo de conhecimento feito depende de quem o está produzindo (ROSE, 1997). A preocupação com a reflexibilidade durou toda a trajetória desse trabalho. Uma vez que eu também me coloquei enquanto uma mulher que sofreu violência; produzi um conhecimento situado a partir disso e as entrevistadas construíram uma relação comigo, com base nesse acontecimento, mas também, em grau de proximidade, amizade. Rose (1997) também argumenta que o conhecimento situado é produzido em circunstâncias específicas e que essas circunstâncias o formam de alguma maneira.

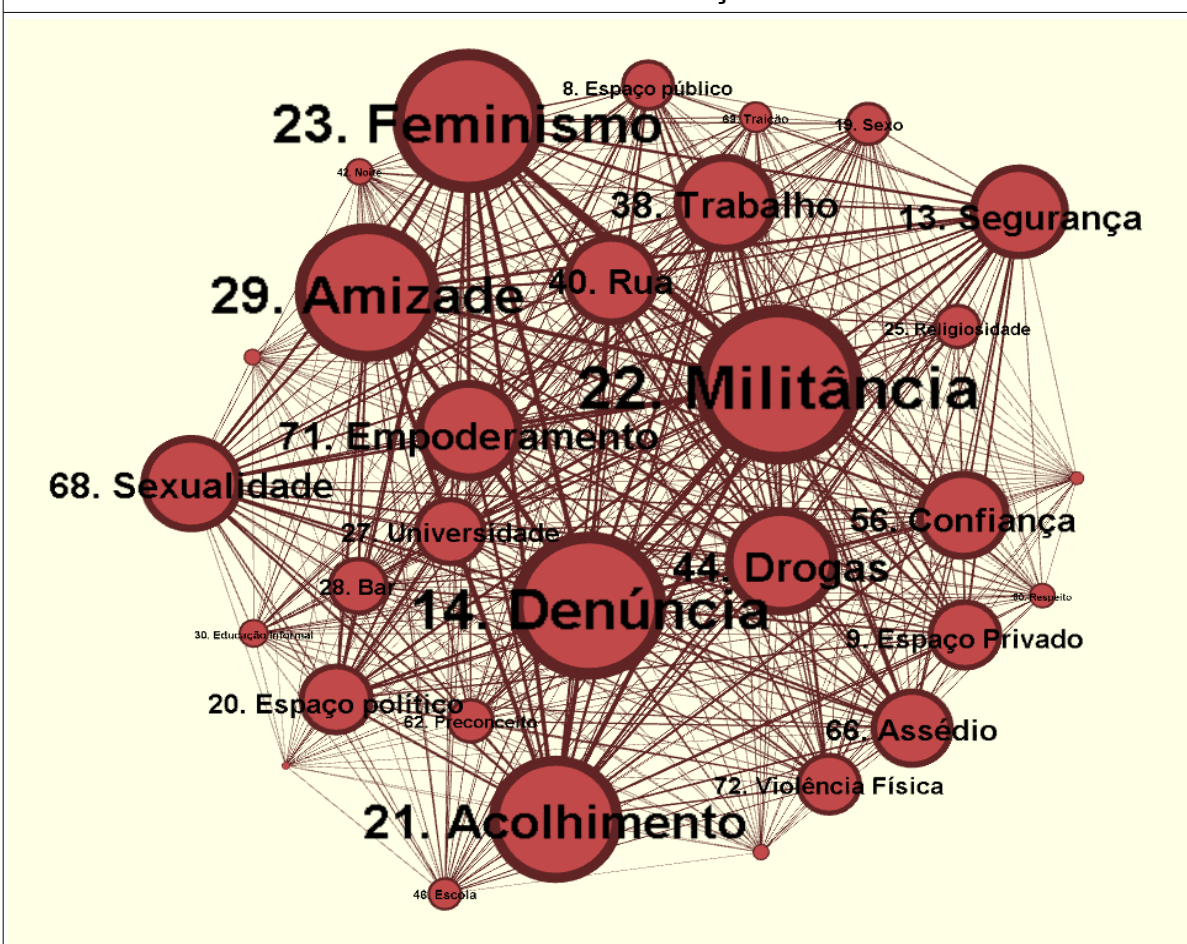
As entrevistas realizadas provocaram um processo de reflexão por parte das mulheres que acabaram por discutir a experiência da fala sobre a violência sexual e

de como esse processo foi um passo importante para quebrar o silêncio em torno do seu sofrimento. Makeda e Boudicca (2016), em conjunto, expressam suas reflexões sobre a colaboração com a produção dessa pesquisa. Segundo elas,

Ser mulher nesta sociedade tem a marca cotidiana da falta de espaços nos quais possamos nos expressar de forma mais livre e transpor nossos próprios limites na exposição das nossas sombras. Os locais chamados seguros e acolhedores que são transversais em nosso cotidiano cumprem muito mais o papel de disciplinar, mantendo-nos coerentes aos padrões estabelecidos. Isso aumenta nossa insegurança, silenciando nossos corpos, quando pensamos em nos expor, conversar francamente com família ou amigos. A falta de espaços para que esse sofrimento privado venha à tona tem um objetivo. Esse mecanismo possibilita que a constante violência e dominação pelas quais as mulheres passam, continuem restritas às nossas realidades individuais. Pior que isso, o comportamento julgador direcionado às mulheres e o cerceamento das nossas potencialidades diante do subjugado são vistos como naturais, não saltam em frente aos olhos, não assustam ninguém. Aliás, sempre foi assim, é o que dizem. O que alarma as pessoas é a denúncia, é a manifestação da vítima. Tudo em nome da aparência. ‘ – Não denuncie porque todos vão saber, é vergonhoso, ninguém vai acreditar’. É recente o avanço ocorrido nas leis brasileiras e o reconhecimento da necessidade de garantir a responsabilização dos agressores. Mesmo com a construção dos canais de denúncia, a mulher não está pronta para compreender o processo pelo qual passou, o que resulta em uma pequena parcela de casos notificados. Esse raciocínio pode nos ajudar a compreender a pequena expressão dessa problemática em diversos âmbitos. As pessoas não estão falando sobre violência sexual e não querem assumir sua existência. O mesmo ocorre no contexto acadêmico. É necessário quebrar o silêncio da violência sexual colocando o debate nos espaços em que estamos inseridas, o que vai ao encontro dos objetivos pessoais da pesquisadora. Surge para nós como um alívio, pois tivemos alguém que nos ouviu e a nos compreendeu. É importante destacar que para muitas das participantes, esta pesquisa foi o primeiro canal de expressão. Uma proposta desafiadora, pois dá visibilidade para o tema dentro de um paradigma tão conservador como o saber científico. A experiência de construir a narrativa sobre a violência que sofremos, nos leva a ouvir-nos pela primeira vez, resgatando memórias em que insistíamos em fugir por serem uma parte dolorosa das nossas histórias. Ceder às entrevistas nos abriu feridas nunca expostas antes. Por outro lado, foi também uma experiência libertadora, entender que não há por que sentir culpa ou vergonha, algo que parece simples, mas que convivemos diariamente. O lugar dado pela pesquisadora a nós despertou um processo de empoderamento arrebatador, que não nos permite mais reviver a violência de forma apática e resignada. Agora, deparar-nos com outras situações de violência e com a nossa própria, pressupõe maturidade, furor e coragem. A violência já não nos enterra, mas nos desperta para assumirmos o protagonismo da nossa própria existência e estimular outras mulheres a reconhecer suas histórias e encará-las de frente. (MAKEDA e BOUDICCA, Relato sobre a colaboração da entrevista enviada, 2016).

O discurso das colaboradoras Makeda e Boudicca (2006) traz a necessidade de se evidenciar o trauma, mas também as formas que essas mulheres encontram para lutar contra a violência sofrida e também pela mudança social. A Figura 23, a seguir, evidencia as categorias centrais dos discursos em torno da recuperação do trauma da violência sexual.

FIGURA 23 – Comunidade Semântica 'Reconstrução'



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

Ao passo que a Figura 24, dados evidenciados já no capítulo anterior, demonstra, os valores referentes ao grau ponderado, os quais nos levaram a selecionar cinco categorias de maior repetição e arestas, por serem essas as mais expressivas: ‘Militância’, ‘Denúncia’, ‘Feminismo’, ‘Acolhimento’ e ‘Amizade’. A

seleção dessas palavras, deixa bem elucidado o fato de que existem atrelados aos lados da reconstrução, o acolhimento e as ferramentas de luta.

FIGURA 24 - Tabela Grau Ponderado do Laboratório de Dados da Comunidade 'Reconstrução'

Nodes	Id	Label	Nat	G...	Wei...	Ec...	Closeness Centrality
22. Militância	22. Militância	22. Militância	Cat	67	3359.0	1.0	1.0
14. Denúncia	14. Denúncia	14. Denúncia	Cat	67	3113.0	1.0	1.0
23. Feminismo	23. Feminismo	23. Feminismo	Cat	67	3036.0	1.0	1.0
29. Amizade	29. Amizade	29. Amizade	Cat	67	2920.0	1.0	1.0
21. Acolhimento	21. Acolhimento	21. Acolhimento	Cat	67	2678.0	1.0	1.0
44. Drogas	44. Drogas	44. Drogas	Cat	67	2288.0	1.0	1.0
71. Empoderamento	71. Empoderamento	71. Empoderamento	Cat	67	2148.0	1.0	1.0
38. Trabalho	38. Trabalho	38. Trabalho	Cat	67	2086.0	1.0	1.0
68. Sexualidade	68. Sexualidade	68. Sexualidade	Cat	67	2058.0	1.0	1.0
13. Segurança	13. Segurança	13. Segurança	Cat	67	2007.0	1.0	1.0
40. Rua	40. Rua	40. Rua	Cat	67	1928.0	1.0	1.0
56. Confiança	56. Confiança	56. Confiança	Cat	67	1889.0	1.0	1.0
66. Assédio	66. Assédio	66. Assédio	Cat	67	1684.0	1.0	1.0

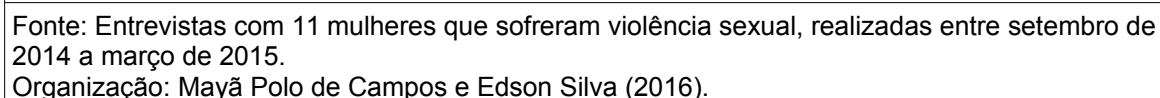
Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.

Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

O capítulo está estruturado a partir da configuração do discurso das entrevistadas. Na primeira seção está analisada a forma como elas organizam estratégias para constituir espaços de enunciação para seu sofrimento, e na segunda seção serão analisadas as estratégias de luta social e pessoal.

4.1 ESPAÇOS DE ENUNCIAÇÃO SOBRE O SOFRIMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

A Figura 25 evidencia que falar sobre a violência sexual é um ato de empoderamento e libertação. A ajuda, muitas vezes, está relacionada apenas ao espaço de ter seu sofrimento acolhido e compartilhado com outras pessoas em geral, outras mulheres que podem ser da família, como mães, irmãs e amigas que muitas vezes estão atreladas aos grupos de militância feminista. A imagem masculina não é central nas redes de apoio, apesar de alguns relatos de amigos. Contudo, em geral, as figuras masculinas de apoio são namorados de relações heterossexuais.



O sentido da 'ajuda' na estrutura discursiva das mulheres está relacionado ao acolhimento do sofrimento. Algumas vezes o acolhimento dá-se pelo compartilhamento da experiência da dor com outras mulheres que também sofreram violência.

São minhas amigas, principalmente as minhas amigas mais próximas mulheres e que entendem tudo, que tem um olhar mais sensível assim pelo que eu passei assim [referindo-se a violência sexual

sofrida]. Num segundo momento né, nas pessoas que passaram por isso [referindo-se a violência sexual]. Porque é só elas que entendem, que vão entender. E que a gente vai compartilhar e que a gente vai perceber muita coisa parecida assim. (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Não deixar passar isso [referindo-se a violência sexual] adiante sabe. Tentar ajudar outras mulheres que passaram por isso assim sabe, tentar conversar com outras mulheres que passaram por isso. (NZINGA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

A figura materna é contraditória, na medida em que o 'falar' para a mãe significa romper com os mecanismos do segredo da violência, quando ela acontece na família. Quando o agressor é um ente familiar e faz parte das relações afetivas da mãe, nem sempre o apoio e acolhimento é imediato, já que o sofrimento também passa a ser dela que tem que enfrentar os desafios diante do agressor. Makeda enfrentou e enfrenta essa contradição até hoje. Seu agressor, o irmão mais velho faz parte da convivência familiar e em alguns trechos, a entrevistada aponta que ele é o 'filho preferido' da sua mãe. A entrevistada não consegue fazer a denúncia para a mãe, pois não quer estender seu sofrimento para sua genitora.

Eu não, não consigo falar. E hoje eu nem pretendo falar assim, mas por todo o transtorno que ia causar nas outras pessoas (família). Eu acho que eu ia atingir muito mais outras pessoas, do que ele próprio. Então eu não ia gostar de ver isso, eu não aguentar vê isso e ter que reviver de novo, vai ser bem dolorido assim. E por toda a relação construída né, ele é o filho mais velho, ele é o filho preferido da minha mãe. (MAKEDA, Ponta Grossa, 20 de junho de 2015).

A ajuda também se faz por meio de leituras de textos de outras mulheres feministas que se tornam espaços de arrefecimento da dor.

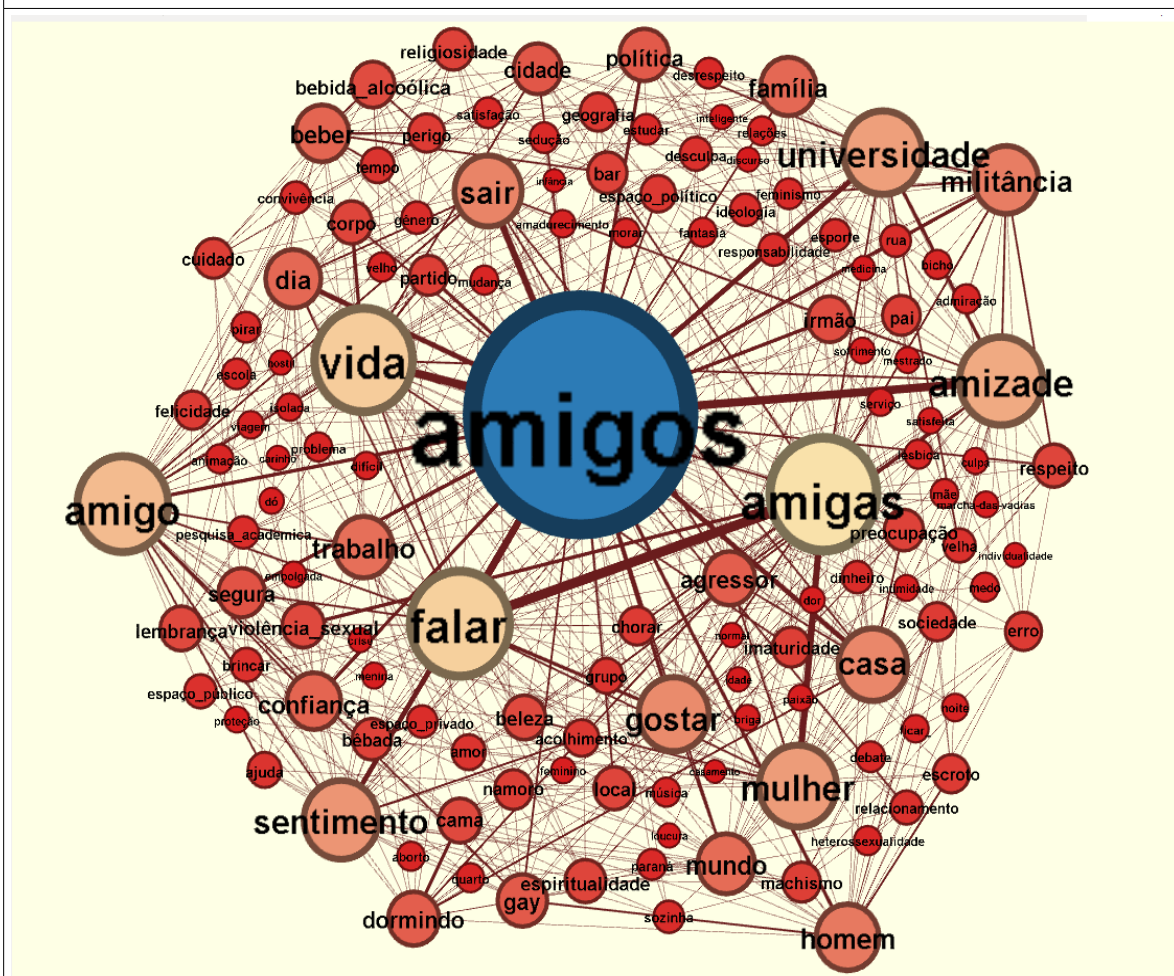
Me fez entender, me fez buscar, me fez, me amparar no feminismo por exemplo. Que foi uma coisa que me amparou foi leituras feministas, que eu entendi a luta pelo direito das mulheres assim. Porque a gente é muito oprimida, até hoje, não importa. (...) Nunca, nunca. Meu apoio foi nos livros, que quando eu comecei a ler sobre aquilo [referindo-se a violência sexual] e a entender, eu me sentia abraçada pelos autores. Quando eu lia, eu entendia, foi errado. Porque quando eu conto pra alguém é só 'hmm'. Que nem quando eu contei pra minha mãe, '-Ah é? Tá bom, então não quero fala disso'. Pra minha irmã também, '-Nossa, sério? Então tá bom. Foi só e eu sei que as reações serão assim. (ZENÓBIA, Ponta Grossa, 22 de julho de 2014).

Foi quando eu comecei a juntar a conversa da minha vó, que tipo o

que ela falou pra mim tá até hoje na minha cabeça, todas as palavras dela e o que eu tinha lido, que todo mundo sempre fica com sentimento de culpa, e que eu percebi que eu era uma criança entendeu. Eu fiz magistério, então eu estudei psicologia, eu estudei filosofia, tudo da vida da criança e realmente não tem, não tem onde pôr a culpa. Foi aí que eu percebi que o problema não era comigo era com ele [referindo-se ao agressor] (YODIT, Ponta Grossa, 19 de maio de 2015).

O suporte de pessoas de fora da família é fundamental, já que muitas vezes é a própria família um elemento gerador da violência sexual. Embora as mulheres que falam da violência sexual apontem para as redes de amizade como um elemento de acolhimento da experiência, empatia e solidariedade, há uma diferença marcante entre amigos do sexo feminino e masculino. A Figura 26, a seguir, evidencia a centralidade da 'amizade' para expressão do sofrimento.

FIGURA 26 - Comunidade Semântica 'Reconstrução' – Categoria 'Amizade'



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.
Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

Contudo, a expressão do sofrimento é mais bem acolhida entre as amizades femininas, como se ocorresse algo que os amigos homens não conseguissem alcançar na compreensão do significado profundo da violência sexual. Os amigos do sexo masculino apoiam-se de diferentes formas, em geral, sem estabelecer profunda empatia pelo sofrimento da violência sexual, como esclarece Makeda.

Com o [nome de um amigo do sexo masculino] ou com o [nome de um amigo do sexo masculino] assim, então, não são assuntos mais sérios assim, são coisas mais do tipo descontraídas. Eu vou conseguir falar são coisas mais leves assim, descontraídas. (MAKEDA, Ponta Grossa, 20 de junho de 2015).

A empatia maior ocorre entre mulheres, como se apenas as mulheres conseguissem trocar a experiência da violência sexual a partir de um ponto de referência emocional comum entre elas, como evidenciam os relatos a seguir.

A primeira vez eu chorei né, bastante. Foi junto com muito choro que eu falei. Era um grupo de amigas né, as meninas feministas assim, o coletivo. Elas me acolheram assim sabe, foi aquela coisa de sentir a dor né. Eu senti isso assim que elas nossa. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Então, eu acho que são essas pessoas assim, são pessoas pontuais assim. São minhas amigas, principalmente as minhas amigas mais próximas mulheres e que entendem tudo, que tem um olhar mais sensível assim pelo que eu passei assim [referindo-se a violência sexual] (MAKEDA, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

E daí, as mulheres que estavam comigo, as minhas amigas, elas começaram a falar assim, que eu sou uma pessoa. É, foi muito bonito, porque ela começou a chorar junto comigo e falou assim: '— meu você é uma das pessoas mais legais que eu conheço, onde você vai você consegue conversar com as pessoas, as pessoas gostam de você. (ANIMA, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

Na estrutura discursiva das mulheres que sofreram violência sexual, as instituições formais de justiça não aparecem como fonte de acolhimento de sua dor. Pelo contrário, ir a uma delegacia ou prestar uma queixa formal parece ser um sofrimento a mais que elas podem ser submetidas. As redes informais de apoio têm sido fundamentais para que a vida continue a ser vivida, apesar da dor que acompanha o cotidiano dessas mulheres.

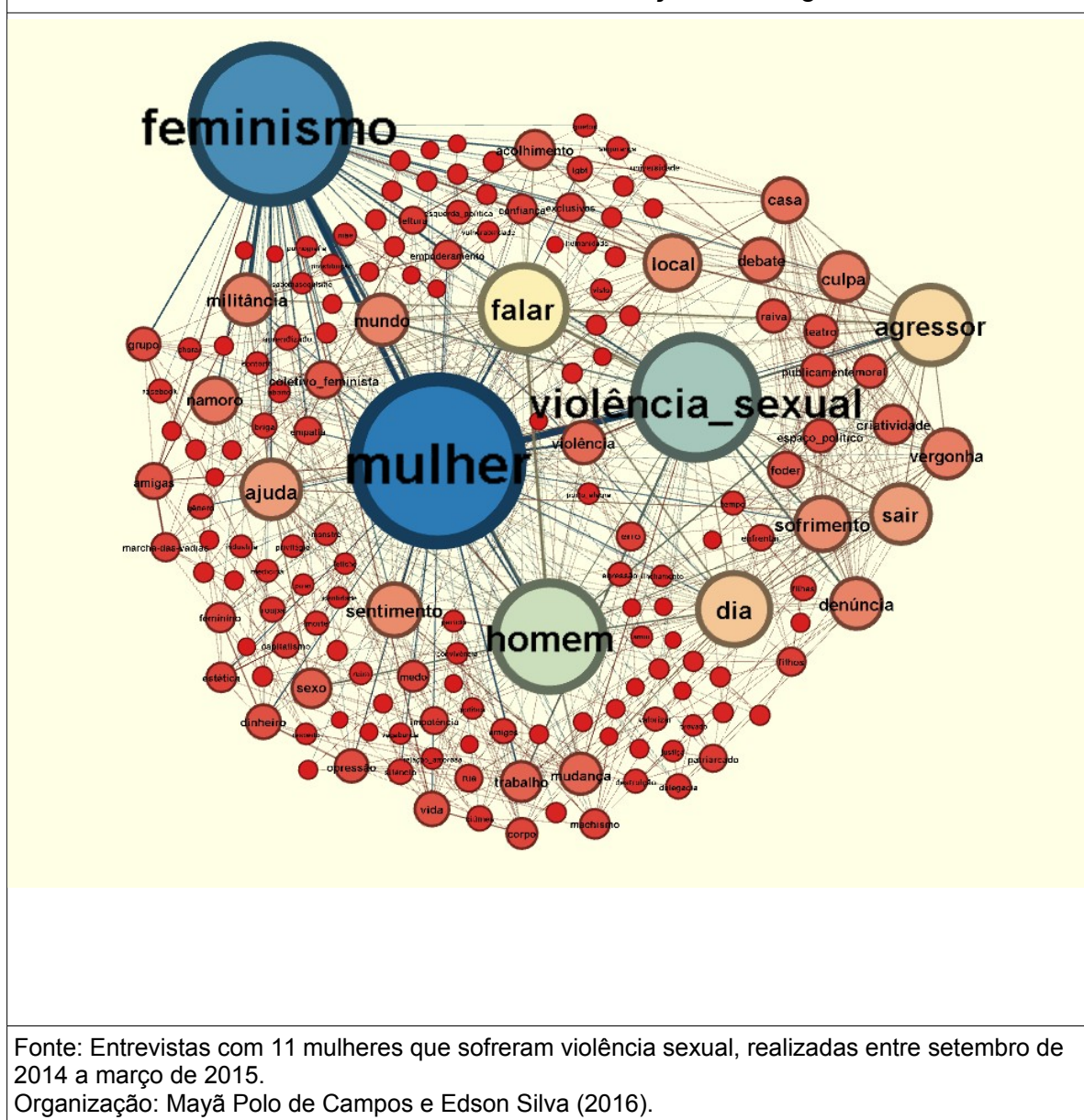
4.2 OS CORPOS FEMININOS E OS ESPAÇOS DE RECUPERAÇÃO: RESISTIR É PRECISO!

A pesquisa evidenciou que o corpo feminino compartilha a experiência da violência em dois sentidos. O primeiro é que majoritariamente a pessoa vítima da violência sexual é do sexo feminino. O segundo é que as pessoas com as quais a experiência é compartilhada, acolhida e tratada com respeito e empatia são também redes de mulheres. Embora o feminismo não seja uma atividade 'de mulheres' e que não pode ser restrito a uma anatomia corporal, há no movimento feminista uma reunião de corpos femininos que dividem uma identificação própria por meio da

experiência de violência sexual. O feminismo tem sido fonte de alívio para algumas das mulheres violadas, evidenciando, como argumenta bell hooks, as potencialidades que se abrem para a mudança social, quando o feminismo torna-se simultaneamente teoria e prática.

Se criarmos teorias feministas e movimentos feministas que falem com essa dor, não teremos dificuldade para construir uma luta feminista de resistência com base nas massas. Não haverá brecha entre a teoria feminista e a prática feminista. (bell hooks, 2013, p. 104).

A centralidade do feminismo na rede discursiva das mulheres que sofreram violência sexual não pode ser generalizada. Pelo contrário, esta estrutura discursiva é própria do grupo que colaborou com a pesquisa e que está composto de várias pessoas que participam do movimento feminista. É preciso considerar a especificidade desta participação política. Contudo, não se pode negar a força com que o feminismo apareceu como elemento de recuperação e empoderamento das mulheres entrevistadas. A Figura 27 evidencia que uma das formas para lutar contra a violência sexual é quebrar o tabu de se falar sobre o assunto, e que o movimento feminista é um espaço próprio constituído para isso:



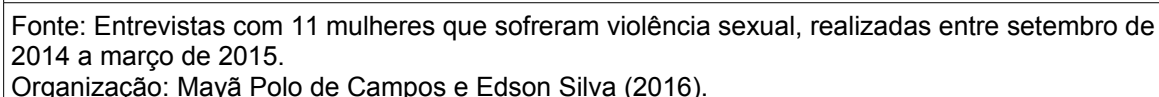
As mulheres só se sentem plenamente empoderadas quando auxiliam no processo de empoderamento de outras mulheres, como aponta Freire (1986), ao falar sobre a superação da opressão por determinados grupos. A formação das redes de apoio é fundamental para o auxílio de outras mulheres e de si próprias. Estar constantemente em diálogo com grupos de outras mulheres feministas foi um elemento importante para constituir o empoderamento após a violência sexual, como pode ser visto a seguir.

Porque a gente é muito oprimida até hoje, não importa. E até por isso que eu quero trabalho com o feminismo. Mais uma, mais um trabalho feminista aí pra dar assistência. (ZENÓBIA, 22 de julho de 2014).

Porque eu tenho uma postura de militante né, sou feminista me considero uma mulher empoderada. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Atualmente eu acredito numa vida mais feminista e levo isso. Problematizo toda minha situação diária, sempre buscando ter mais empatia e solidariedade com as mulheres mesmo e problematizando todos os meus atos. (YENNENGA, 22 de julho de 2014).

No processo de militância no feminismo (Figura 28), as mulheres que sofreram violência sexual puderam construir os espaços de alívio da dor por meio do compartilhamento do sofrimento. O compartilhamento no processo de militância inclui a enunciação da violência, tornar a experiência aversiva em um relato que pode ser em forma de poesias, músicas, manifestações políticas e assim por diante.



Eu não quero mais esconder o que aconteceu [referindo-se a violência sexual] ou o que deixou de acontecer. Se tiver que dar visibilidade, se tiver que contar, se tiver que, eu vou fazer. Pra que outra olhe pra mim e diga isso também aconteceu contigo. Porque daí vão perceber que não estão sozinhas, só isso. De entrar em movimentos assim. Talvez se eu não tivesse passado por isso, talvez eu não sei como seria minha vida hoje. Por isso que eu queria ir na marcha sábado, por isso que eu to percebendo que não é o silêncio que faz dar resultado, nesse país ou tu grita de alguma forma ou ninguém escuta nada ninguém dá ouvido. (KAHINA, Porto Alegre, 05 de novembro de 2014).

Então, isso [referindo-se a violência sexual] influenciou assim na minha vida hoje em dia. Porque eu consigo ter até uma base mais firme, até pra mim poder lutar por isso, lutar por esses direitos assim. (ZENÓBIA, Ponta Grossa 22 de julho de 2014).

E eram coisas que não eram pra serem desse jeito. E foi uma coisa, uma troca muito grande de ideia assim sabe. A gente começou a fazer todo o esquema de cantar no putinhas aborteiras, de tipo ajudar outras mulheres que precisavam sabe. (NZINGAa, Porto Alegre, 10 de novembro de 2014).

Na Figura 28 é notória também a presença da palavra ‘mulher’, pois é na imagem feminina que elas encontram apoio na luta feminista. Um dos pontos que identificamos, nesse caso, dá-se pelo crescente número de organizações políticas exclusivas, ou seja, organizações em que se compreende que as mulheres precisam de um espaço exclusivo para se sentirem confortáveis, pois a violência contra a mulher tem como principal agressor os homens, e essas organizações aparecem nas falas das entrevistadas.

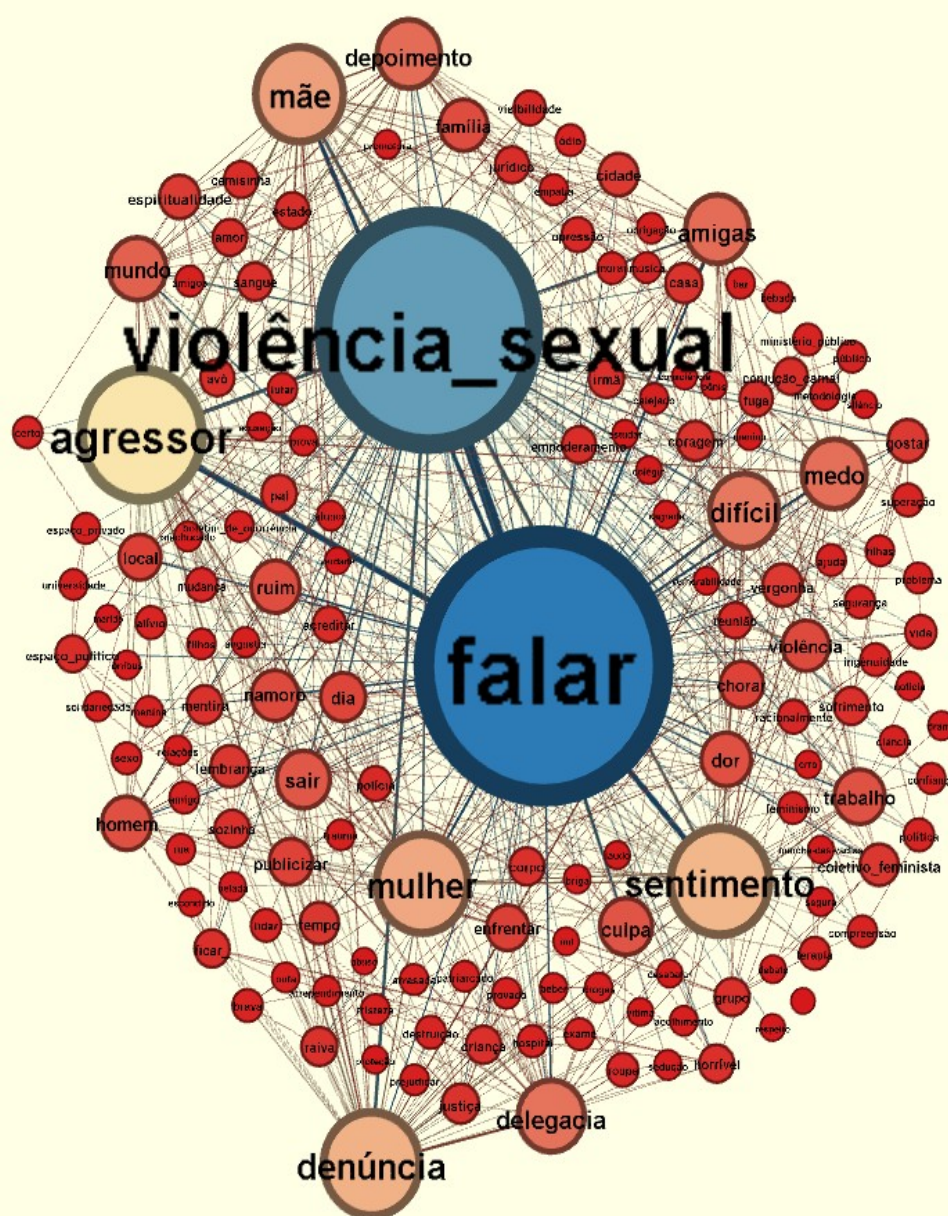
Além disso, as organizações se justificam pelo sentimento de segurança que as mulheres encontram para falar sobre experiências traumáticas para outras mulheres e não para outros homens com o medo do julgamento, uma vez que as mulheres compartilham de sentimentos e sensações muito parecidas em relação à violência.

A Figura 28 traz a denúncia como importante fator na estrutura do discurso ligada ao feminismo. Contudo, apenas duas das pessoas entrevistadas fizeram denúncia nas instituições legais. Das duas denúncias que foram realizadas, uma delas foi realizada pela mulher e a outra pelo Ministério Público. A que foi realizada pela vítima Boudicca, em dezembro de 2014, até o momento não existe nenhum resultado. Já a denúncia da violência sexual sofrida por Yennenga foi realizada pelo Ministério Público. Yennenga havia fugido de casa, pois sua mãe tinha ameaçado mandá-la morar com o pai biológico, que no caso era o seu agressor. Ela passou um tempo desaparecida e sua mãe pediu auxílio à polícia militar, quando ela foi encontrada e a polícia indagou-a sobre o motivo do seu desaparecimento, Yennenga relatou que havia sido abusada pelo pai biológico e que não queria morar com ele. Nesse momento, mesmo que o objetivo de ter relatado não tenha sido necessariamente a denúncia, por ela ter 14 anos, o próprio Ministério Público

realizou a queixa, e, anos depois, Yannenga descobriu que ela havia sido arquivada.

A centralidade da denúncia está ligada ao discurso da necessidade de quebrar o silêncio que a maioria delas não conseguiu fazer. Isso reflete a incapacidade das instituições fortemente patriarcais de lidar com a violência sexual.

FIGURA 29 - Comunidade Semântica 'Reconstrução' – Categoria'Denúncia'



Fonte: Entrevistas com 11 mulheres que sofreram violência sexual, realizadas entre setembro de 2014 a março de 2015.
Organização: Mayã Polo de Campos e Edson Silva (2016).

O medo de denunciar, de expor a si mesma às críticas e culpabilização social, de reviver o sofrimento faz com que a denúncia formal não seja uma opção para a busca de justiça e empoderamento. Contudo, as denúncias informais, por meio de ações políticas, onde falar sobre o assunto fica diluído nas iniciativas coletivas, têm sido uma boa alternativa para expressar a dor e a revolta, como pode ser visto a seguir.

A gente fez uma atividade em relação a isso [referindo-se a violência sexual] em frente a todos os alunos do curso de história. Eu li o meu relato e todo mundo sabe de quem eu falei. Eu falei que isso aconteceu comigo e que foi um cara da história e tal, todo mundo sabe. (BOUDICCA, Ponta grossa, 21 de julho de 2015).

O movimento política do feminismo ajudou as mulheres a realizar as denúncias contra o seu agressor porque encontram apoio coletivo. Contudo, muitas delas entraram no movimento muito tempo após a violência ter ocorrido. Na época da agressão a sensação era de isolamento e vulnerabilidade. De dentro do movimento feminista elas refletem a importância de ter realizado a denúncia formal, mesmo com as complicações que isso pudesse ocorrer, como evidenciam os trechos em que as entrevistadas encorajam outras mulheres a denunciar um fato pessoal para que a mudança social ocorra.

Eu falaria assim, é, utilizem toda, toda essa energia de, de raiva, de culpa ou o que quer que seja que você tem em relação a violência que você sofreu. Transforme isso em criatividade pra você poder foder esse cara moralmente e publicamente de todas as formas mais criativas possíveis. Com teatro, com carta, com, com espaço político, com debate sobre a questão, é denunciando o nome dele que ele vai ter vergonha de sair da casa dele. Eu acho que o efeito de você é, tipo fazer isso, publicar isso e dá muita força é você proporcionar as pessoas, é a primeira reflexão que elas vão ter sobre isso, é essa, é tipo foi um estupro entendeu. (BOUDICCA, Ponta grossa, 21 de julho de 2015).

Pra elas nunca deixarem que isso [referindo-se violência sexual] fique atrapalhando o eu delas entendeu, o que elas realmente são. Pra não deixar que isso estrague a essência delas e que se acontecesse tipo, tem que denunciar, eu não denunciei, mas eu acho que cada vez mais a gente deveria denunciar, sempre que acontecesse. Porque se não, isso sempre vai acontecer e o pessoal não vai ter ciência, vai achar que não existe. Denunciem. Por mais que eu entenda a implicação disso, de denunciar e de como que mas, denunciem, sabe. Não guarde pra você por que é muito doloroso isso de guardar. Não

dá pra lidar sozinha sabe, dá, deu, lidei por muito tempo sozinha, mas eu sinto que eu comecei a lidar melhor quando eu externalizei, sabe. Acho que seria isso mesmo, denunciem sabe. Porque não, não é, a culpa não é nossa sabe. Não é porque a gente tá numa situação de vulnerabilidade que aquilo [referindo-se a violência sexual] deveria acontecer comigo, com a gente assim. (NANNY, Ponta Grossa, 26 de junho de 2015).

Este capítulo evidenciou a instituição dos espaços de recomposição da vida das mulheres que sofreram violência sexual. As mulheres se organizam para aliviar o sofrimento, a culpa e a dor da violação de seu espaço pessoal e íntimo que é o corpo. Mas é por meio dos corpos violados que elas constituem as identidades e caminhos de superação que fazem parte das redes de amigos e de militância política. Essas mulheres, apesar de não terem encontrado nas instituições formais legais um caminho para justiça, lutam e constroem formas próprias de enunciação da dor. O movimento feminista e o empoderamento das mulheres vítimas de violência sexual é um caminho para pressionar as mudanças necessárias na sociedade contemporânea e enfrentar esse problema com a seriedade que ele merece.

O feminismo, a militância e a denúncia, tornam-se uma tríade para o combate à violência sexual e uma base sólida para o empoderamento, tanto de mulheres vítimas de violência, quanto para que mulheres não se tornem vítimas, uma vez que a denúncia realiza o papel de fazer com que o fenômeno torne-se conhecimento público. O feminismo como uma ferramenta para capacitar as mulheres tanto cientificamente como politicamente, e a militância como luta diária que sustenta e é sustentada pelos dois outros suportes.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como questão central: Como as mulheres significam a relação entre corpo e espaço a partir da experiência da violência sexual?' Para responder esse questionamento, foram exploradas as representações que as vítimas constroem de si, suas experiências corporais e como o espaço se institui na experiência da violência sexual.

A influência das obras de bell hooks (2013) e Gilian Rose (1993) é marcante no resultado obtido por esta investigação. A escrita pessoal, engajada de bell hooks evidencia que a teoria não é impessoal. Aprendi com as feministas negras que o pessoal é político e, a partir desses dois pontos, compreendi que não há como fazer ciência sem considerar que a minha história de vida, segundo a forma como eu mesma me relaciono com o mundo, influencia nos resultados da pesquisa. As colocações de Rose (1993) chamam a atenção pela forma como a pesquisa constitui-se também da relação que se estabelece entre pesquisadoras e pesquisadas, fato que foi considerado, aqui, nessa dissertação. Foi fundamental reconhecer as emoções, as relações de poder que se fazem no processo de realização das entrevistas que acabaram sendo minha principal fonte de informações.

Assim, os resultados possíveis de serem apresentados aqui foram construídos de forma relacional, envolvendo não apenas minhas posições, mas também as das pessoas que colaboraram com esta pesquisa.

Como ponto fundamental desta pesquisa, é possível afirmar que as significações entre corpo e espaço e sujeito e espaço, construídas pelas pessoas que sofreram a violência sexual, não possuem separação. Porque para essas pessoas, o corpo é também um espaço íntimo, marcado pela experiência da agressão.

O corpo como espaço íntimo é violado por pessoas que fazem parte do universo de relações afetivas das vítimas. São, em geral, homens, que fazem parte da família ou das relações de intimidade como amigos, namorados ou profissionais. Em apenas um caso, o agressor era desconhecido da vítima.

A experiência da violência constitui um sentimento de culpabilização pela agressão sofrida; e esse elemento é que sustenta o silenciamento em torno do

fenômeno. Elas culpam a si mesmas, seus corpos e, em alguns momentos, acreditam terem sido complacentes à violência, mesmo tratando de uma violência sofrida no período da infância ou em estado de vulnerabilidade.

O silêncio é ao mesmo tempo um sofrimento, mas uma estratégia de autoproteção. Nove, das onze mulheres entrevistadas não realizaram denúncia em instituição especializada. Sendo que dos dois inquéritos abertos, um deles foi arquivado e o outro que foi aberto em 2013, até hoje não se tem notícias do rumo da investigação.

A escala relacional entre corpo, casa e cidade é ponto fundamental dessa dissertação, uma vez que foi a partir da escala que compreendi que o corpo é também uma escala geográfica, como visto em Martson (2000). O autor aponta que as escalas são correlacionais, sendo elas: Global, Nacional, Regional, Urbano e Corpo. A representação de escala adequada para esse trabalho foi a que o autor chamou de 'toca de minhoca' por não ser hierárquica, compreendendo que a organização escalar pode ser tanto da escala corporal para a global, quanto o contrário, dando assim uma noção de continuidade e gerando tensões entre estruturas e práticas sociais.

O próprio processo de pesquisa e o rememorar de suas doloridas experiências junto com outras mulheres acabou por criar espaços de empoderamento. As mulheres começam a entender que a culpa não é delas, que ser mulher e carregar essas marcas corporais, como já visto em Louro (2008), o corpo carrega as marcas e essas marcas dialogam com o 'outro', bem como Pollak (1992), quando traz a discussão da representação identitária, não faz delas cúmplices da violência sexual.

O empoderamento discutido por Freire (1986) é justamente um processo que só tem sentido coletivamente. E nesse momento, faz-se importante trazer um termo muito utilizado pelo feminismo: a sororidade, que nada mais é que a solidariedade entre as mulheres.

O corpo é, portanto, tanto o espaço do sofrimento da violência e da culpa, como é espaço de libertação, na medida em que as mulheres compreendem que tomar posse de seu próprio corpo e lutar por seus direitos pode ser um caminho de autonomia de si, mas também da sociedade como um todo.

O espaço, nesse sentido, é complexo, não apresenta apenas uma direção. Essas mulheres são simultaneamente vítimas e guerreiras que lutam pelo direito aos seus corpos, sua casa e sua cidade.

Portanto, a questão colocada como instigação de pesquisa em compreender como as mulheres significam a relação entre corpo e espaço a partir da experiência da violência sexual trouxe como resultados o desafio da compreensão do corpo como espaço pessoal, tanto de violência como de libertação. Evidenciou também que o fenômeno da violência exige que a Geografia pense a partir de escalas espaciais relacionais e que considere, cada vez mais, o processo metodológico, as emoções e sentimentos como partes constituintes da pesquisa geográfica. Além disso, esta pesquisa trouxe várias transformações em mim como pesquisadora e me empoderou enquanto uma pesquisadora feminista. Tenho convicção também que ela trouxe para outras mulheres, vítimas de violência, outras perspectivas que levem à conquista e apropriação dos espaços, aos quais todas as mulheres têm direito.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Miriam Abramovay et al. Brasília: UNESCO, BID, 2000.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Pele de Asno não é só História**: Um Estudo Sobre a Vitimização Sexual de Crianças e Adolescentes em Família. São Paulo: Roca, 1988.

_____. **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1993.

BEAVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Círculo do Livro, 1949/1976.

bell hooks. **Ain't a Woman**: Black Women and Feminism. Boston: South End, 1981.

_____. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. 6. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.

_____. Lei nº12.015, de 07 de agosto de 2009. **Dispõe dos crimes contra a dignidade sexual**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2009.

_____. Lei nº12.845, de 01 de agosto de 2013. **Dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____; ATHANASSIOU. **Dispossession**: The Performative in the Political. Cambridge, 2013.

CAMPOS, Mayã Polo de. **Espaço como componente dos atos de violência sexual na cidade de Ponta Grossa- PR no ano de 2012**. 2013. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

CANÇADO, Adriana Terezinha Mello. Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: Um estudo do incesto na perspectiva de gênero In: **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 154-163, jan. / jul. 2012.

CASTRO, Iná Elias de. "O Problema da Escala". In CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995. p. 117-140.

_____. Análise geográfica e o problema epistemológico da escala. **Anuário do IGEO**, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario1992/vol_15_21_26.pdf>. Acesso em 29 fev. 2016.

COLLINS, Ida. "Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro". In: TRUTH, Sojourner; WELLS, Ida; COLLINS, Patricia Hill; DAVIS, Angela; STACK, Carol; CARBY Hazel; PARMAR, Pratibha; IFEKWUNIGWE, Jayne; ANGLYGATE Magdalene. **Feminismo Negro, una antologia**. Madrid: Lizarra, 2012, p. 99- 131.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato.(Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua**: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil. 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015**. Pinheiros, São Paulo.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: Teoria e Prática em Educação Popular. Petrópolis: Vozes, 3 ed. 1991.

GUILHARDI, Hélio José. Análise comportamental do sentimento de culpa. In A. M.S.

Teixeira, M.R.B. Assunção, R.R. Starling & S. dos S. Castanheira (Eds.), **Ciência do Comportamento: conhecer e avançar**. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002.

HABIGZANG, Luísa F. KOLLER, Silvia H. AZEVEDO, Gabriela Azen e MACHADO, Paula Xavier. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Set-Dez 2005, Vol. 21 n. 3, p. 341-348.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A Editora, 1ª ed. 1992, Rio de Janeiro, 11ª ed. 2006, 102 p.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEROD, Andrew. **Scale**. Abingdon: Routledge, 2011.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAN, Diana. "Género y Violencia: Una Ostentación de Género en cada Concepto". In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro (Orgs.). **Espaço, Gênero e Poder: Conectando Fronteiras**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p.121- 136.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCDOWELL, Linda. **Género, identidad y lugar**. Madrid: Cátedra, 2000.

MARSTON, Sallie A. **The social construction of scale**. Progress in Human Geography, v. 24, n. 2, p. 219-242, 2000.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: Certeau, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, p. 37-69, 1996.

MONK, Janice. "Colocando Gênero na Geografia: Política e prioridades". In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro (Orgs.). **Espaço, Gênero e Poder: Conectando Fronteiras**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 87-104.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World report on violence and health: summary**. Geneva, World Health Organization. 2002. Disponível em: <http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf> Acessado em 28 out. 2014.

POLLAK; Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº10, 1992, p. 200-212.

RÍOS, Maiara Moreira de; Y DE LOS Marcela Lagarde."Sororidad" In: GAMBA, Susana Beatriz. **Diccionario de estudios de género y feminismos**. Buenos Aires: 2009. Adaptado por LAGARDE, Marcela. <<https://we.riseup.net/radfem/definindo-sororidade-marcela-lagarde>>. Acesso em 26 de fev de 2016.

ROSE, Gillian. **Feminism & geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity press, 1993.

_____. "Performing Space". In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Phillip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999, p. 247-259

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, MacDowell Cecília e IZUMINO Pasinato Wânia. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil E.I.A.L. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe**. Tel Aviv. v. 16, 2005.

SCHIAVO, Marcio Ruiz; MOREIRA, Eliesio N. **Glossário Social**. Comunicarte Marketing Cultural e Socila Ltda, 2004. Disponível em: <<http://www.comunicarte.com.br/site-comunicarte/downloads/glossario-social.pdf>>. Acesso em 26 de fev de 2016.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**, Gender and the policts of history. New York, Columbia University Press, 1989.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo gegografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25- 54.

_____; ORNAT, Marcio Jose; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; PRZYBYSZ, Juliana. O corpo como elemento das geografias feministas e *queer*: um desafio para a anáise no Brasil. In SILVA, Joseli

Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Geografias Malditas: Corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013, p. 85-142.

SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria. Ofício, Engenho e Arte: inspiração e técnica na análise de dados. **Revista-Latino Americana de Geografia e Gênero**, v.7, n.1, p. 132- 154 2016.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. **Corpo como espaço**: Um desafio à imaginação geográfica. (no prelo).

SOUZA, Cecília de Mello; ADESSE, Leila. **Violência sexual no Brasil**: perspectivas e desafios. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

STOTZ, Eduardo Navarro; ARAÚJO, José Wellington Gomes. **Promoção de Saúde e Cultura Política**: a reconstrução do consenso. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 5 - 19 maio/ago., 2004.

VALENTINE, Gill. **Social Geographies**: space and society. Harlow: Pearson Education, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**: Os novos padrões da violência homicida no Brasil. [Internet]. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em 26 de fev. de 2016.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. IN: **Estudos Feministas**, v. 9, n° 2, 2001, p. 460-482.

APÊNDICE I

Roteiro de entrevista dirigido

1- Identificação do entrevistado:

Nome (apenas fictício):

Idade:

Escolaridade:

Com quem vive/mora:

Renda (familiar):

Cor:

Razões para contribuir com a pesquisa:

2- Representações sobre si

- O que você pensa sobre você?
- O que você acha que os seus familiares pensam sobre você?
- O que você acha que seus amigos pensam sobre você?
- Como você imagina que as pessoas com quem você se relaciona amorosa/sexualmente pensam sobre você?

3- Sobre as experiências corporais

- Você pode fazer um relato da violência sexual que você sofreu? (sua idade/ tipo de violência / agressor)
- Como foi o processo de sua autocompreensão do episódio sofrido como uma violência? (Como foi quando você entendeu o que tinha acontecido com você? Como foi esse processo?)
- Você já havia falado sobre essa experiência com alguém? Sua família? Justiça? Como foi a recepção das pessoas ao saber deste episódio?
- Quais são os sentimentos e sensações que você tem ao relatar este episódio?
- O que você pensa que este fato influenciou a sua vida?
- Você consegue fazer uma comparação de seus sentimentos/sensações antes e depois desse episódio?
- Como você define a relação entre você e a pessoa agressora antes / depois do episódio de violência? Esta pessoa ainda é presente (física ou emocionalmente) em seu cotidiano ou esporadicamente?
- Quais são os maiores impactos que esse episódio proporcionou em sua vida? O episódio ainda faz parte de seu presente? (ou seja, você ainda sofre violência sexual?)
- Você pode relatar sobre seus sentimentos/ sensações de apoio/acolhimento em relação a esta experiência? Quem? Quais grupos?
- Quais são as suas ações para superar o sentimento/sensação decorrente da violência sofrida?

4- Espaços e significados (também o marco é a violência)

- O que você pensa sobre o local que fez parte da violência que você sofreu?
- Houve transformações do que você pensava em relação a este local antes / depois do episódio de violência?
- Quais são as características deste local que você associa à agressão sofrida?

- Quais são as características deste local que você associa ao seu agressor?
- A violência sofrida influencia sua vivência cotidiana na cidade? Trajetos / atividades de lazer / trabalho / estudo
- Quais são os locais que você evita devido a violência sexual que sofreu?
- Pode falar dos significados dos locais que você mais associa à sensação de vulnerabilidade à violência? Justifique.
- Pode falar dos significados dos locais que você mais associa à sensação de proteção à violência? Justifique.